

Ilustrada C1
Filme 'Klondike: A Guerra na Ucrânia' vê sua relevância explodir com conflito

Equilíbrio B5
Indústria cosmética aposta no ácido hialurônico, que tem contraindicação

Esporte B7
Clubes divergem, mas se aproximam de criar nova liga nacional de futebol



Cena do filme 'Klondike: A Guerra na Ucrânia' Divulgação

Em texto, Supremo dos EUA apoia tirar garantia a aborto

Vaza rascunho com maioria contrária à decisão que ampara procedimento

Documento preliminar vazado da Suprema Corte dos Estados Unidos com deliberações judiciais indica que a maioria dos magistrados é favorável a reverter a decisão histórica que garante o direito ao aborto em todo o território americano. O parecer não é definitivo — este é esperado no fim de junho.

A Corte confirmou ontem a autenticidade do texto, publicado na noite da véspera pelo site jornalístico Politico.

Trata-se de uma minuta assinada pelo juiz conservador Samuel Alito com a opinião majoritária pela reversão de Roe vs. Wade, a decisão tomada em 1973 que resguarda o acesso ao procedimento.

O vazamento, inédito na era moderna para casos em curso, será investigado.

A decisão só vale quando publicada. Hoje, porém, o Supremo abriga cinco juízes conservadores, que acompanharam Alito, três progressistas, e o juiz-chefe John Roberts, conservador moderado cuja inclinação varia.

Publicação do texto gerou protestos e atos de apoio na capital e em outras cidades. A reversão de Roe vs. Wade, um símbolo da conquista de direitos civis no país, não torna o aborto ilegal, mas deixa sualiberação nas mãos de cada estado. Hoje, 24 dos 50 estados tentam limitá-lo e esbarram na jurisprudência de 1973. **Mundo A10**

Fux e Pacheco fazem defesa do processo eleitoral

Diante de ataques de Jair Bolsonaro, os presidentes do STF, Luiz Fux, e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), se reuniram e divulgaram manifestações em defesa do processo eleitoral. Fux recebeu ainda o general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira (Defesa) e relatou compromisso das Forças Armadas com a democracia. **Política A4**

Moraes bloqueia R\$ 405 mil de Daniel Silveira

Política A5

Para jovem eleitor, é possível reverter a falta de interesse

Em conversa com a Folha sobre a participação da juventude nas eleições e a baixa procura pelo título, adolescentes disseram que o uso de memes pode ajudar a combater o desinteresse político e concordaram acerca do peso que influenciadores têm sobre o assunto. **Política A6**

SABATINA FOLHA/UOL

Weintraub critica Tarcísio e fala em unificar polícias

Política A8

Elvis Cezar promete mais agentes e fala em convicção com Ciro

Política A8

Vereador de SP é acusado de fala racista em sessão

A vereadora Luana Alves (PSOL) acusou Camilo Cristóvão (PSB) de proferir a frase "coisa de preto", captada em áudio, durante uma sessão na Câmara Municipal de SP. Ele admitiu a declaração. **A2**



Protesto diante da Suprema Corte pede que 'aborto continue legal' e 'tirem os vetos de nossos corpos'

Win McNamee/Getty Images/APF

ANÁLISE Daigo Oliva

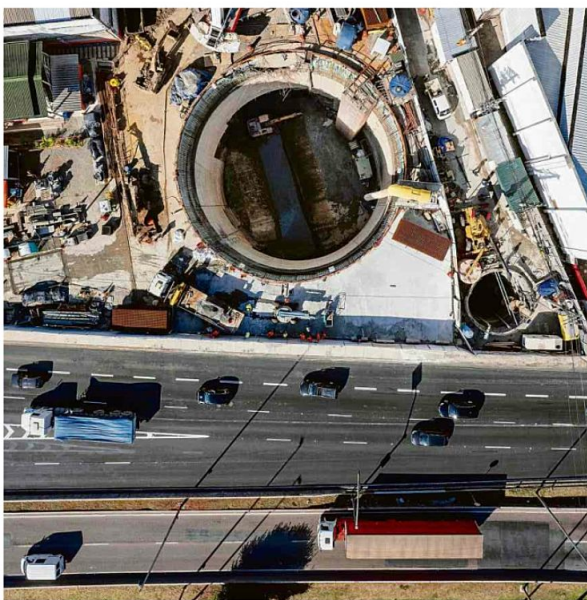
Efetuada, reversão deve ser 1ª vitória de Trump para 2024

Mundo A10

Fernanda Perrin

Notícia da Corte americana é alerta sombrio

Nem tamanho retrocesso fará os EUA alcançarem o Brasil, que tem uma das leis mais restritivas sobre aborto: legal só em caso de estupro, anencefalia do feto e risco de morte da gestante. Ainda assim, o governo Bolsonaro tenta limitar mais os direitos reprodutivos da mulher. **Opinião A2**



Eduardo Knapp/Folhapress

Criminosos usam vítima de sequestro como lanterna

Criminosos estão utilizando dados de vítimas de sequestro para abrir contas em bancos digitais que depois são usadas para receber via Pix dinheiro de outros alvos do mesmo tipo de crime. Assim, se tornariam uma espécie de lanterna, afirma a Polícia Civil de São Paulo. **Cotidiano B1**

Varejo se adapta para segurar preço no Dia das Mães

Diante de uma tendência de menores gastos no Dia das Mães e do aumento da inflação, varejistas e indústrias buscam se adaptar para tentar manter as opções mais baratas de presentes no mesmo patamar do ano passado. Redes têm até reduzido suas margens de lucro. **Mercado A18**

EDITORIAIS A2

Lucidez fardada

Sobre entrevista do comandante da PM paulista.

Efeito Índia

A respeito de impactos da onda de calor extremo.

ATMOSFERA

São Paulo hoje
23°
14°
0h 6h 12h 18h 24h

TÚNEIS SÃO LIMPOS TRÊS MESES APÓS ACIDENTE NO METRÔ DE SÃO PAULO

Canteiro de obras da linha 6-laranja, próximo à ponte da Freguesia do Ó, na capital paulista; tuneladoras começam a passar por reparos depois de acidente na região ter provocado a abertura de uma cratera na marginal Tietê em fevereiro. **Cotidiano B3**

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

TENDÊNCIAS/DEBATES

PAINEL DO LECTOR

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados nesta seção não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Painel do Lector: Av. Brasil, 432, São Paulo, CEP 01222-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Os presidentes e a lei

Brasil parece ter se acostumado a negligências no cumprimento da legislação

Carlos Ari Sundfeld e Candido Bracher

Professor titular da FGV Direito SP

Administrador de empresas formado pela FGV, foi executivo do setor financeiro por 40 anos

Gostemos ou não dos juizes, concordamos ou não com suas decisões, não há como achar normal o indolente com que o Supremo Tribunal Federal recentemente confundiu as leis. Agir para desmoralizar a ordem institucional do país não é modo fiel de exercer competências presidenciais. Também não é o sistema mais sabotagem das leis. E isso pode ter seus problemas e anacronismos; mas, para melhor-las de democraticamente, o caminho é o processo legislativo.

Quando assume a Presidência da República jura respeitar a ordem institucional do país: manter, defender e cumprir a Constituição e observar as leis, jamais atentando contra o cumprimento das leis e das decisões judiciais. As peças que compõem essa ordem institucional podem ter seus defeitos. Por isso, não são imutáveis. É papel da chefia do Estado, quando entender necessário, propor sua melhoria em caráter geral ou acionar os recursos para corrigir erros pontuais, inclusive quando vierem da Justiça. Mas nem isso são meios tão legítimos. Nem política nem juridicamente.

O presente governo federal dá mostras claras de desprezo pelas leis ambientais. Não quanto às exceções, mas quanto às regras, que são tabeladas regularmente. Em relação a elas, há evidências de evolução no cumprimento dos requisitos ambientais aplicáveis. Mas não é assim quanto às leis de preservação do bioma amazônico por meio da repressão à grilagem, ao desmatamento, ao garimpo ilegal e à invasão das terras indígenas e devolutas. Muitas formas de ilegalidade têm sido usadas. Esse efeito geral tem sido o solapamento da legislação.

Não é normal desmontar pouco a pouco o aparato repressivo, em es-

pecial a estrutura do Ibama. Não é natural que autoridades façam pronunciamentos públicos em favor de infratores. São atitudes para enfraquecer e inibir a aplicação das leis. A desmoralização do arcabouço ambiental do país é atestada pelo crescimento de 75% na taxa de desmatamento na Amazônia desde a posse do atual governo. Gostemos ou não das leis ambientais vigentes, não podemos achar normal que o Poder Executivo atue com desleixo ou desinteresse na sua aplicação.

Não é opção legítima de governo, é sabotagem da ordem institucional. Também não é razoável querer submeter as terras indígenas ao projeto de lei 191, proposto pelo governo ao Congresso Nacional para legalizar situações irregulares. Acenar com a perspectiva de impunidade é um modo de en-

corajar infratores, não de aprimorar a ordem jurídica.

Mas é fato que, antes mesmo do atual governo, nosso país parece haver se acostumado às negligências públicas no cumprimento de leis importantes. Um exemplo talvez sejam as leis que regem os conflitos sobre a propriedade da terra. Há indicadores de possível negligência quanto a elas, em anos anteriores.

Segundo o relatório "Conflitos no Campo 2022", da Comissão Pastoral da Terra, entre 2011 e 2021 as ocupações e acampamentos foram em torno de 222 e 32 por ano. Em 2019 e 2022, caíram para uma média de 37 e 4, respectivamente. Uma queda entre 75% e 85%. Isso, segundo a mesma fonte, apesar do aumento nos conflitos de terra: no período de 2011-2017 foram 850 anuais; em 2019, 1.260; e em 2020, 1.576.

Esses dados parecem indicar que, nos anos mais recentes, autoridades aumentaram o rigor, levando as partes a recorrer à Justiça, e não às vias ilegais, para solucionar conflitos agrários.

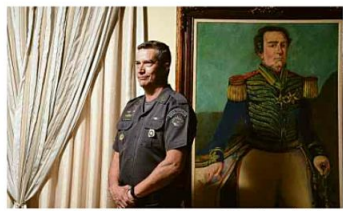
As exceções são exceções. Será a hora de, pelo voto, exercer nossa cidadania e cumprir nosso dever para com o país. Uma das escolhas, talvez a principal, é quanto à pessoa que, na presidência da República, vai exercer a chefia do Estado.

Um Estado democrático de Direito, as eleições não servem para os eleitores escolherem seu sabotador preferido, segundo interesses e percepções individuais.

Divergências de programa entre candidatos são naturais e necessárias em uma democracia. Mas todos os candidatos devem ter o mesmo compromisso básico com a ordem institucional. Esse compromisso tem de ser integral, ou simplesmente não existe.

[...]

Eleições não servem para os eleitores escolherem seu sabotador preferido, segundo interesses e percepções individuais. Divergências de programa entre candidatos são naturais e necessárias em uma democracia. Mas todos os candidatos devem ter o mesmo compromisso básico com a ordem institucional



O coronel Ronaldo Miguel Vieira, que assume a PM paulista, ao lado do quadro do brigadeiro Tobias Aguiar, patrono da PM. Karine Xavier/Folhapress

PM e política

O coronel Ronaldo Miguel Vieira inicia sua gestão com um eloquente discurso dizendo que não permitirá manifestações políticas dos componentes da corporação. Que bom, ótimo sinal. Pena que a foto que ilustra esse noticiário no site do jornal o mostrava ao lado de um quadro do brigadeiro Tobias de Aguiar, que dá nome a uma das polícias mais truculentas do país (Rota) e que, em diversas ocasiões, tratou manifestações políticas pacíficas como ato de bandidos e "desceva borracha", prendendo e humilhando manifestantes. A conferir.

Arlindo Carneiro Neto (São Paulo, SP)

Tudo bem explicadinho...

"Mendonça explicou a Bolsonaro as razões para seu voto pela prisão de Daniel Silveira" (Painel, 3/5). Que ministro do Supremo é esse que se sente na obrigação de dar satisfações ao presidente da República, que o indicou ao cargo, sobre seu voto? Ele confunde sua coba com canga ou sacro. Seu gesto rebaixa o STF.

Jonas Nunes dos Santos (Luz de Fora, MG)

Desmoralização

Nada digno por que estamos passando no momento teria acontecido do que o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), tivesse ido conversar com o Supremo Tribunal Federal para acalmar a situação e se o senhor Arthur Lira (Progressistas-AL), presidente da Câmara, tivesse feito sua obrigação e colocado em pauta um dos cento e tantos pedidos de impeachment contra o atual presidente. Não teríamos chegado a essas desmoralizações da nossa Constituição.

Tania Tavares (São Paulo, SP)

Voto jovem

Coitados dos jovens! Votar nestas turba que está aí? Que não discute o país? Que coloca a educação num patamar horripilante? Não prioriza o bem-estar do país? Votar para quê? Para manter os cupinças indicados pelos chefes partidários? Chega de enganção! Podemos dizer que foi mais melhor logo depois das últimas eleições? Parece que o trem fantasma não tem fim. Basta dessa gente!

Antonio Maurício Villas Boas (São Carlos, SP)

Voto militar

O Exército quer fazer uma apuração paralela das próximas eleições para garantir a lisura do processo eleitoral, embora com interrupções frequentes de anúncios. Claro, não cabe aos adeptos das redes resolver tais questões. É do setor público a responsabilidade de enfrentá-las. Minha chateação com esses números é uma tentativa de chamar atenção para o óbvio e grave tema da enorme desigualdade. Não são apenas os militares que não é condenado a desfrutar de conforto material (obtido honestamente), saúde e aparência, mas que, vivendo ou não vida depois da morte — para ao menos 2,2 bilhões de pessoas a divida é se há vida antes da morte —, isso pouco valerá (por deemo-me os egípcios) no que quer que seja (ou não seja) o "outro mundo". Menos ainda com milhões à volta morrendo de fome.

Para muitos de nós isso já é difícil de assimilar. Mas acho que será impossível, daqui a milhares de anos, quando um novo Champollion de cifrar a língua das redes, alguém entender a sociedade em que vivemos.

Fidelis Martelleto (Rio de Janeiro, RJ)

Negros

Com o aumento dos holofotes sobre as pessoas negras, sentimos mais de peso a dor do preconceito, o drama que vivemos, a luta por

oportunidades, por dignidade. Estamos juntos, somos seres humanos iguais.

Cristina Reggiani

(Santana de Parnaíba, SP)

2016 x 2022

Estou ansioso para ver se o jurista Ives Gandra vai responder ao direito do advogado e doutor em direito pela USP, Eduardo Pimentão, que evidenciou uma enorme hipocrisia jurídica ("A graça de Bolsonaro e as responsabilidades dos juristas", Tendências/Debates, 29/4). Pedro Valentin (Barua, SP)

Registros

É uma bem-vinda pinelada de memória e história o depoimento do cineasta João Wainer sobre o livro que o jornalista Samuel Wainer lhe deu de presente em 1978 ("Meu avô, minhas filhas e a liberdade", 2/5). Então recordamos o "Livro Negro da USP" — título a finalidade de denunciar e deixar registradas as perseguições da ditadura militar ao corpo docente da Universidade de São Paulo. Em 2024, decorridos 40 anos do golpe militar, a Adusp lançou uma edição revista e ampliada desse dossiê, agora sob o título "O Controle Ideológico na USP (1964-1978)", que descarta constatações de discriminação racial, mas verdadeiramente suscitadas pelo título original. Uma edição conjunta com a Editora da USP (Edusp) veio à luz em 2018, por ocasião do cinquentário do AI-5. Ditadura nunca mais!

Michele Schultz, presidenta

da Adusp (São Paulo, SP)

*

Como ex-presidente da Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp), principalmente nestes dias em que o inominável se assedia às fardadas elogios os anos de chumbo (1964-1985) da ditadura militar, saúdo João Wainer, que, em sua coluna "Meu avô, minhas filhas e a liberdade", menciona o "Livro Negro da USP" — publicado em 1978 pela Adusp. Esse pequeno livro denuncia, ainda no período ditatorial, os crimes praticados pela ditadura militar na USP; no período de 1964 a 1978, crimes esses que prosseguiram até 1985. Desejo aqui apenas esclarecer que, em 2024, a Adusp publicou uma nova edição do livro com o título corrigido para "O Controle Ideológico na USP" (1964-1978).

João Zanetti, professor

sênior do Instituto de Física

da USP (São Carlos, SP)

Perdão divino?

A leitura de Ana Cristina Rosa ("A que ponto chegamos?", Opinião, 2/5-26) causa indignação. Ela escreve com clareza e com a mesma indignação deste leitor o constrangimento da senhora negra ao tocar a mão da senhora branca. Ana Rosa está certa: o recuo confessado pela dona doméstica revela a perversidade, o ranço preconceituoso, a falta de ética, a desumanidade e o intenso desvio moral da pretensa elite brasileira. É inaceitável que neste século 21 essa elite de empulados não se dê conta do ridículo de suas vidas medíocres e criminosas, comprovadas pelas 2.500 pessoas em situação análoga à escravidão. É e gente, com semelhante compungido, que lota as igrejas, engrossa as procissões e endurece os olhos nos confessionários na inútil busca do perdão divino.

Eliete Ribeiro Gonçalves

(Belo Horizonte, MG)

Fome de quê?

Não frequento redes sociais, mas sei que ensinam o que fazer, vestir e pensar

Luiz Guilherme Piva

Economista, mestre (USP) e doutor (USP) em ciência política e autor de "Ladrões e Senhores" (Editora 34) e "Mistura de Estima e de Política" (Planeta)

Elas acreditam que, ao morrer, levam suas riquezas e que o "outro mundo" tem prazeres como os da vida terrena. Por isso dedicam-se à conservação dos corpos: para lá receber, em perfeita forma, seu espírito de volta. São crentes do Império Egípcio (2600 a.C.-700 a.C.), mas parece a obra de certos pensadores milonários e obcecados por alienação, exercícios e box — que talvez sejam egípcios reencarnados e agraciados com a confirmação de sua fé, o Brasil também já se fez no bitum as suas pirâmides (chamadas de redes sociais) e ditam boa parte do nosso modo de vida.

Não frequento redes sociais, mas sei que ensinam o que fazer, vestir e pensar. Elas acreditam que, ao morrer, levam suas riquezas e que o "outro mundo" tem prazeres como os da vida terrena. Por isso dedicam-se à conservação dos corpos: para lá receber, em perfeita forma, seu espírito de volta. São crentes do Império Egípcio (2600 a.C.-700 a.C.), mas parece a obra de certos pensadores milonários e obcecados por alienação, exercícios e box — que talvez sejam egípcios reencarnados e agraciados com a confirmação de sua fé, o Brasil também já se fez no bitum as suas pirâmides (chamadas de redes sociais) e ditam boa parte do nosso modo de vida.

Não frequento redes sociais, mas sei que ensinam o que fazer, vestir e pensar. Elas acreditam que, ao morrer, levam suas riquezas e que o "outro mundo" tem prazeres como os da vida terrena. Por isso dedicam-se à conservação dos corpos: para lá receber, em perfeita forma, seu espírito de volta. São crentes do Império Egípcio (2600 a.C.-700 a.C.), mas parece a obra de certos pensadores milonários e obcecados por alienação, exercícios e box — que talvez sejam egípcios reencarnados e agraciados com a confirmação de sua fé, o Brasil também já se fez no bitum as suas pirâmides (chamadas de redes sociais) e ditam boa parte do nosso modo de vida.

Não frequento redes sociais, mas sei que ensinam o que fazer, vestir e pensar. Elas acreditam que, ao morrer, levam suas riquezas e que o "outro mundo" tem prazeres como os da vida terrena. Por isso dedicam-se à conservação dos corpos: para lá receber, em perfeita forma, seu espírito de volta. São crentes do Império Egípcio (2600 a.C.-700 a.C.), mas parece a obra de certos pensadores milonários e obcecados por alienação, exercícios e box — que talvez sejam egípcios reencarnados e agraciados com a confirmação de sua fé, o Brasil também já se fez no bitum as suas pirâmides (chamadas de redes sociais) e ditam boa parte do nosso modo de vida.

lhões) e na África (282 milhões, ou 21% da população do continente). A América Latina e o Caribe também fazem bonito: tem cerca de 60 milhões de famintos.

Quanto à insegurança alimentar (acesso inadequado a alimentação), são 2,3 bilhões de pessoas (30% da população mundial). E mais: há 145 milhões de crianças abaixo de 5 anos com desnutrição crônica e 45 milhões com desnutrição aguda — a grande maioria na África e na Ásia. O Brasil também já se fez no bitum segundo a Rede Brasileira de

Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede Pensam), 55% dos domicílios padeciam de insegurança alimentar em 2022, frente a 27% em 2018.

Com inflação, estagnação e insuficiência de políticas públicas de distribuição de renda, deduz-se que as filas e brigas por lixos e osais com interrupções frequentes de anúncios.

Claro, não cabe aos adeptos das redes resolver tais questões. É do setor público a responsabilidade de enfrentá-las. Minha chateação com esses números é uma tentativa de chamar atenção para o óbvio e grave tema da enorme desigualdade.

Não são apenas os militares que não é condenado a desfrutar de conforto material (obtido honestamente), saúde e aparência, mas que, vivendo ou não vida depois da morte — para ao menos 2,2 bilhões de pessoas a divida é se há vida antes da morte —, isso pouco valerá (por deemo-me os egípcios) no que quer que seja (ou não seja) o "outro mundo". Menos ainda com milhões à volta morrendo de fome.

Para muitos de nós isso já é difícil de assimilar. Mas acho que será impossível, daqui a milhares de anos, quando um novo Champollion de cifrar a língua das redes, alguém entender a sociedade em que vivemos.

[...]

Com inflação, estagnação e insuficiência de políticas públicas de distribuição de renda, deduz-se que as filas e brigas por lixos e ossos devam aumentar, sempre flagradas por vídeos e fotos que rodarão as redes sociais — o que é muito importante, embora com interrupções frequentes de anúncios

política

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Custo da inércia

O ministro da Economia, Paulo Guedes, tem dito que o imbróglio do aumento para as polícias poderia ter sido resolvido caso a reforma administrativa tivesse sido aprovada. A mudança poderia atender parte das demandas dos agentes de segurança, mas equilibrando com o corte de algumas despesas. A reforma, no entanto, acabou engavetada pelo Congresso e pela falta de empenho do próprio presidente Jair Bolsonaro (PL), que não quis comprar briga com servidores.

É O QUE TEMOS Embora não seja a solução preferida da equipe econômica, a abertura de 625 vagas para agentes da Polícia Federal e o mesmo número para a Polícia Rodoviária Federal, anunciada por Bolsonaro, tem sido vista como uma solução intermediária às pressões da categoria.

CHEQUE Paulo Guedes aposta em destinar recursos oriundos de privatizações para investimentos e obras como uma forma de quebrar a resistência do Congresso à venda de ativos estatais. O ministro também é a favor de abastecer o Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza, para subsidiar programas de transferência de renda.

TIROTOUR O deputado estadual bolsonarista Castello Branco (PL-SP) apresentou projeto de lei no último dia 26 de abril criando o "Rota Turística do Tiro", com 34 cidades do estado de São Paulo. A ideia, afirma o parlamentar, é fomentar o tiro "esportivo, de defesa, tático e/ou especializado".

SPA DA BALA Ele cita como possibilidades para os adeptos da prática serviços como clubes de tiro de luxo, treinamento exclusivo para mulheres e até a "frototerapia" em família em hotéis rurais. Na gestão Bolsonaro, houve aumento no número de atiradores.

NAPELE 1 Presidente da Câmara de SP, Milton Leite (União Brasil) articula para que a vereadora Elaine do Quilombo Periférico (PSOL), que é negra, seja a relatora da Comendação do caso da fala racista proferida pelo colega Camilo Cristóforo (PSB).

NAPELE 2 A escolha da relatora será do corregedor da Câmara, Gilberto Nascimento Junior (PSC), mas a participação do presidente indica que Cristóforo não deverá pagar incumprimento pelo episódio. Em sessão virtual, Cristóforo diz que "não lavaram a calçada. É coisa de preto, né?".

3 O app de paquera Bumble enviou notificação aos usuários nesta segunda (2) incentivando a regularização do título eleitoral. "A perguntou para o crush se o título de eleitor está atualizado?", dizia o texto. Os eleitores têm até esta quarta (4) para regularizar o cadastro ou tirar o primeiro título de eleitor e conseguir participar da votação deste ano.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

VERBO No evento do Solidariedade nesta terça (3), Lula (PT) e aliados lançaram uma imagem religiosa, em contraposição à proximidade de Jair Bolsonaro (PL) com lideranças evangélicas. Membro da coordenação da campanha, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) diz que essa será uma técnica da candidatura.

ESCRITURAS "A chapa cristã é esta daqui, que está junto dos mais pobres", disse Randolfe. Segundo ele, o discurso dos adversários é "farisaico", em referência a judeus hipócritas da Bíblia. Em sua fala, Lula citou o livro sagrado e a Constituição.

PÁTRIA AMADA Idealizado pelo Solidariedade para exibir uma frente ampla em torno de Lula, o evento tocou o Hino Nacional Brasileiro. A ideia foi a de fazer contraponto à execução do hino da Internacional Socialista em evento do PSB com o petista e Geraldo Alckmin (PSB), na semana passada.

CORRENTEIA "Uma vai aqui, uma Internacional ali", reforma trabalhista. Isso só joga água contra o "nosso moirão", disse Paulinho da Faria, presidente do Solidariedade.

GRUDE Em campanha para tentar ser o candidato a deputado federal mais votado em SP, Guilherme Boulos (PSOL) decidiu associar sua imagem à de Lula. Ele pretende formar centenas de "grupos de ação Lula Boulos" no estado, por meio do seu site, que terá um espaço virtual para voluntários.

A FILA ANDA Ex-marqueiro de Sérgio Moro (União Brasil), o argentino Pablo Nobel deve ser o responsável pela campanha de Tarcísio de Freitas (Repúblicanos), apoiado por Jair Bolsonaro, ao governo de São Paulo. Eles se reuniram nesta terça (3) e devem batizar o marlete nos próximos dias.

SAIA JUSTA João Roma (PL) vai apostar no voto feminino na disputa ao governo da Bahia. Ele ministro da Cidadania de Bolsonaro, ele escolheu um dos eleitorados com maior resistência ao presidente.

ELAS POR ELAS Roma quer uma vice mulher e terá como candidata ao Senado a ex-secretária de Saúde de Porto Seguro Bessia Soares (PL). Pretende ainda lançar sua mulher, Roberta Roma, como candidata a deputada federal.



O presidente do STF, Luiz Fux, se reúne com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco

Gabrielia Biliô/Folhapress

Fux encontra Pacheco e ministro da Defesa e cita compromisso com eleições

Após ataques de Bolsonaro, presidente do Supremo Tribunal Federal relata defesa da democracia pelas Forças Armadas

Marcelo Rocha, Renato Machado e Danielle Brant

BRASÍLIA Os presidentes do STF (Supremo Tribunal Federal), Luiz Fux, e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), se reuniram nesta terça-feira (3) e divulgaram manifestações públicas em defesa do processo eleitoral e da harmonia entre os Poderes.

Logo após Pacheco, Fux recebeu em seu gabinete o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, e afirmou ter ouvido o oficial que as Forças Armadas estão comprometidas com a democracia brasileira e com a normalidade das eleições.

Os dois posicionamentos ocorrem após seguidos ataques de Jair Bolsonaro (PL) ao Supremo e ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e da participação do presidente da República em ato contra a corte no último domingo (1º).

Em nota, o STF afirmou que Fux e Pacheco "convenciam sobre o compromisso de ambos para a harmonia entre os Poderes, com o devido respeito às regras constitucionais".

“[Eles] ressaltaram que as instituições seguem atuando em prol da inegociável democracia e da higidez do processo eleitoral”, disse.

No segundo comunicado do dia, a respeito da conversa de Fux com o general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, o Supremo disse que “o ministro da Defesa afirmou que as Forças Armadas estão comprometidas com a democracia brasileira e que os militares atuam, no âmbito de suas competências, para que o processo eleitoral transcorra normalmente e sem incidentes”.

Segundo o STF, o ministro da Defesa pediu o encontro em deferência ao chefe do Judiciário, já que o militar se reuniria com o presidente do STF, ministro Edson Fachin.

Oliveira também se reuniu com Bolsonaro nesta terça no Ministério da Defesa. Participaram do encontro comandantes das três Forças Armadas, além do ex-ministro, provel candidato a vice na chapa eleitoral do presidente, Braga Netto. O general da reserva oucho o cargo de assessor no Palácio do Planalto.

Após o encontro com Fux, que durou 45 minutos, Pacheco disse a jornalistas que “o di-



Bolsonaro em encontro com chefes das Forças Armadas

@DefesaGovbr no Twitter

4 **MORAES PEDE A PF RELATÓRIO SOBRE O UDADE DE ORDEMS DE BOLSONARO** O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou à Polícia Federal que apresente em até 15 dias uma análise detalhada sobre a quebra do sigilo desta apuração telefônica do coronel Mauro Cid, ajudante de ordens do inqunte Jair Bolsonaro (PL). A determinação de acesso a dados armazenados em nuvem autorizada por Moraes no âmbito desta apuração mirou o oficial do Exército. A decisão é desdobramento do inqunte instaurado para investigar Bolsonaro e outras pessoas envolvidas com o vazamento de informações de inteligência relacionado a um ataque hacker à Justiça Eleitoral.

alogo é fundamental”, e é preciso “alinhar” os Poderes contra arroubos antidemocráticos.

“Nós temos uma obrigação comum de enfrentar os arroubos antidemocráticos, temos de preservar a democracia, preservar o Estado de Direito e garantir que as eleições aconteçam no Brasil dentro da normalidade que a sociedade espera”, afirmou.

O parlamentar disse não considerar que o Supremo esteja isolado. Integrantes da corte são alvos de constantes ataques verbais por parte de Jair Bolsonaro e seus aliados. Parte das declarações estão relacionadas ao sistema eletrônico de votação.

No último domingo, quando apoiadores do presidente foram às ruas e renovaram os ataques à autoridade do Poder Judiciário, Pacheco criticou os atos. Ele afirmou nas redes sociais que “manifestações ilegítimas e antidemocráticas, como as de intervenção militar e fechamento do STF, além de pretenderem ofuscar a essência da data, são anomalias graves que não cabem em tempo algum”.

Após o encontro desta terça-feira, ele comentou que não se pode “permitir que o acirramento eleitoral, que é natural do processo eleitoral e das eleições, possa descambar para aquilo que reputamos anormais e se permitir falar sobre intervenção militar, sobre atos de insubordinação, sobre frustrações de eleições, sobre fechamento do Supremo Tribunal Federal”.

“São anomalias graves que precisam ser contidas, rebatidas com a mesma propositura a cada instante, porque todos

nós, todas as instituições têm obrigação com a democracia, com o Estado de Direito e com o cumprimento da Constituição. E esse alinhamento se faz através de diálogos”.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), não participou do encontro. No final da tarde, ele comentou a reunião entre Fux e Pacheco.

“Tenho conversado muito de perto com o presidente Rodrigo Pacheco, com o presidente Fux, com o presidente Bolsonaro. Nós vamos encontrar, não tenho dúvida, uma saída negociada para aliviar o momento de tensão, de pressão, esse que é de um período pré-eleitoral”, disse.

“Todo trabalho para manutenção das eleições limpidas e claras de relação institucional entre os Poderes nós vamos fazer para que isso não tenha nenhum tipo de discontinuidade”, complementou.

Lira afirmou não ter conversado com ambos após a reunião, mas disse ter uma clara ideia de que eles devem ter buscado apazigar os ânimos. “Porque as discussões são sempre as mesmas”.

A tensão entre os Poderes foi desencadeada pelo indulto concedido por Bolsonaro ao deputado Daniel Silveira (PTB), condenado pelo STF e agravado por falas do ministro Luís Roberto Barroso sobre as Forças Armadas, rebatidas pelo Ministério da Defesa. Na semana passada, Bolsonaro promoveu evento oficial no Palácio do Planalto com ataques à corte e insinuações golpistas contra o sistema eleitoral e, no domingo, participou de ato pró-Silveira com ataques ao Judiciário.

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3234-3222
Ombudsman: ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao Assinante: (11) 3234-3090 | 0800-015-7080
Assine a Folha: assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL
DOI 10.4013/ME5
DOI 10.4013/ME5
A PARTIR DO 13º MES

EDIÇÃO IMPRESSA
Versão avulsa
seg. a sáb. dom.
R\$ 5, R\$ 7
R\$ 5,50, R\$ 8
R\$ 6, R\$ 8,50
R\$ 6, R\$ 8,50
R\$ 10, R\$ 11,50
R\$ 10, R\$ 11,50

Assinatura semestral*
Todos os dias
R\$ 827,90
R\$ 1.044,90
R\$ 1.318,90
R\$ 1.542,90
R\$ 1.764,90

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária de 16%.

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
357.813 exemplares (março de 2022)

Moraes bloqueia R\$ 405 mil de Daniel Silveira e ordena troca de tornozeleira

Procuradoria-Geral da República pede a continuidade de outras restrições impostas ao deputado

Marcelo Rocha e
Danielle Brant

BRÁSIL O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou nesta terça (3) o bloqueio de R\$ 405 mil em contas do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ). O valor é a soma das multas diárias (R\$ 15 mil) aplicadas por falta de carga, e que outro equipamento seja colocado.

"Desde a decisão que fixou a multa diária, proferida em 25/3/2022, o réu desrespeitou flagrantemente várias das medidas", afirmou o magistrado. Além do bloqueio, ele mandou notificar o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para que o débito seja descontado dos salários do réu, em 25%, até a sua quitação.

Determinou ainda que Silveira devolva a tornozeleira eletrônica que não emite sinais, segundo as autoridades do Distrito Federal, desde 17 de abril por falta de carga, e que outro equipamento seja colocado.

Ele estipulou 24 horas de prazo para essa providência, sob pena de novas multas. E alertou que, caso não ocorra a devolução do dispositivo, isso poderá ser caracterizado como crime de apropriação indebita.

A decisão ocorre logo após a PGR (Procuradoria-Geral da República) defender a continuidade do monitoramento eletrônico do parlamentar.

Em manifestação desta terça enviada a Moraes, a PGR também pediu que fosse mantidas as outras restrições impostas ao deputado bolsonarista.



O deputado Daniel Silveira fala a filiados e lideranças políticas do PTB, em São Paulo. Eduardo Knap - 2.mai.22/Folhapress

Entre elas, a proibição de sair do estado em que reside (Rio de Janeiro), salvo se for a Brasília para atividades parlamentares, e proibição de participar de eventos públicos.

Moraes atendeu ao pedido para manter "as medidas cautelares fixadas nestes autos, até eventual decretação da extinção de punibilidade ou início do cumprimento da pena".

Silveira foi condenado a oito anos e nove meses de prisão pelo STF no dia 20 de abril. Desde o domingo de Páscoa, a tornozeleira não emite sinais por falta de carga, segundo informação do Governo do Distrito Federal. O carregamento é uma obrigação de quem usa o

dispositivo eletrônico. Sob o argumento de que "a monitoração não tem se mostrado efetiva tendo a falta de envio de dados", a Secretaria de Administração Penitenciária do DF pediu a Moraes que avalie a desvinculação do dispositivo de Silveira. Segundo o órgão, há despesa com o equipamento mesmo sem carga.

A PGR pediu ao ministro que a secretaria distrital seja notificada a apresentar esclarecimentos a respeito do não funcionamento da tornozeleira e, se for o caso, sua substituição.

Além de abordar as medidas restritivas contra o parlamentar, a vice-procuradora-geral da República, Lindora Araújo, res-

ponsável pelo posicionamento do MPF nos autos da ação penal, disse: "Estou sem ela. Não existe mais nada, ainda mais depois de perdoo. Qualquer coisa subsequente. Prossimo perdoo, acabou".

Nesta terça, o deputado foi tocado no STF pelos partidos de oposição ao Palácio do Planalto contestando a validade de daquele ato presidencial.

Em meio a articulações políticas para as eleições de outubro, Silveira foi a São Paulo na noite desta segunda (2) para o debate entre pré-candidatos do PTB ao Senado.

"Qual tornozeleira [está sem sinal]? A que eu não deveria ter usado. Só poderia ter si-

do aplicada após a deliberação da Casa. Claríssimo pelo regimento", disse. "Estou sem ela. Não existe mais nada, ainda mais depois de perdoo. Qualquer coisa subsequente. Prossimo perdoo, acabou".

Nesta terça, o deputado foi tocado no STF pelos partidos de oposição ao Palácio do Planalto contestando a validade de daquele ato presidencial.

Na CCI, deputados da oposição criticaram a indicação de Silveira para a comissão. "Essa comissão é a de Constituição e Justiça, e não a de Segurança e Combate ao Crime Organizado".

Na CCI, deputados da oposição criticaram a indicação de Silveira para a comissão. "Essa comissão é a de Constituição e Justiça, e não a de Segurança e Combate ao Crime Organizado".

putado que atacou o STF, propondo seu fechamento, ameaçando juízes, se colocou para participar desta comissão", criticou Paulo Teixeira (PT-SP). A deputada Gláucia Garotinho (União-RJ) defendeu a participação de Silveira no colegiado. "Está no pleno exercício dos direitos do mandato. Ele não está com os direitos políticos suspensos", afirmou.

"Eu não vi o deputado do PT fazer nenhum tipo de questionamento porque o deputado Daniel Silveira está livre em função da graça concedida pelo presidente Jair Bolsonaro. Quando o ex-presidente Lula concedeu graça a um terrorista italiano, eu vi o deputado do PT fazer nenhum tipo de questionamento".

Condenado por homicídios em seu país, o italiano Cesare Battisti permaneceu por anos no Brasil em decorrência de decisão do então presidente Lula de não extraditá-lo, em 2010.

Na ocasião, o Supremo considerou que a palavra final sobre atender ou não ao pedido das autoridades italianas cabia à Presidência. No governo Temer, a medida foi rejeitada.

Especialistas ouvidos pela Folha dizem que os dois casos guardam apenas uma semelhança: seu caráter político.

No final da tarde, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), disse que, enquanto Silveira tiver mandado, só quem pode indicá-lo para participar de comissões é o presidente da Câmara.

"As comissões partidárias são feitas e obedecem pela proporcionalidade partidária. Então dizer que o presidente da Câmara não pode indicar ninguém da Câmara para tirar ou de que a Justiça colocou, que a Justiça pediu para tirar, são debates que não en-temos antes de ir para a comissão de Segurança e Combate ao Crime Organizado".

Na CCI, deputados da oposição criticaram a indicação de Silveira para a comissão. "Essa comissão é a de Constituição e Justiça, e não a de Segurança e Combate ao Crime Organizado".

STF abre ação contra Kajuru e reafirma limite a imunidade

Fábio Serapiao

BRÁSIL Os ministros da Segunda Turma do STF (Supremo Tribunal Federal) decidiram nesta terça (3) abrir uma ação penal contra Jorge Kajuru (Podemos GO) por injúria e difamação por ataques feitos contra adversários políticos nas redes sociais.

Essa decisão é mais uma que reafirma a posição que o STF teve no julgamento desta semana de Daniel Silveira (PTB-RJ) de que a imunidade parlamentar não impede a punição em ca-

so de usos das redes sociais para atacar adversários, incitar crimes ou proferir discurso de ódio.

Em 2019, o parlamentar usou suas redes para proferir ataques contra o também senador Vanderlan Cardoso (PSD-GO) e o ex-deputado Alexandre Baldy. A ação penal foi aberta por um placar de 3 votos a 2 em origem em seis ações apresentadas pelos políticos — cinco de Baldy e uma de Cardoso.

O então ministro Celso de Mello, relator das ações, havia arquivado os casos seguin-

do posicionamento da Procuradoria-Geral da República, que entendeu que as manifestações pelas redes estavam protegidas pela imunidade parlamentar.

As defesas recorreram da decisão e a Segunda Turma, seguindo agora o voto de Gilmar Mendes, reafirmou posição parecida com a do caso de Daniel Silveira de que os parlamentares podem ser responsabilizados por manifestações feitas nas redes.

Em seu voto, o ministro Gilmar Mendes afirmou que po-

de-se concluir que a imunidade parlamentar não deve incidir em casos de "abusos ou usos criminosos, fraudulentos ou antidemocráticos dessa prerrogativa para a ofensa a terceiros ou para incitar a prática de delitos".

"Embora o tribunal tenha assentado uma ampla liberdade de expressão, os julgamentos mais recentes têm procurado fazer uma análise mais detida do nexo de vinculação dos discursos proferidos com o exercício do mandato de modo a descaracterizar a imunidade enquanto privilégio pessoal",

argumentou Mendes.

Seu voto foi seguido pelos ministros Edson Fachin e Ricardo Lewandowski. Só o voto contra a abertura do processo, o ministro André Mendonça, que foi indicado por Jair Bolsonaro (PL) para o STF.

"A liberdade não é absoluta", afirmou Lewandowski em seu voto.

Por meio de nota, os advogados Ticiano Figueiredo e Renato Velloso, que representam Alexandre Baldy, afirmaram que a decisão do STF deixa claro que, no caso concreto,

houve graves ofensas".

A decisão proferida pela Segunda Turma reforça a posição do STF: vencedora o processo contra a abertura do processo, o ministro André Mendonça, que foi indicado por Jair Bolsonaro (PL) para o STF.

"A liberdade não é absoluta", afirmou Lewandowski em seu voto.

Por meio de nota, os advogados Ticiano Figueiredo e Renato Velloso, que representam Alexandre Baldy, afirmaram que a decisão do STF deixa claro que, no caso concreto,



LULA DIZ QUE LIRA AGE 'COMO SE FOSSE O IMPERADOR DO JAPÃO'

Petista aproveitou discurso sobre importância das eleições para o Congresso em evento do Solidariedade nesta terça (3) para criticar o presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL), aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Marlene Bergamo/Folhapress

Masp cancela lançamento de livro de Guilherme Boulos

SÃO PAULO

O Masp (Museu de Arte de São Paulo) cancelou nesta segunda-feira (2) o lançamento do livro "Medo e Positivismo", de autoria de Guilherme Boulos (PSOL). A decisão aconteceu a quatro dias do evento, que aconteceria no auditório do museu. A alegação, segundo a editora Contracorrente — responsável pela publicação — é de que o estatuto social da instituição não permite qualquer manifestação política.

Em nota direcionada a Heitor Martins, diretor-geral do Masp, a editora lembrou que a equipe já havia feito visitas técnicas, assinado a minuta contratual e até mesmo iniciado a divulgação do lançamento.

Ação foi classificada pela editora como "um grave atentado à liberdade de expressão por uma das mais importantes instituições culturais do país".

O argumento de que o

evento seria um ato político também foi rechaçado pela editora, que afirmou que a direção do Masp expressa o "Medo e Positivismo", de autoria de Guilherme Boulos (PSOL). A decisão aconteceu a quatro dias do evento, que aconteceria no auditório do museu.

Ao UOL, Boulos lamentou o episódio. "É lamentável que uma instituição tão importante para a cultura brasileira volte atrás no lançamento de um livro. Porém ainda que isso aconteça em meio à escalada do autoritarismo bolsonarista".

O UOL também entrou em contato com o Masp, que informou que "o lançamento precisou ser cancelado por não estar de acordo com o Artigo 2, Parágrafo Terceiro do estatuto social do MASP que expressa a vedação à divulgação de quaisquer manifestações de caráter político e/ou religioso", impossibilitando que o museu atuasse como sede de qualquer tipo de evento relacionado a esses temas. Caio Mello

política



Conversa com dez adolescentes, de 16 a 17 anos, sobre tirar ou não o título de eleitor Danilo Viegas - 27abr22, FolhaPress

É possível reverter desinteresse político, dizem jovens eleitores

Folha conversa com estudantes sobre a baixa procura por título de eleitor

Anna Virginia Balloussier e Gessica Brando

SÃO PAULO O tio da Izadora da Silva por pouco não a deixou com um pavê só pra ver. “Foi uma briga um pouco feia”, lembra a estudante sobre o jantar em que terminou batendo o cacau com parente sobre o presidente Jair Bolsonaro (PL), que ela desaprovava, e ele defende. “Ele ficou extremamente bravo comigo, saiu, voltou com um doce que eu queria muito: ‘Você, não! Meu tio lateralmente veio com o pavê e não me deixou comer’.”

Depois ele disse que estava brincando, e Izadora não ficou sem conversa. Mas essa polarização política na sua casa é familiar a todos os dez adolescentes com quem a Folha conversou sobre a participação da juventude nas eleições que vão definir o próximo presidente do Brasil.

Braian Rosario, de centro-esquerda, diz que passa por isso com o pai. “É de direita, fanático pelo Bolsonaro. Não tem a questão da ideologia. Se Bolsonaro for hoje por PT, ele vai apoiar o mesmo assim.”

Essa atmosfera bélica que desarranja relações no lar e na escola, reconhece a turma, tem um efeito alérgico que afasta os colegas do debate político.

A maioria dos amigos não se interessou em tirar o título de eleitor, mesmo já podendo, pelas regras do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O prazo vence nesta quarta-feira (4).

Nicolas Duarte escuta muito o que votar é “mais uma responsabilidade chata da vida de adulto” que adolescentes com menos de 18 anos não têm o primeiro turno preferem deixar “para quando for obrigatório”.

Final, para se aborrecer e ir às urnas num domingo se o tema gera tanta briga e comovimento? Fora a sensação de que nada vai mudar.

“Agente crescendo [a política] como uma coisinha ruim, do mundo que sobra lá vai ser corrupto por aí”, diz Izadora.

Leticia Stella — que não simpatiza nem com Lula nem com Bolsonaro — organizou na escola uma campanha para colegas pedirem o registro no TSE. “Vejo muitos jovens reclamando do atual governo, mas poucos tirando título para fazer a mudança”.

Juliana Santos tirou o seu em 2021, justamente para tentar tirar Bolsonaro de Brasília. “Se já pode votar com 16 anos, por que não se impor?”, questiona ela, que faz parte da rede do Ampla, movimento que apoiou o ingresso ao Ensino Superior.

Mas seria bom ser levado a sério uma vez só, para variar. “A pessoa mais velha de idade se refere ao jovem como ‘ele não sabe de nada’ quando a gente diz em quem vai votar”, reclama o lulista Igor Henrique, que sente falta de maior atenção para a periferia nos programas de governo.

“Como é gente e o futuro do país não palpa na política?”, pergunta Brian.

Esquerda e direita vêm promovendo ações para que essa faixa etária vote num pleito que promete ser acirrado. Até Leonardo DiCaprio, atã vista progressista, apelou — o ator americano incentivou jovens a serem “chave na promoção de mudança para um planeta saudável”. Bolsonaro, não sem ironia, agradeceu. “Obrigado pelo seu apoio, Leo!”

O grupo que foi à sede do jornal na semana passada sabe que é exceção. Oito deles têm o título, e um disse que a tirar o seu. Até o final de abril, mais de 16 milhões de adolescentes (26% dessa população) havia se cadastrado para votar.

Só uma participante da conversa, a Izadora, não votou ainda — a mãe não deixou. “Ela acha que o jovem

não tem muita consciência sobre o voto correto. Em parte não tiro a razão dela”.

O perfil do grupo é plural. Seis votaram em escola pública. Dois votaram Lula (PT) em outubro, e dois, Bolsonaro. O resto se divide entre a terceira via da centro-direita, ainda sem nome definido, Ciro Gomes (PDT), um presidencialista nanico da esquerda, Leonor de Fátima (IP), e o voto nulo.

Nenhum era nascido quando Lula chegou ao poder, em 2002. E ele já não era presidente quando os protestos de junho de 2013 lomentaram a difusa insatisfação popular com a política que acabou favorecendo movimentos de direita.

É a memória política mais antiga desses jovens que têm lembranças agitadas dos dois últimos ciclos presidenciais, 2014 (o do acidente de avião que matou um candidato, Edu-

ardo Campos) e 2018 (a prisão de Lula e, perto do primeiro turno, a facada em Bolsonaro). Citam ainda o impachment da petista Dilma Rousseff, seus pesares (“gêlope”), outros como despertar político.

Foi nessa época que surgiu o MBL, que ajudou a consolar uma direita jovem no país à base de muitos memes.

Nicolas se inclui nesse pacote, embora não tenha gostado dos julgados em que um expoente do movimento, Arthur do Val (União Brasil), diz que ucranianos são “fáceis” de pegar por serem pobres, entre outras falas sexistas gravadas durante uma visita ao país em guerra com a Rússia, em 2021.

Ele credita ao MBL sua iniciação na política. “Foram eles que me mostraram uma visão alternativa e que os políticos estão lá pelos privilégios, e não para trabalhar”.

Para Nicolas, Kim Katagiri (União Brasil), um dos líderes, é exemplo de deputado atento com os anseios da juventude, não por fazer parte dela — tem 26 anos. Ele mescla músicas de animês, estilo de animação pop entre os mais novos, e conteúdos políticos.

Sem candidato desde que Sergio Moro saiu do pódio eleitoral, diz que Bolsonaro está mandando bem entre gamers, com iniciativas para reduzir o imposto sobre jogos. “Nunca sociedade leiga, por ser uma jogada de marketing mesmo. Pode atrair jovens”, diz o fã de “Doom Eternal” e “Halo Infinite”, games em que se mata em inimigos. Pedro Milten, bolsonarista entusiasta e fã da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, agradece a Silas Malafaia, apregoado de redes sociais para igrejas e movimentos conservadores.

“Considerando que a maioria da população não tem conhecimento [político], um tweet rápido, um vídeo no TikTok, são muito bons para passar a mensagem”.

Envia exemplos de memes por WhatsApp. Num deles, a foto de Stevie Wonder, o músico cego, e a legenda: “Nunca vi um político honesto”. Outro traz uma montagem de Karl Marx como operador de telemarketing no Karl Center, proferindo o que seria uma frase pronta da esquerda: “Esse problema é devido ao sistema capitalista, mais alguma pergunta?”.

Anitta ocupou bons minutos do papo. Todos concordam que ela é uma popstar cantora, que tem travando embates virtuais com o presidente e aliados, tem poder de persuasão com a moçada, não há consenso se isso é bom ou ruim.

Victor Carneiro admira Jones Manoel, historiador pernambucano de viés marxista que, segundo Caetano Veloso, foi o responsável por torná-lo menos “liberaloid”. Manoel teria estado para palpatar, “o contrário de influenciadores como Anitta”, afirma Victor. “Eu ia falar pra ela”, interveém Pedro. “Não creio que a Anitta tenha noção ou base para falar de política. Tanto que ela já falou sobre deputado municipal. O certo era vereador. Muito influenciadora ela baborrinha”.

A confusão mencionada surgiu durante uma live em que a artista trocou ideias sobre política com a advogada e amiga Gabriela Prioli, em 2020.

A ideia era justamente aprender como funcionam Executivo, Legislativo e Judiciário, poderes com papéis pouco compreendidos pelo grosso do público jovem, segundo a definição de Anitta.

O episódio chegou a ser ironizado por Bolsonaro, que depois foi rebatido pela cantora.

“Isso mesmo”, diz Victor, e-mails da metade dos brasileiros não sabem quais são Três Poderes. Não sabem, por exemplo, o dever do senhor, que ao invés de ficar ocupado com o que eu estou fazendo da minha vida, devia estar cuidando do país, não é mesmo?”

Leticia Perfeito, a única universitária do grupo e simpatizante a João Dória, acha “in-crível, genial” a troca entre Anitta e Prioli. “Ela fazia perguntas teoricamente tocas, mas são dúvidas que a maior parte da população brasileira finamente tem”.

Todo mundo concorda que o peso de celebridades e gigantes da mídia do grupo é dividido de rotina de estudos com a carreira de pregador júnior, como que aprende política também na igreja.

“Na minha opinião, a direita é certa, e a esquerda totalmente errada. Se a pessoa serve a Deus, não tem como, de uma fonte, jogar duas águas ao mesmo tempo”.

A influência dos professores, em compensação, já foi maior. Os adolescentes dizem que muitos têm medo de serem acusados de tomar posição política na sala de aula e acabar sofrendo um “exposê” — como se diz, na internet, dos relatos que podem empurrar alguém ao linchamento virtual.

A preferência partidária de alguns docentes, porém, costuma ser cristã, com fortes visões sociais, seguidas pelos alunos.

A educação política tem, sim, que estar na escola, mas sem partidarismos, dizem os estudantes. O que não vale é brincar de “o mestre mandou”.

Jovens que participaram do encontro na Folha



Izadora Santos Lanzoni da Silva, 17 Mora no Jardim Panamericano, na zona oeste de São Paulo



Braian Rosario da Silva, 17 Estudante do ensino médio em rede pública e morador de Embu das Artes, na região metropolitana de São Paulo



Juliana Moreira Santos, 17 Estudante da rede pública e moradora do bairro Pimentas, em Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo



Davi da Silva Borges Pereira, 16 Morador do Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo



Victor Matheus Porte Carneiro, 16 Estudante do ensino médio em rede pública e morador de Perus, na zona norte de São Paulo



Leticia de Oliveira Stella, 16 Estudante do ensino médio e mora no Jaraguá, na zona norte de São Paulo



Igor Henrique Alves Martins, 16 Estudante do ensino médio em rede pública e morador de Jundiaí, distrito de Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo



Leticia Perfeito, 17 Estudante universitária e moradora do Jardim Amaral, na zona sul de São Paulo



Nicolas Santos Duarte, 15 Morador de Osasco, na região metropolitana de São Paulo



Pedro Milten, 15 Morador da Penha, zona norte do Rio

Hoje é o último dia para tirar o título de eleitor; veja o passo a passo

1. O primeiro passo é digitalizar os documentos exigidos pelo órgão

- Documento oficial de identidade com foto com RG ou CNH (frente e verso)
- Comprovante de residência recente
- Comprovante de pagamento de débito com a Justiça Eleitoral (quando houver)
- Comprovante de quitação do serviço militar, no caso dos homens

2. Na página do próprio TSE (tse.jus.br), o eleitor pode iniciar o procedimento para a retirada do título

Preencha seus dados pessoais, estado e cidade, e envie a documentação. Será preciso tirar uma selfie segurando o documento de identidade

OUTRAS INFORMAÇÕES

- Todos com mais de 16 anos estão aptos a votar

• Quem não completar 18 anos até a eleição não é obrigado a votar.

• Locais e outras definições sobre o voto em trânsito serão publicados por edital até 3 de agosto

• Pessoas que se encontrarem fora de seu estado de domicílio eleitoral poderão votar em trânsito apenas na eleição para presidente da República

• Quem estiver no Brasil mas for inscrito para votar no exterior pode votar apenas na eleição para presidente

• Brasileiros residentes no exterior podem votar desde que tenham requerido sua inscrição até 4 de maio de 2022

• No dia da votação, serão aceitos para comprovar a identidade documentos oficiais com foto, inclusive os digitais

• A justificativa por ausência na

votação poderá ser feita no mesmo dia e horário por meio do aplicativo eTítulo, nos locais de votação ou em locais exclusivos para justificativas

• Quem não justificar no mesmo dia o comparecimento não poderá votar em 1º de dezembro de 2022, em relação ao primeiro turno, e até 9 de janeiro de 2023, em relação ao segundo turno, em qualquer zona eleitoral ou no site do TSE

TSE desiste de observador da União Europeia

Tribunal iniciou negociações com europeus, mas afirma que falta de colaboração do Itamaraty dificultou o projeto

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) desistiu de ter a UE (União Europeia) como observadora oficial das eleições de 2022.

A corte queria ampliar o número de entidades internacionais que acompanhariam o pleito este ano, mas a falta de colaboração do Ministério das Relações Exteriores dificultou a concretização do plano de trazer os europeus para o Brasil.

O aumento da participação de organizações estrangeiras na eleição deste ano faz parte da estratégia de criar um discurso que fortaleça a Justiça Eleitoral ante a ofensiva do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o sistema de votação.

O TSE já confirmou a presença da OEA (Organização dos Estados Americanos), que enviou observadores em 2018 e 2022, do Parlasul (Parlamento do Mercosul) e da CPLP (Rede Eleitoral da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Integrantes do tribunal também tiveram reuniões com representantes da União Europeia, mas não conseguiram levar adiante as negociações.

Logo nas primeiras tratativas entre a corte e a UE, o Itamaraty emitiu nota crítica afirmando "não ser da tradição do Brasil ser avaliado por organização internacional da qual não faz parte".

Nesta terça (3), o TSE confirmou as "conversas preliminares" com a entidade, mas disse ter constatado "que não estavam presentes todas as condições necessárias para viabilizar uma missão integral de observação eleitoral, que inclui a visita de dezenas de técnicos e trata de diversos temas relacionados ao sistema eleitoral".

Reservadamente, interlocutores do tribunal creditam ao governo federal o fracasso na tentativa de incluir a UE.

Isso porque seria necessária a colaboração do Itamaraty na emissão de passaportes diplomáticos e na logística para receber os representantes estrangeiros no Brasil.

Sem esse apoio, ficaria inviável ter a entidade no país. O tribunal ainda tentará viabilizar a vinda de uma missão técnica da UE, que não envolva o nível de acompanhamento que seria realizado por observadores oficiais do pleito.

A corte negocia também a participação de outras três entidades para observarem o pleito: o Carter Center e International Foundation for Electoral Systems (Ifes), a Unión Interamericana de Organismos Electorales (Unioire) e a Rede Mundial de Justiça Eleitoral.

Para o tribunal, ampliar o número de organizações internacionais no país nas eleições visa "aumentar a transparência, promover o fortalecimento institucional e defender a democracia brasileira".

Isso, segundo a corte, é um "esforço inédito" e está sendo liderado pelo presidente, ministro Edson Fachin.

"É a primeira vez que missões de observação eleitoral de diversas localidades participam simultaneamente do pleito brasileiro, marcado para os dias 2 (primeiro turno) e 30 de outubro (eventual segundo turno)", afirma a corte.

As entidades poderão atuar de forma independente e terão autonomia para escolher as seções eleitorais que irão visitar.

Diferentemente das autoridades internacionais que acompanham o pleito como convidadas, que há vários anos presenciam nossas eleições, as missões de observação eleitoral envolvem inúmeros atores, estudos logísticos e procedimentos técnicos, que culminam na elaboração de relatórios com anotações e sugestões de melhorias e aprimoramentos do processo eleitoral como um todo", resume o tribunal.

DiCaprio fala sobre eleição, e Bolsonaro diz para ele se calar

Marianna Holanda e Mateus Vargas

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro disse nesta terça-feira (3) para o ator Leonardo DiCaprio, crítico ao seu governo, "ficar de boca fechada".

Ele já tentara polemizar com DiCaprio no Twitter, respondendo ironicamente a tuitos do ator incentivando brasileiros a tirarem título de eleitor.

A provocação em rede social repetiu estratégia de Bolsonaro com Anitta no mês passado, quando ele respondeu a uma publicação da cantora e foi bloqueado por ela, declaradamente crítica a seu governo.

O ator entrou na campanha nas redes sociais para incentivar jovens brasileiros a tirar o título de eleitor, cujo prazo se encerra nesta quarta-feira (4).

"O DiCaprio tem que saber que a própria presidente da OMC falou que, sem o agronegócio brasileiro, o mundo passa fome. Então, é bom o DiCaprio ficar de boca fechada aí ao invés de ficar falando besteira por aí", afirmou Bolsonaro a apoiadores no cercadinho do Palácio da Alvorada.

Ele lembrou que o ator havia compartilhado publicação da Anitta, também com ironia.

Ela, com 16,8 milhões de seguidores no Twitter, o bloqueou e disse que a estratégia dele é ganhar relevância e repercussão na rede, onde tem mais do que o dobro de seguidores.

DiCaprio tem 19,6 milhões de seguidores, patamar superior ao de Anitta.

Já a página oficial de Bolsonaro no Twitter é acompanhada por 7,8 milhões de usuários.

#AGORA
VCSABE

BRASIL JORNAIS

UMA PASSEATA DIGITAL

para romper com o silêncio
da violência sexual contra
crianças e adolescentes

agoravcsabe.com.br

política



Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, 50
Graduado em ciências econômicas pela USP e mestre em administração pela FGV, foi ministro da Educação de Bolsonaro por 14 meses

Próximas sabinatas com pré-candidatos ao Governo de SP

- 4.mai**
-10h Rodrigo Garcia (PSDB)
-16h Vinicius Poit (Novo)
- 5.mai**
-10h Altino Junior (PSTU)
-16h Gabriel Colombo (PCB)
- 6.mai**
-10h Tarcísio de Freitas (Republicanos)
-16h Fernando Haddad (PT)



Elvis Cezar, 45
Formado em direito, ex-vereador e ex-prefeito em Santana do Parnaíba (SP), é apresentador do programa "Brasil que Faz", transmitido pela RedeTV!

Abraham Weintraub critica Tarcísio e fala em unificar polícias

Pré-candidato do PMB ao Governo de SP afirmou na sabatina Folha/UOL que foi pressionado a desistir

Joelmir Tavares

SÃO PAULO O pré-candidato ao Governo de São Paulo Abraham Weintraub (PMB) criou nesta terça (3) o rival à direita Tarcísio de Freitas (República), disse que o presidente Jair Bolsonaro (PL) o decepcionou e repetiu a ameaça de que sofreu ameaças para desistir da disputa. Na sabatina realizada por Folha e UOL, com postulantes ao Palácio dos Bandeirantes, levantando dúvidas, sem apresentar provas, sobre a atuação de Tarcísio no período em que comandou o Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) no governo Dilma Rousseff (PT).

Weintraub teve 1% na pesquisa Datafolha de abril, liderada por Fernando Haddad (PT), com 29%, à frente de Márcio França (PSB), com 22%, de Tarcísio, com 12%, e do atual governador, Rodrigo Garcia (PSDB), com 6% — os dois últimos estão empatados no limite da margem de erro.

"O Tarcísio não tem nenhuma acusação de corrupção contra ele, mas foi indicado para o Dnit da Dilma, do Lula. Indicado pelo [ex-ministro] Moreira Franco e pelo Michel Temer. Depois, quando o Michel Temer virou presidente, ele ficou lá", afirmou.

"Ele [Tarcísio] não encaminhou Política Federal ao Ministério Público nenhum caso de malfeito em dez anos", acrescentou, dizendo que ele, quando chegou ao cargo, reuniu autoridades às 15 horas, incluindo denúncias de sobreposição no Enem [Exame Nacional do Ensino Médio].

"Repetiu que sofreu presões e ameaças para largar a disputa ao governo paulista, que atribuiu a Bolsonaro. E que Tarcísio foi lançado pelo Bolsonaro para esvaziar os novos nomes."

Segundo ele, a mensagem

direcionada pelo entorno do presidente a ele e a seu irmão Arthur, ex-assessor da Presidência, foi enigmática: "Simplesmente sumam, desapareçam, nunca mais pisem no Brasil".

"O tom engrossou muito", disse. "Nós começamos a falar a verdade e chamar muita atenção, capturando a atenção da militância."

Disse ainda que Tarcísio "tem uma estrutura gigantesca" de campanha e se associou ao cenário, a um paratido robusto e a generais, diferentemente dele, que não tem "estrutura nenhuma" nem "dinheiro do fundo" eleitoral para sua pré-campanha.

"Esse grupo montou uma estrutura para atacar e perseguir os conservadores. Não fui só eu que fui esmagado. [...] Tenho chance [na eleição] porque muita coisa articulada faz parte do teatro das tesouros. Faltou descartar que mais perto da eleição o Tarcísio desista", especulou.

Rompido com Bolsonaro, Weintraub reiterou críticas à aliança com o centrão. "O presidente Bolsonaro me decepcionou muito, eu não confio mais nele para conduzir os rumos do país".

Ele respondeu que "é lógico" que poderia votar nele em eventual segundo turno contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Não, a votar não, sempre faz escolhas. Eu escolheria quem quer um que não fosse o Lula", respondeu.

"Ele [Tarcísio] não encaminhou Política Federal ao Ministério Público nenhum caso de malfeito em dez anos", acrescentou, dizendo que ele, quando chegou ao cargo, reuniu autoridades às 15 horas, incluindo denúncias de sobreposição no Enem [Exame Nacional do Ensino Médio].

Repetiu que sofreu presões e ameaças para largar a disputa ao governo paulista, que atribuiu a Bolsonaro. E que Tarcísio foi lançado pelo Bolsonaro para esvaziar os novos nomes. Segundo ele, a mensagem

que "ele andou junto com gente errada", mas "nunca teve um caso de corrupção".

Nas propostas para o estado, Weintraub defendeu a unificação das polícias Civil e Militar para melhorar da segurança pública, aperfeiçoando mecanismos de investigação.

"Hoje o policial do estado de São Paulo é um herói que está enxugando gelo", disse. "E são mais de 100 mil policiais, são peças-chave para colocar o estado de pé e transformar nosso estado numa espécie de Texas brasileiro, onde você vai ter a liberdade de tentar buscar a felicidade, andando na rua com o celular, não tendo gente morrendo de overdose de crack em tudo quanto é lugar".

Disse ainda que, eleito, não trabalharia só para as famílias conservadoras, mas para todas, inclusive as que estariam fora de padrões.

Se descontrário aumento das tarifas de transporte público, inspeção veicular, cobrança de mensalidade em universidades públicas, privatização de presídios e de linhas da CPTM e do Metrô, e câmeras nos uniformes da polícia. Queixou-se no final de ter o pouco tempo para explicar suas propostas para o estado, reclamou de perguntas que considerou maldosas e desrespeitosas e fez acusações ao Grupo Folha e ao UOL.

"Quando vier a turma que faz bons negócios com a família Frias, como por exemplo [Tarcísio] e Haddad... O Haddad, quando estiver lá no ministério do MEC, a gráfica Plural, da família Frias, que controla todos os grupos em que vocês trabalham, faz ótimos negócios com o MEC. E tem um monte de acusação", disse.

Em nota, a Folha afirmou que "o ex-ministro respondeu com uma mentira, além disso, não se questiona como pré-candidato ao Governo de São Paulo". "A Plural não só não foi responsabilizada judicialmente pelo vazamento do Enem em 2009 como voltou a vencer licitação durante o governo Bolsonaro, sendo encarregada de imprimir a prova em 2020, 2021 e 2022".

A entrevista foi feita pela apresentadora Fabíola Gidral, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Elvis Cezar diz estar convicto com Ciro após ter apoiado Bolsonaro

Nome do PDT ao Governo de SP afirma na sabatina Folha/UOL que vai combater tarifas de pedágios

Bruno B. Soraggi

SÃO PAULO O pré-candidato ao Governo de São Paulo Elvis Cezar (PDT) diz ter "plenitude de convicção" de que o seu correligionário Ciro Gomes chegará ao segundo turno nas eleições presidenciais deste ano.

Ex-prefeito de Santana do Parnaíba (SP), também afirma que, caso eleito para o Palácio dos Bandeirantes, vai "contratar e repor" policiais para as forças de segurança estaduais.

"Vamos chamar [aprovações de concursos públicos] se tiver. Se não, vamos estabelecer [concursos]", disse em sabatina realizada por Folha e UOL na tarde desta terça (3).

Polícia Militar de SP precisa de reposição imediata. A Polícia Civil está abandonada", apontou. "Os últimos anos mostram a piora da qualidade do serviço da Polícia Civil. Delegados, investigadores, escrivães estão fazendo de tudo para tocar as delegacias. O déficit de capital humano é real. Tem diagnósticos que dizem que são mais de 200 mil vagas ausentes no estado".

Cezar reforçou que será candidato até o fim e descartou aliar-se a outras chapas ou concorrer a cargos no Legislativo. No pleito para o Palácio do Planalto, considera Ciro o candidato "mais preparado do Brasil" com "projeto claro de desenvolvimento econômico do país".

"Não tenho plano B. Meu plano é o A. Meu plano é exclusivamente Ciro Gomes. É isso que eu quero. Não quero ser um candidato de reserva", disse, que apoiou Jair Bolsonaro (PL) em 2018. "Agora estamos apoiando o voto de convicção" emendou. Ele definiu seus concorrentes Tarcísio de Freitas (República) e Fernando Haddad (PT) como candidatos da "extrema direita" e da "extrema esquerda", respectivamente.

Quando saí da minha gestão, tive quase 90% de aprovação. O candidato [ao Governo de SP] da extrema esquerda [Haddad] foi gestor comigo, foi prefeito, saiu, não conseguiu alcançar 15%. Foi considerado um dos piores gestores de SP. Por outro lado, o candidato da extrema direita [Tarcísio] vem como morador há dois meses de São Paulo cumprir um propósito protocolar partidário", disse ele.

Também acredita ser possível furar a bolha da polarização no pleito paulista e que o

eleitor de SP não vai "aceitar candidaturas que suriam ondas de seus candidatos a presidência da República".

"Hoje, o povo busca resultado na política. Ele não quer saber se é de direita e esquerda. O principal é o resultado que entrega", disse, definindo-se como de centro esquerda.

Cezar deixou o PSDB para se filiar ao PDT. Na entrevista, disse ser muito grato à legenda, onde passou boa parte da trajetória política.

Mas lamenta ter sido pouco ouvido pelo governo anterior. "O partido, de forma geral, falhou. O principal que se afastou da população foi o governador [João Doria], que não ouviu. E isso repercutiu numa situação muito desfavorável no estado", avaliou.

Sobre o PDT, afirmou que tem "os pilares sólidos que pratiquei ao longo da minha vida na gestão pública". Entre seus projetos, se eleito, conta que vai fazer um decreto para "auditoria de todas as praças de pedágio" da malha rodoviária estadual.

Segundo ele, essas tarifas — que considera altas — são um dos motivos pelos quais "o sistema produtivo em São Paulo está enfraquecido". É impossível a retomada da economia com uma tarifa desse montante", avaliou.

Disse também que não deseja o aumento do subsídio dos combustíveis. E passou batida a questão da tarifa do pedágio, que enfoca o sistema de pedágio por eixo. As maiores transportadoras do Brasil estão em SP. Todo o eixo de comunicação é rodoviário", disse. "Vou combater a tarifa do pedágio, e com segurança jurídica".

"A tarifa do pedágio hoje no estado nos gera indignação. E uma trava ao desenvolvimento econômico", se-

guiu. "Temos que auditar, verificar a economicidade, ver se está certo o valor. E, se estiver, indenizar para abaixar [a tarifa]".

Sobre o uso de câmeras nos uniformes de PMs, relativamente há benefícios, mas que o procedimento deve ser repensado. "Segundo dados (as câmeras) têm dado resultados positivos. A letalidade caiu e a preservação da integridade física do policial tem sido acima da expectativa".

Mas por outro lado, 12 horas uma câmera ligada ao seu lado chega a ser desumano. Nós precisamos, junto com a corporação, com o comando, encontrar uma solução técnica melhor para adequar essa situação. Uma solução mais respeitosa para o policial e que tenha a mesma eficiência".

Se disse contra o aumento de impostos, como ocorreu com a aprovação do Projeto de Lei 529, aprovado em 2022. Para ele, o governo estadual já devia ter desenvolvido "políticas públicas mitigatórias que acelerariam o crescimento econômico" após a crise gerada pela pandemia de Covid.

Seu nome não constou na última pesquisa Datafolha, de abril, porque a sua pré-candidatura só foi anunciada depois que a pesquisa foi registrada no TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Naquele levantamento, Haddad liderava a corrida estadual em todos os cenários de pesquisa. No cenário em que Márcio França (PSB) concorre, o petista registrou 29% das intenções de voto. França ficou com 22%, o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas (República), 10%, e o agora governador Rodrigo Garcia (PSDB), 6%, empatados no limite da margem de erro.

Abixo deles vinham o ex-prefeito de São José dos Campos Felício Ramuth (PSD) e o deputado federal Vinicius Poit (Novo) com 2%, também empatados no limite da margem com Rodrigo, e o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub (PMB) e o metroviário Altino Junior (PSTU), com 1%.

A sabatina de Elvis Cezar foi conduzida pelo apresentador Diego Sarza, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Foto: Reprodução/UOL

Sertanejo contra a censura

Humberto Barreto foi o grande assessor de imprensa de Geisel

Elio Gaspari

Journalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Diáspora Encurralada"

Morreu na madrugada desta terça-feira (3) o advogado Humberto Barreto. Tinha 90 anos e, pelo seu temperamento, afora os amigos e parentes, poucos lembram que ele foi um dos homens mais influentes da República ao tempo da ditadura.

Formalmente, foi o secretário de imprensa do presidente Ernesto Geisel de 1974 a 1977, quando assumiu a presidência da Caixa Econômica. Na vida real, era uma das pessoas mais próximas de um presidente re-

servado. Conheciam-se desde os anos 40. Com sua mulher Lillian, era eterno parceiro de bilhar, era amigo de infância de Carlos Geisel e seu vizinho imediato em Teresopolis.

Em 1973, quando o amigo foi escolhido para a presidência da República, estava escalado para a chefia do Gabinete Civil. Mexidias burocráticas fizeram com que acabasse na assessoria de imprensa. Ninguém sabia quem ele era, nem ele conhecia jornalistas. Tornou-se não só um assessor poderoso, como um bota-

theador pelo fim da censura. Entregava ao presidente textos vetados para mostrar os absurdos que a tesoura praticava e tinha as portas de sua sala abertas para os repórteres. Como Geisel evitava jornalistas, ele avisou, logo nos primeiros meses de governo: "Se eles têm lepra, sou o diretor do leprosário".

Duram tempos difíceis e humilhantes para o jornalista. Com o calor sertanejo em seu calmo sertanejo. Em outubro de 1977, quando o jornalista Vladimir Herzog foi assassi-

nado no DOI de São Paulo, reservadamente, ele contestava a versão oficial do suicídio: "O presidente não precisava falar para mim que não acreditava na versão da suicida. Bastava ver as fotos".

Meses depois, quando foi assassinado no mesmo DOI o operário Manuel Fiel Filho, Geisel demitiu o general que comandava a guarnição de São Paulo. A "tagarela" tentou circular a versão de que uma coisa nada tinha a ver com o outro. Humberto Barreto dizia o contrário.

Seu telefone estava grampeado e tentou-se criar um canal.

Não adiantou. Como escreveu à época o jornalista Carlos Castello Branco: "O Sr. Humberto Barreto tem sido importante corrente, idôneo, atencioso de acesso fácil, segundo os jornalistas que fazem a cobertura do Palácio do Planalto. Isso não é fácil de acontecer, sobretudo quando se vive sob regime de exceção e de força".

Nenhuma assessoria de imprensa teve a intimidade que Humberto Barreto tinha com Geisel e a amizade dos dois seguiu pela vida afora. Era uma relação quase paternal. Humberto tinha sido amigo de Orlando, o filho de Geisel que morreu em 1975, colidido por um trem. Tinha sido amigo e preceptor para se para o vestibular do Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

Em 1977, quando o ministro

do Exército, general Sylvio Frota, era frequentado por vindas que desejavam vê-lo na Presidência, Humberto Barreto deu uma entrevista defendendo a indicação do general João Batista Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações. Não havia conexão com Geisel, mas ninguém acreditava nisso. Era verdade.

Cearse de raiz, Humberto passou pelo poder, foi presidente da Caixa Econômica e da empresa aérea Transbrasil. Entrou no policiamento com a imprensa censurada e saiu dela com a censura acabada. Morreu com menos do que tinha o entrar para o governo.

Restavam lhe a família, uma aposentadoria e um apartamento. Tinha também a mulher, mulher trouxera de fora de se casar com. Nos últimos anos, apresentava os amigos com peças de sua casa.

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SET. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUA. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Ângela Alonso, Sílvia Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Promotória perde do Judiciário em transparência de salários

Obstáculos dificultam pesquisa sistemática de remunerações, mostra estudo

Ulir Machado

SÃO PAULO A transparência da remuneração de promotores e procuradores dos Ministérios Públicos estaduais é um ponto que o do Judiciário como um todo, aponta estudo inédito da Transparência Brasil. De acordo com relatório que divulgou nesta terça (3), o órgão responsável por fiscalizar os poderes públicos e defender o cumprimento das leis cria uma série de obstáculos para a coleta mensal automatizada dos contracheques de seus membros, prejudicando o controle social sobre salários e demais verbas que recebem. A existência de barreiras à consulta sistemática atrapalha o ato e impede que a sociedade civil saiba se os recursos públicos estão sendo utilizados corretamente ou se há casos de pagamentos abusivos a promotores e procuradores, por exemplo.

As dificuldades começam no Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP). Enquanto o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) centraliza as prestações de contas dos Tribunais de Justiça, o CNMP apenas oferece a lista de links para acesso ao portal de cada unidade nos estados.

Os órgãos estaduais, contudo, adotam critérios diferentes de organização e apresentação das informações.

Segundo a Transparência Brasil, essa variação de formatos torna excessivamente custoso o levantamento dos contracheques, o que contraria a Lei de Acesso à Informação e a Lei de Proteção de Dados. Além dessa falta de padrão nacional, há ainda empecilhos no site de muitos Ministérios Públicos. Na maior parte das unidades da federação, o obstáculo é tão grande que a Transparência Brasil considerou inviável continuar com a análise e optou por excluir de seu ranking 14 dos 27 órgãos estaduais.

Por meio da assessoria de imprensa, o CNMP afirmou que o Judiciário possui maior hierarquia administrativa, o passo que, no Ministério Público, prepondera o princípio da autonomia, o que permite a existência de especificidades e distinções entre as unidades. Para Juliana Sákal, diretora de Operações da Transparência Brasil, a explicação não convence. "O dever de dar transparência não conflita de forma alguma com essa autonomia".

[Essa postura] levanta a preocupação de que talvez o

CNMP não tenha interesse de promover o controle social sobre o Ministério Público, abusando do princípio de autonomia para justificar a falta de transparência", afirma Sákal.

Ela observou que o CNMP chegou a consolidar os dados de remunerações de todos os Ministérios Públicos, mas a iniciativa durou somente de janeiro de 2018 a fevereiro de 2019.

"Espera-se que o CNMP reveja sua postura e que os Ministérios Públicos melhorem o apresentação de dados, porque de outra forma é difícil crer que o Ministério Público não tenha nada a esconder do contribuinte", diz Sákal. O CNMP disse que a promoção da transparência e do acesso à informação é medida imprescindível para o fortalecimento da democracia e para o aperfeiçoamento da gestão pública. O órgão afirmou que faz um trabalho constante de fiscalização e acompanhamento da transparência e que, não obstante, não identifica problemas, a unidade responsável é instada a fazer o ajuste.

Disse também que pode minimizar erros com o monitoramento periódico e orientar a partir de um manual.

Um dos objetivos da organização com o Índice de Transparência de Dados JusBr* é contribuir para que as informações sejam divulgadas com mais clareza e o acesso a elas seja facilitado.

Após a publicação do relatório, essa variação de formatos torna excessivamente custoso o levantamento dos contracheques, o que contraria a Lei de Acesso à Informação e a Lei de Proteção de Dados.

Após a publicação do relatório, essa variação de formatos torna excessivamente custoso o levantamento dos contracheques, o que contraria a Lei de Acesso à Informação e a Lei de Proteção de Dados.

Os problemas mais sérios estão nas 14 unidades que não constam do ranking. São os Ministérios Públicos dos seguintes estados: Acre, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Esses órgãos, segundo a Transparência Brasil, não cumpriram a resolução 89/2021 do CNMP, segundo a qual os sites devem possibilitar "acesso automatizado por sistemas externos em formatos abertos, estruturados e legíveis por máquina".

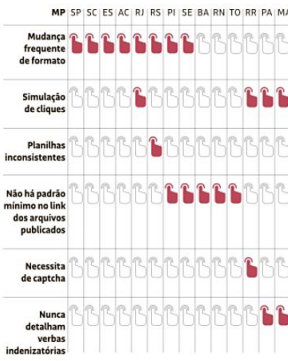
Os outros 13 que apresentaram condições mínimas foram

Sem transparência

Ministérios Públicos estaduais dificultam acesso a contracheques de promotores

Excluídos da análise

De 27 MPs, 14 não puderam ser avaliados por falta de condições mínimas. Segundo a Transparência Brasil, são seis problemas principais: alterações constantes no formato das planilhas, falta de padronização mínima nas URLs dos arquivos para download, ausência de dados sobre verba indenizatória, uso de captcha para acesso aos dados, planilhas inconsistentes e necessidade de simulação de cliques



Índice de Transparência DadosJusBr*

Os Ministérios Públicos são avaliados de acordo com a facilidade de acesso aos dados e com a completude das informações apresentadas. As notas vão de 0 a 1 para cada fator, sendo 1 indicação de ausência de problemas



*Ranking elaborado apenas com os 13 dos 27 Ministérios Públicos dos estados que apresentaram condições mínimas. Fonte: Transparência Brasil

Juiz Isola Sergio Cabral e diz que presos controlavam porta da cadeia

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O juiz Bruno Ruliere, da Vara de Execuções Penais do Rio de Janeiro, determinou nesta terça-feira (3) que o ex-governador Sérgio Cabral e cinco policiais militares fiquem dez dias em isolamento na penitenciária Laércio da Costa Pellegrini (Bangu), para onde isolou transferidos em razão de supostas regalias encontradas na cadeia em que estavam.

Segundo decisão, as autoridades policiais não devem ser responsabilizadas por irregularidades encontradas na cadeia em que estavam. Os fiscais encontraram, ainda, o uso de celulares, como celulares, anabolizantes, dinheiro e lista de compras em restaurantes.

As supostas regalias foram encontradas em uma lista de oficiais da unidade, destinada prioritariamente a policiais militares. Cabral estava detido lá por decisão do ministro Edson Fachin, do STF (Supremo Tribunal Federal), de retirar o ex-governador do convívio de pessoas que deu em seu acordo de delação premiada em Bangu 8.

Outros cinco PMs detidos na unidade também serão transferidos para onde o ex-coronel Cláudio Luiz Silva de Oliveira, acusado de participação na morte da juíza Patrícia Acioli.

De acordo com o ministro Cabral e Oliveira se apresentaram na primeira vistoria como os "responsáveis pelo local", capazes de sanar quaisquer dúvidas surgidas na fiscalização.

O relatório não indica irregularidades dentro da cela de Cabral, a não ser uma proteção com fundação supostamente para esconder um aparelho celular. Contudo, afirma que ele estava numa área externa de onde foi lançada para fora da unidade, no momento da fiscalização, uma sacola plástica com três celulares, um relógio Apple Watch, uma câmera de segurança, relógio, cigarros "aparentemente de maconha" e um token de banco.

A defesa afirmou, em uma petição, que a irregularidade foi encontrada na cela de Cabral.

o mundo

Veja perguntas e respostas sobre direitos reprodutivos de americanas

THE NEW YORK TIMES Um parecer da Suprema Corte pode derrubar a decisão Roe vs. Wade, que garante o direito ao aborto nos EUA. Entenda abaixo o que uma mudança do entendimento do tribunal sobre o tema provocaria.

Se Roe for derrubada, o aborto se tornaria ilegal em todos os lugares? Não. Cada estado decidiria se e quando o aborto seria legal. Muitos estados continuariam a permiti-lo, e alguns até começaram a fazer provisões para atender mulheres que vivem em locais que provavelmente restringirão o aborto.

Onde o acesso ao aborto teria maior probabilidade de mudar?

O procedimento provavelmente se tornaria ilegal em cerca da metade dos estados americanos. De acordo com o Centro de Direitos Reprodutivos, grupo que luta há décadas contra restrições ao direito ao aborto e a companhia de perto as leis estaduais, 24 estados provavelmente proibiram o aborto se forem aprovadas: Alabama, Arizona, Arkansas, Geórgia, Idaho, Indiana, Kentucky, Louisiana, Michigan, Mississippi, Missouri, Nebraska, North Carolina, North Dakota, Ohio, Oklahoma, Pensilvânia, Carolina do Sul, Dakota do Sul, Tennessee, Texas, Utah, Virgínia Ocidental e Wisconsin.

O Instituto Guttmacher, grupo de pesquisa focado em saúde reprodutiva, diz que uma única restrição referente de estados provavelmente limitaria bastante o acesso ao aborto: sua complicação de 20 estados inclui Carolina do Norte e Pensilvânia, mas inclui Flórida, Iowa, Montana e Wyoming. Treze estados têm as chamadas leis de gatilho, que tornam o aborto ilegal assim que um tribunal decide.

Como o número de abortos mudaria nos EUA?

Sem a Roe, o aborto provavelmente diminuiria mais porque as mulheres teriam que viajar mais longe até um estado onde a prática é legal. Pesquisas de dezembro sobre as mudanças estimadas nas distâncias até as clínicas desdobram, se Roe for derrubada, o número de abortos legais provavelmente cairá cerca de 14%.

Sem a Roe, como os EUA se comparariam ao resto do mundo?

Os EUA se somariam a países que endureceram as leis de aborto nos últimos anos. Apenas três países o fizeram desde 1994: Polónia, El Salvador e Nicarágua. Nesse período, 59 países ampliaram o acesso, segundo o Centro de Direitos Reprodutivos.

Quando isso aconteceria? Não imediatamente. O aborto permanece legal em todos os estados por enquanto. O documento vazio do tribunal diz que um rascunho, no mais uma opinião final. Pode levar um mês ou mais até que a Suprema Corte decida oficialmente sobre o caso. O tribunal decidiu contra a Roe, as clínicas de alguns estados provavelmente começaram a fechar em poucos dias. Em outros, como a Geórgia, o governo pode levar vários meses.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves



Manifestantes favoráveis e contrários ao direito ao aborto se reúnem em frente à Suprema Corte dos EUA, em Washington. Anna Marmey/REX

Rascunho indica que Suprema Corte dos EUA irá reverter garantia a aborto

Tribunal investiga vazamento de minuta à imprensa; decisão final sobre tema ainda não está tomada

WASHINGTON/REUTERS Um rascunho interno da Suprema Corte dos EUA que veio a público no fim desta segunda-feira (2) indica que o órgão mudará seu entendimento sobre o aborto no país, revertendo direito garantido pela decisão Roe vs. Wade, de 1973.

O texto, assinado pelo juiz conservador Samuel Alito com data de 10 de fevereiro, foi divulgado pelo site Politico e teve a autenticidade confirmada nesta terça (3). Ao final, o presidente do tribunal, John Roberts, anunciou a abertura de investigação para apurar o vazamento, classificando o episódio de "flagrante quebra de confiança".

A minuta de Alito, como destacou o Politico, configura "repúdio total e inflexível" a Roe vs. Wade, decisão que garantiu proteção constitucional ao direito ao aborto, e a outro julgamento, de 1992 (Planned Parenthood vs. Casey), que a ratificou.

Segundo o site, outros quatro conservadores — Clarence Thomas, Neil Gorsuch, Brett Kavanaugh e Amy Coney Barrett — teriam endossado a posição de Alito, indicado por George W. Bush para a mais alta corte do país em 2006.

Os magistrados da ala progressista — Stephen G. Breyer, Sonia Sotomayor e Elena Kagan —, que devem formar dissidência, estavam atentos para tentar convencer colegas a mudar

de posição. Não está claro como Roberts planejava votar.

Em comunicado, o presidente do órgão destacou que o rascunho obteve de vazamento é um tipo de documento que com frequência circula internamente no tribunal, "parte do processo sigiloso de deliberação dos juizes" e que não representa a posição final de nenhum membro da corte para a decisão. Uma decisão só é definitiva quando publicada pelo tribunal.

"Na mídia em que essa traição pretendia minar a integridade das nossas operações, não houve êxito. O trabalho do tribunal não será afetado de forma alguma", disse Roberts.

O caso configura, segundo o Politico, algo sem precedentes na história moderna da mais alta corte do país. Em meio a especulações, o chefe da corte procurou defender a estrutura da instituição, ressaltando a lealdade de funcionários e a tradição de confidencialidade do processo judicial.

Por outro lado, crítico o caso como uma afronta à Suprema Corte e seus trabalhadores. Apesar das falas duras, vazamentos não são especialmente incomuns no órgão, segundo Jonathan Peters, professor de direito da Universidade da Geórgia, que listou no Twitter uma dezena de exemplos — um deles envolve o próprio Roberts, que em 2012 viu o canal CBS revelar que

ele se juntou à ala progressista no voto do julgamento do cerne do Obamacare.

A Suprema Corte debate atualmente uma legislação aprovada no Mississippi que impede o aborto após 15 semanas de gestação, e argumentações orais de quatro dos seis conservadores já indicavam votos a favor do dispositivo, abrindo caminho para a mudança de entendimento e a adoção de regras similares em mais estados.

Das 98 páginas do documento vazado na segunda, 31 são de um apêndice listando leis estaduais aprovadas para criminalizar o aborto nos últimos anos. Em trechos do material, Alito afirma que a decisão Roe vs. Wade conflita com a Constituição americana e retira das mãos das pessoas que deveriam decidir sobre o aborto — os governantes eleitos — esse poder.

"O caso del Roe estava flagrantemente errado desde o início. Sua argumentação foi excepcionalmente fraca, a decisão teve consequências danosas. É longo o tempo para trazer um acordo nacional para a questão do aborto, [os casos] Roe e Casey inflamaram o debate e aprofundaram a divisão", segue o texto de Alito.

Pleiteados por republicanos, projetos antiaborto cresceram nos últimos anos — o Texas, um dos casos mais restritivos, aprovou uma lei que proíbe o

procedimento após seis semanas de gestação, e nesta terça o governador de Oklahoma sancionou texto semelhante.

No rascunho, Alito ainda rejeita a ideia de que a reversão do direito ao aborto possa subjugar ainda mais as mulheres.

Para argumentar, diz que elas têm poder eleitoral e político. Alito escreve ainda que a decisão "diz respeito ao direito constitucional ao aborto e a nenhum outro direito", destacando que a mudança de entendimento em relação à prática não deve "colocar em dúvida precedentes que não dizem respeito ao aborto". Em 1973, Roe vs. Wade foi votado por maioria de 7 decidos, com 5 juizes conservadores, nomeados por republicanos, somando-se a progressistas.

A mudança de entendimento, caso se confirme, representaria uma derrota significativa para o presidente Joe Biden, que vem criticando as restrições ao procedimento impostas por estados conservadores.

O democrata enfrenta neste ano um teste eleitoral no pleito legítimo de meio de mandato, em novembro, quando a maioria estreita de seu partido no Congresso estará em jogo. Ao publicar a revelação, o Politico ofereceu poucos detalhes sobre como obteve o documento — "de uma pessoa familiar aos procedimentos da Corte". O Instituto Posner, que publica análises de mídia, de-

fendeu que, numa era de informações erradas ou feitas para desinformar, explicar os procedimentos para atestar a autenticidade do rascunho ajudaria a dirimir dúvidas.

A divulgação disparou protestos de ativistas em frente à Suprema Corte — já na noite desta segunda-feira, que se repetiriam nesta terça — e repercutiu entre políticos.

A governadora de Nova York, a democrata Kathy Hochul, foi uma das primeiras a comentar o texto do Politico, acrescentando que o estado vai "sempre garantir" o direito ao aborto. Já Hillary Clinton, ex secretária de Estado e candidata democrata derrotada por Trump em 2016, chamou a possível decisão de "um ataque que direto à dignidade, aos direitos e à vida das mulheres", destacando que o entendimento atual está estabelecido há décadas. "Isso vai massar e subjugar as mulheres", disse.

No protesto desta terça, várias mulheres erguiam cabides de arame. "Eles simbolizam o modo que os abortos eram feitos antes da liberação, e estão a direção em que estamos indo, se esse direito for tirado", comentou Marcy Marquis, 57. A posição do instrumento era usada por mulheres que queriam tentar interromper a gravidez mas não tinham acesso a um apoio médico. O ato pode trazer complicações e riscos. Colaboração Rafael Balagó, de Washington

Mudança em Roe vs. Wade pode ser 1ª vitória de Trump para 2024

ANÁLISE

Daigo Oliveira

SÃO PAULO Seto todo mundo que participou do ensaio aparecer para o show, os Estados Unidos devem rever o breve o direito ao aborto. Rascunho da minuta de votação inicial da Suprema Corte, vazado ao site Politico nesta segunda-feira (2), mostra que o tribunal mudará o entendimento da decisão Roe vs. Wade, de 1973.

Assim, a vitória de uma bandeira conservadora clássica deve se tornar o primeiro triunfo de Donald Trump para 2024, ano em que, especula-se, tentará voltar à Presidência. Com o Partido Republicano sob seu controle, é provável que nos próximos dias

ele aproveite o vazamento para sair em tom de campanha dizendo que a marca conservadora que imprimiu ao tribunal já entregou resultados.

Nos quatro anos na Casa Branca, o republicano indicado até aqui também não mudou o termo da composição, um terço da comissão. Ampliou a vantagem de cinco juizes de viés conservador contra quatro de viés progressista para, ao menos, cinco a três — o magistrado que falta nesta corte é o presidente da corte, John Roberts, que nos últimos anos se juntou à ala liberal em muitas decisões, mas nasceu conservador. Ainda não se sabe como ele se posicionará na votação final.

A única nomeação de Joe Biden até aqui também não mudou a balança, já que Ketanji Jackson, 51, entrará na vaga

de Stephen G. Breyer, 83, seis por meia dúzia no cálculo geral. O que restou foram as indicações de Trump, o trio Neil Gorsuch, 54, Brett Kavanaugh, 57, e Amy Coney Barrett, 50.

Como a cadeira no tribunal não tem limite de tempo nem de idade para aposentadoria compulsória, os reflexos das nomeações do ex líder americano não perdurarão por décadas. A votação inicial no tribunal espelha uma onda que vem tomando estas lideranças por republicanos, como o Texas, com leis antiaborto cada vez mais restritivas.

Quando vaza algo, aliás, é quem está perdendo e precisa reverter a situação. Mesmo que o placar da votação final dificilmente vá mudar, revelar um cenário gera debate público, o que pode criar um

ambiente que convença o juiz Roberts a votar junto com a dissidência — e um placar de 5 a 4 expressará discordância maior que um 6 a 3, qualquer mudança imprevista na corte traria o tema de volta.

Com Biden como base de popularidade, afetado pela diminuição do poder de compra dos americanos, pelas dificuldades para se livrar de um vírus que custa a desaparecer e por um país ainda muito dividido entre azuis e vermelhos, Trump poderá testar já em novembro o quão bem virá a ideia de uma nova candidatura.

No fim do ano, a estreita maioria democrata no Senado e na Câmara pode evaporar. Média das pesquisas compiladas pelo site FiveThirtyEight mostra que, hoje, os eleitores querem mais republi-

cos (45,2%) que democratas (42,8%) no Congresso — vantagem pesada, mas se bastaria para mudar a maioria.

Tanto em novembro como em 2024, as pautas conservadoras estarão presentes, seja o controle que os pais podem ter sobre o que é ensinado aos filhos nas escolas, seja o direito ao aborto. Se a economia estiver nas nuvens no momento, os eleitores podem se sentir impotentes e mais propensos a votar em quem parece oferecer algo a mais, questões relacionadas às guerras culturais podem até ser menos influentes na hora do voto.

Seja como for, Trumpbunho um forte argumento no esforço para vender que um novo mandato do líder mais controverso da história recente dos EUA fará a Suprema Corte ser ainda mais conservadora.

Biden faz apelo a eleitores e vê ameaça a outros direitos

Autoridades eleitas em pleito legislativo vão assegurar escolha, diz presidente

WASHINGTON | REUTERS E APF
Diante da perspectiva de que a Suprema Corte dos EUA reverterá o direito ao aborto, o presidente Joe Biden pediu nesta terça-feira (3) que os americanos votem nas eleições legislativas de novembro para defender o acesso "fundamental" ao procedimento e alertou para a ameaça de perda de outras garantias.

Se o tribunal alterar a jurisprudência em vigor desde a década de 1970, "cabera às autoridades eleitas de nossa nação em todos os níveis de governo proteger o direito de escolha da mulher", afirmou Biden, em um comunicado. "E cabera aos eleitores escolher em novembro os parlamentares a favor do direito".

A declaração do presidente foi feita no dia seguinte ao vazamento de um documento, posteriormente confirmado como autêntico pela Suprema Corte dos EUA, indicando que o órgão mudará seu entendimento sobre o aborto no país, revertendo o direito garantido pela decisão Roe vs. Wade, de 1973.

Nesta terça, Biden disse que uma eventual decisão "radical" da corte poderia colocar em risco outras liberdades, como o acesso à contracepção e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O democrata também reiterou que seu governo está pronto para proteger o acesso ao aborto caso uma determinação contrária seja emitida. "Acredi-

to que o direito de escolha de uma mulher é fundamental".

Mais tarde, na base aérea Andrews, próxima a Washington, de onde partiria para o Alabama, o presidente repeliu a afirmação de que a provável mudança "significaria que outras decisões relacionadas à noção de privacidade seriam colocadas em questão". "Trata-se de uma mudança fundamental na jurisdição americana".

Biden já indicou não apoiar propostas para aumentar o número de assentos na Suprema Corte, uma maneira de mudar à força a balança ideológica do tribunal, e também disse não estar pronto para opinar se o Senado deveria mudar suas regras para permi-

“[A reversão da Roe vs. Wade] significaria que outras decisões seriam colocadas em questão”

Cabera aos eleitores escolher parlamentares a favor do direito [ao aborto]

Joe Biden
presidente americano

tir que votações por maioria simples pousam aprovar, por exemplo, a transformação do direito ao aborto em lei. Atualmente, os governistas têm controle da Casa, dividida em 50 democratas e 50 republicanos, graças ao voto de desempatado da vice Kamala Harris.

Em entrevista coletiva, Chuck Schumer, líder da maioria no Senado, disse que os democratas vão propor um projeto para fazer do acesso ao aborto uma legislação, com votação na semana que vem.

Com a revelação da minuta do tribunal, diferentes reações surgiram na política e na sociedade civil dos EUA. A senadora Lisa Murkowski, uma republicana moderada que tem apoiado o direito ao aborto, expressou consternação, dizendo que a decisão publicada no vazamento "abala a confiança da lei no tribunal".

O governador da Califórnia, o democrata Gavin Newsom, disse que os democratas no estado buscarão uma emenda à sua Constituição para "consagrar o direito de escolha".

O líder republicano no Senado, Mitch McConnell, condenou o vazamento como uma "ação ilegal" que deveria ser "investigada e punida da forma mais completa possível".

O grupo antiaborto Susan B. Anthony List, por sua vez, celebrou a perspectiva de mudança do entendimento do tribunal. "Se Roe de fato for derrubada, nossos trabalhos começarão a construir consenso para as proteções mais fortes possíveis para mulheres e crianças nascidas em todas as legislações", disse o presidente do órgão, Marjorie Dannenfelser.

O aborto é uma das questões mais polêmicas nos EUA há décadas. Pesquisa do Pew Research Center desta semana mostrou que 59% dos adultos dizem que o procedimento deveria ser legal em todos ou na maioria dos casos, enquanto 39% afirmaram que a prática deveria ser ilegal na maioria ou em todos os casos.

Da mesma maneira, o apoio de Biden ao direito ao aborto é tema de debate, com lideranças da igreja americana dizendo que ele não deveria ter o direito de receber a comunhão. Segundo presidente católico em toda a história americana — o primeiro foi John Kennedy, que governou de 1961 a 1963 —, Biden vai à missa todos os domingos e costuma citar passagens bíblicas e o papa Francisco em discursos.

Durante os mais de 30 anos em que esteve no Senado, ele sempre votou a favor de uma regra conhecida como "emenda Hyde", aprovada em 1976, que limita aos casos de estupro, incesto ou risco de vida da mãe o uso de verbas federais para financiar abortos por meio do sistema de seguro de saúde público. Mas, pressionado por grupos feministas e de defesa dos direitos das mulheres, o democrata anunciou, durante sua campanha, em 2019, que passou a defender o financiamento federal em todos os casos.

À época, o juiz Warren Burger, que presidia o tribunal, ficou furioso. Ele determinou a abertura de uma investigação, à semelhança do que fez nesta terça-feira (3) o atual presidente John Roberts.

Hammond ficou imediatamente ao lado de Biden, admitindo seu papel no caso e se oferecendo para renunciar ao cargo. O juiz Powell, por sua vez, recusou o pedido de demissão e intercedeu pelo escrivão para amainar a situação — o presidente também manteve Hammond em sua função e passou a dirigir suas críticas à imprensa.

Roberts conta em sua coluna que Burger ficou particularmente incomodado com o vazamento por dois motivos. Primeiro, porque ele próprio havia votado a favor do direito ao aborto com relutância. Segundo, porque o título da reportagem da Time, que falava em "aborto sob votação", poderia ser lido como se a interrupção da gravidez fosse algo banal.

Decisão de 1973 que liberou prática também vazou à imprensa

SÃO PAULO | O vazamento de um documento interno da Suprema Corte dos EUA, que indicava que o tribunal vai mudar o entendimento de quase 50 anos sobre o direito ao aborto no país, evocou a própria decisão que está prestes a ser revertida.

Isso porque em 1973 o posicionamento da mais alta instância da Justiça americana no caso Roe vs. Wade acabou sendo revertido no meio pela imprensa, por uma questão de horas. A velocidade limitada em que a informação podia circular em bancas de jornal na qual atravessava fronteiras em poucos minutos hoje é uma diferença crucial para entender o peso dos acontecimentos desta segunda (2) — que rapidamente teve reflexos na movimentação política de democratas, como o presidente Joe Biden, e republicanos.

Naquele ano, em janeiro, uma combinação de fatores fez com que a edição semanal da revista Time chegasse a bancas com o reportagem "The Sexes: Abortion on Demand" (os sexos: Aborto sob demanda) horas antes da decisão final anunciada pelo juiz Harry Blackmun.

O vazamento se deu a partir de uma informação passada por Larry Hammond, então escrivão da Suprema Corte, a David Beckwith, repórter da publicação de quem tinha sido colega na faculdade de direito. Os detalhes do caso foram contados ao jornalista James Rohan, que voltou ao tema em coluna publicada nesta segunda no jornal The Washington Post.

Hammond presta serviços ao juiz Lewis Powell e teria desempenhado papel importante em convencer o magistrado da linha de raciocínio que se tornaria central no caso Roe vs. Wade: o conceito de viabilidade, que se refere à capacidade de sobrevivência do feto fora do ventre materno.

Uma vez ciente de que a decisão favorável ao direito ao aborto se aproximava, o escrivão fez uma espécie de acordo com o jornalista, pelo qual este assumiu o compromisso de não publicar o texto quando o parecer final da corte fosse oficializado. Então, depois de um atraso imprevisto nos trâmites do tribunal, aliado à antecipação da produção com uma mídia apressada, resultaram em um "tiro no próprio pé", no jargão jornalístico.

À época, o juiz Warren Burger, que presidia o tribunal, ficou furioso. Ele determinou a abertura de uma investigação, à semelhança do que fez nesta terça-feira (3) o atual presidente John Roberts.

Hammond ficou imediatamente ao lado de Biden, admitindo seu papel no caso e se oferecendo para renunciar ao cargo. O juiz Powell, por sua vez, recusou o pedido de demissão e intercedeu pelo escrivão para amainar a situação — o presidente também manteve Hammond em sua função e passou a dirigir suas críticas à imprensa.

Roberts conta em sua coluna que Burger ficou particularmente incomodado com o vazamento por dois motivos. Primeiro, porque ele próprio havia votado a favor do direito ao aborto com relutância. Segundo, porque o título da reportagem da Time, que falava em "aborto sob votação", poderia ser lido como se a interrupção da gravidez fosse algo banal.

Declínio no número de abortos nos EUA

Proporção de abortos em relação ao número de gravidezes, de 1973 a 2017

Por faixa etária, em %



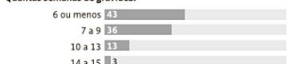
Perfil das mulheres que abortam nos EUA

Em %

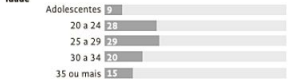
Quantos filhos?



Quantas semanas de gravidez?



Idade



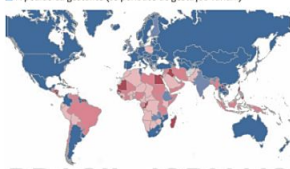
Declaração racial*



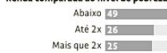
*Dados de 29 estados e do Distrito de Colúmbia

Legislação para o aborto ao redor do mundo

- Proibido em qualquer circunstância
- Permitido para salvar a vida da mulher
- Permitido por motivos de saúde ou terapêuticos
- Permitido por amplos motivos sociais ou econômicos
- A pedido da gestante (os períodos de gestação variam)



Renda comparada ao nível de pobreza



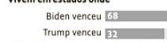
Quantos abortos prévios



Estado civil



Vivem em estados onde



Fontes: Guttmacher Institute, The New York Times, Center for Reproductive Rights e Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA

Restrições ao direito ao aborto são contra a vida e a saúde pública

OPINIÃO

Iliana Ambrogio e Helena Borges Martins da Silva

Ambrogio é médica de família e comunidade, doutora em bioética, ética aplicada e saúde coletiva (PPGBOIS/Fiocruz) e pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética, Para e Ginecologia e Obstetrícia, professora da Universidade Federal de Uberlândia

A notícia do vazamento do rascunho de uma potencial decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos revertendo o entendimento que há décadas assegura o acesso à interrupção voluntária da gravidez provoca alerta, porque sabemos que a garantia do direito ao aborto é inseparável da garantia do direito à saúde.

Se a ameaça de reversão de Roe vs. Wade se concretizar, isso deixará milhares de ameri-

canas à mercê de decisões políticas arbitrárias, aliadas das evidências científicas por parte de legisladores estaduais que podem inclusive impedir totalmente o direito ao aborto.

Não garantir o acesso a esse procedimento afeta negativamente a vida das mulheres e pessoas que podem gerar, das famílias e da sociedade como um todo. Afeta, principalmente, pessoas em contextos de maior vulnerabilidade e que estão constantemente subjugadas a estruturas racistas, capacitistas e heteronormativas. Isso não é muito diferente nos EUA, país que também tem e reproduz muitas iniquidades. Prova disso é que, mesmo com a decisão da Suprema Corte no caso Roe vs. Wade, de 1973, americanas em contextos de maior vulnerabilidade

seguem tendo que ultrapassar múltiplas barreiras de acesso ao aborto — custo, dificuldade de locomoção, períodos de espera e limites arbitrários de idade gestacional impostos por clínicas e estados.

Como ocorre no Brasil, essas barreiras pouco afetam mulheres e brancas, que podem acessar clínicas privadas em estados sem essas barreiras. Aborto (em qualquer tempo gestacional), como já bem estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, é uma questão de saúde — pública e individual. Aborto é um exemplo potente de uma questão de saúde pública por que sabemos que sua criminalização leva a mortes evitáveis das pessoas mais vulneráveis.

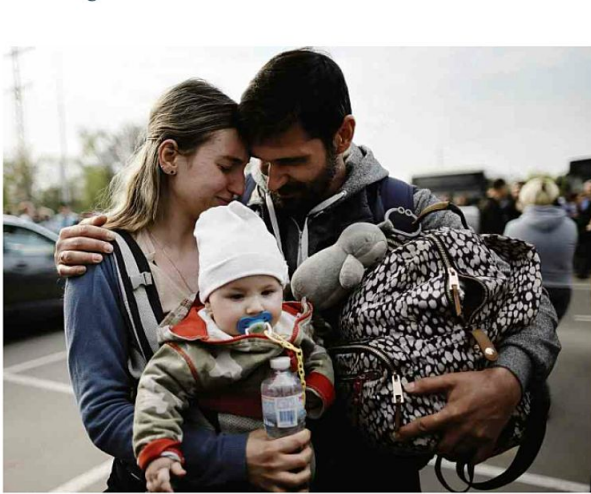
Um exemplo potente é o Uruguai, que zerou mortes maternas por aborto com a legalização e a provisão do procedimento de forma segura. O reverso tragicamente é verdade que vivemos no Brasil. O país é um exemplo tempestoso, evitável e reversível do que acontece em contextos de leis restritivas à liberdade voluntária da gravidez.

Não só temos mortes e morbidades por aborto 100% evitáveis: temos falta de conhecimento sobre questões básicas em saúde e direitos sexuais e reprodutivos. Não é por acaso que há anualmente ao redor de 22 mil nascidos vivos em crianças de até 14 anos (vítimas de estupro de vulnerável). Isso representa uma tragédia social e uma violação de direitos em saúde como o acesso ao aborto — como também se configura risco para a saúde e a vida dessas milhares de crianças.

Qualquer decisão, em qualquer lugar e em qualquer momento, que deixo de proteger e garantir o aborto vai contra evidências científicas. Vai contra determinações e acordos internacionais sobre os direitos mais básicos que mulheres e pessoas que podem gerar têm, como o direito à saúde sexual e reprodutiva. Também vai contra princípios éticos e princípios dos direitos humanos, como a autonomia.

Essencialmente, decisões que restringem a garantia ao aborto são decisões contra a vida e a saúde pública. São decisões de qualquer Estado salvaguardar a saúde da população e proteger os mais vulnerabilizados, criando contextos para que iniquidades sejam corrigidas — a descriminalização do aborto é uma delas.

mundo guerra da ucrânia



RETIRADA DE CÍVIS DE MARIUPOL

Família que fugiu da cidade portuária chega a centro para deslocados internos em Zaporíjia

Ueslei Marcelino/Reuters

Putin descobre os problemas de virar ditador, diz escritor

Para Tom G. Palmer, Rússia tem se tornado estado totalitário, em que qualquer dissenso é proibido

Thiago Amâncio

SÃO PAULO Para o escritor americano Tom G. Palmer, o desenrolar da Guerra da Ucrânia tem mostrado ao presidente Vladimir Putin, e da pior forma, o que acontece quando você se torna um ditador.

Nesse cenário, seus assessores e conselheiros não querem dar notícias ruins, temendo acabar na prisão ou sofrer um acidente mal explicado, e, sem compreensão clara do cenário, vão passa a acreditar na própria propaganda e toma decisões com base em análises malfeitas.

"Isso fica claro quando Putin demite seus conselheiros de inteligência mais próximos", diz, fazendo referência a relatos de que teria havido um expurgo no Kremlin depois de a guerra durar mais do que o previsto inicialmente. "Todos [os oficiais] tinham medo de dizer a ele qual era a real situação do Exército russo e a real condição de resistência da Ucrânia".

Porém: "Eu tenho um mau pressentimento sobre tudo isso, admito, estou muito pes-

vizinho facilmente e, depois, que o Kremlin teria apoiadores no país em número suficiente para tomar o poder. "Nada disso era verdade", diz Palmer, doutor em ciência política pela Universidade de Oxford. Pesquisador do think tank Cato Institute e vice-presidente da Atlas Network—organização focada na promoção de ideias liberais—, ele atua no Leste Europeu desde o fim dos anos 1980, quando, ao fim da União Soviética, contrabandeou livros e até máquinas de fax para difundir ideias liberais em repúblicas socialistas da região.

O autor acaba de voltar da Ucrânia, onde viu de perto alguns dos efeitos da guerra, que em dois meses deixou mais de 5 milhões de refugiados, na crise migratória mais acelerada desde a Segunda Guerra Mundial. Como voluntário, participou de operações de ajuda humanitária, entrega de materiais para hospitais e retirada de refugiados para Polónia. Todas as pessoas que eu ajudei a retirar, todas elas, falam russo. Algumas nem entendem ucraniano bem. E to-

das dizem que não concordam com essa suposta liberação. Tinham o russo como língua principal, mas diziam que quer continuar a ser ucranianos".

Segundo o pesquisador, a Rússia de Putin, assim como a China de Xi Jinping, tem feito a transição de um Estado autoritário para um totalitário.

No passado, enquanto ocupavam o campo do autoritarismo, esses países permitiam algum nível de discordância do regime, sobretudo em círculos acadêmicos, por considerarem que não valia a pena o desgaste de reprimir ideias que circulariam pouco, uma vez que o Estado detinha o controle sobre praticamente toda a imprensa.

"Devixam intelectuais produzirem críticas e permitiam veiculá-las como a Novaya Gazeta, que não eram necessariamente uma ameaça porque a maior parte da população se informa pela televisão, e o regime controla esse meio", afirma ele, se referindo ao jornal independente russo cujo editor-chefe ganhou o Nobel da Paz em 2021 por defender a liberdade de expressão.



“Em regimes totalitários, todos devem concordar integralmente com os pensamentos do líder ou serão punidos, como acontece com quem protesta [na Rússia] contra a guerra

Tom G. Palmer pesquisador do think tank Cato Institute e vice-presidente da Atlas Network

Mas a situação em Pequim e Moscou se desenrolou ao ponto de nenhum dissenso ser tolerado, diz, consolidando-se assim como regimes totalitários. "Todos devem concordar integralmente com os pensamentos do líder ou serão punidos, como acontece com quem protesta contra a guerra". Na Rússia, chamar de guerra o que o Kremlin define como uma "operação militar especial" na Ucrânia pode levar a 15 anos de prisão. O mesmo tempo que Putin toma essas medidas totalitárias, do outro lado da fronteira o presidente ucraniano, Volodymyr Zelenski, também proibiu partidos políticos opositores, um deles com 44 assentos no Parlamento, depois que a guerra começou.

Questionado sobre o quanto essa medida também não pode ser classificada como autoritária, Palmer afirma que a suspensão se deu não por que fossem legítimas a oposição, mas sim financiadas pela Rússia, pró-Kremlin e, em parte, contrárias à própria independência ucraniana. "É um contexto de conflito. A Suíça fechou o partido nazista [em 1940, na Segunda Guerra]. O Reino Unido também fechou o partido União Britânica de Fascistas em quanto guerreava contra Mussolini. Não é uma medida inusitada em tempos de guerra proibir a atuação de grupos que defendem o agressor".

Palmer acaba de lançar o livro "Development with Dignity—Self-determination, Localization, and the End to Poverty" (desenvolvimento com dignidade—autodeterminação, localização e o fim da pobreza), ainda sem tradução no Brasil, em que defende que o fim da pobreza só pode ser atingido ao se priorizar a dignidade humana e que a prosperidade plena depende do reconhecimento da autonomia do indivíduo.

Observador da política internacional, não só do Leste Europeu, ele também acompanha de perto o Brasil e se diz preocupado que o país venha "passando por um período muito difícil" nos últimos anos, agravado pelo negacionismo no combate à pandemia.

"Aconteceu algo similar ao que ocorreu nos EUA, com uma estranha guerra cultural em relação à pandemia, em que no fim o próprio [ex-presidente Donald] Trump foi valioso ao admitir, envergonhado, que tinha mudado a vacina da Covid-19. Um episódio muito estranho de tentar minar o que lembra a situação do Brasil. Acredito que são coisas extremamente disruptivas e danosas ao país".

Ativista brasileira, Palmer também se diz preocupado com as frequentes manifestações públicas do presidente Jair Bolsonaro (PL) em apoio à ditadura militar. "Definitivamente não é algo de se orgulhar. Os brasileiros deveriam ter orgulho de sair da ditadura, não de terem sido uma. O trabalho dos militares é o de proteger o país, não de comandá-lo. A ideia de voltar a isso é preocupante".

Rússia acusa Israel de apoio a neonazistas na Ucrânia e amplia desgaste

SÃO PAULO O desgaste da diplomacia russa no exterior ganhou um novo capítulo nesta terça-feira (3), 69ª dia de guerra no Leste Europeu, depois de o chanceler russo, Serguei Lavrov, acusar Israel de apoiar neonazistas na Ucrânia. A fala aumenta a tensão iniciada no fim de semana, quando o diplomata disse que Adolf Hitler tinha sangue judeu. As falas do ministro do encontro de uma das contestadas alegações de Vladimir Putin para iniciar a invasão do território vizinho: a de que era preciso "desnazificar" o Estado ucraniano. O país convive com células nazistas—como o Batalhão Azov, em parte incorporado às Forças Armadas—, mas especialistas dizem que a fala de Putin não se sustenta na realidade.

A acusação de Lavrov veio após seu homólogo israelense, Yair Lapid, condenar as falas sobre judeus e acusar o alto diplomata russo de fazer uso político do Holocausto. Ele pediu que Lavrov se desculpasse pelas declarações, que caracterizou como uma demonstração de racismo. O episódio, além das trocas de farpas diplomáticas, arrisca mudar a posição de Israel, até aqui um agente neutro no conflito. Tel Aviv tem enviado ajuda humanitária à Kiev, mas hesitou em enviar armamentos, como fizeram outros países. Também despendeu poucas críticas consistentes a Moscou e não impôs sanções econômicas.

Em campo, a terça-feira foi marcada por uma em partes bem sucedida tentativa de retirar civis da usina de Azovstal, em Mariupol—a cidade, em muitas medidas símbolo da guerra, está sitiada há semanas, e a planta é uma espécie de bastião das forças ucranianas restantes. Segundo o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que mediu a abertura do corredor humanitário, mais de cem pessoas deixaram a usina e foram para Zaporíjia, na região central.

Ainda assim, o Ministério da Defesa russo, segundo a agência RIA, disse que, ao lado de tropas da autoproclamada república separatista de Donetsk, na região do Donbass, voltou a atacar Azovstal por terra e ar. A Rússia também voltou a atacar Ilii, cidade do oeste ucraniano próxima à fronteira com a Polónia, segundo o prefeito Andrii Sadovii. A infraestrutura de energia teria sido atingida, e uma pessoa teria ficado ferida. Com Reuters e The New York Times

TODA MÍDIA

Nelson de Sá

nelson.sagroupfolha.com.br

Papa critica 'latidos da Otan' e diz ter 'mau pressentimento'

Em entrevista ao editor do Corriere della Sera, o papa Francisco afirmou, no destaque do jornal de Milão, estar pronto para "encontrar Vladimir Putin em Moscou".

Relatou ter ouvido do primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, "que os russos têm um plano preciso e a guerra terminará em 9 de maio"—o que parece coincidir, segundo o papa, com as ações de Donbass a Odessa.

Porém: "Eu tenho um mau pressentimento sobre tudo isso, admito, estou muito pes-

simista". Descreve sua insistência em pedir paz à Rússia como "dever de fazer tudo que puder para parar a guerra", acrescentando: "Mas sou padre, o que posso fazer?". Da agência RIA Novosti ao Wall Street Journal, a repercussão da entrevista foi para uma outra passagem de suas declarações, "talvez os latidos da Otan na porta da Rússia tenham obrigado Putin a desencadear" a guerra. Na mesma direção do papa, como noticiado pela agência russa e por franceses com Le

Figaro, Emmanuel Macron falou por duas horas e dez minutos na terça, por telefone, com o presidente russo.

Ainda sem avançar, pois mais retiradas de civis de Mariupol e ouviu pedido para atentar aos bombardeios contra as cidades de Donbass.

GUERRA ESTRANHA Em reportagem do chefe da sucursal em Moscou, ouvindo Dmitri Trenin, diretor do suspensão Centro Carnegie, o New York Times diz agora que "Putin mostra contenção" na Ucrânia. Não destruiu "ferrovias, estradas e pontes", evitou "abusos, sabotagens ou mais cortes de energia para a Europa" etc. Para Trenin, "é uma guer-

ra estranha", em que "a Rússia estabeleceu limites rígidos para si mesma". Com isso, informa o NYT, silenciosamente, autoridades ocidentais estão desafiando o porquê.

EM DECLÍNIO Também no NYT, o vazamento via Politico do rascunho de uma decisão sobre aborto atinge "a Suprema Corte como instituição". Sua "reputação já estava em declínio, com grande parte do país convencido de que ela não é diferente" do governo e do Congresso. O vazamento "pode tornar a corte uma instituição como qualquer outra em Washington, em que facções rivais soltam segredos na esperança de obter vantagens".

Brazil's Inflation Is So Bad Even Central Bank Workers Protest



GALOPANTE Na Bloomberg, "Inflação no Brasil é tão ruim que até os funcionários do Banco Central protestam", com imagem do prédio esvaziado em 12% de greve. O protesto é organizado pelos galopantes que os encarregados de controlar os preços estão em greve para recuperar o poder de compra perdido.

mercado

Mercado diverge sobre fim do ciclo de alta de juros e espera sinais do BC

Expectativa é que Copom eleve hoje a Selic em um ponto percentual; dúvida é sobre novos passos

Nathalia Garcia

BRÁSILIA É consenso entre os economistas que o Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central deve anunciar, nesta quarta-feira (4), uma nova alta de um ponto percentual da taxa básica de juros (Selic), de 12,75% para 12,75% ao ano. No entanto, a previsibilidade não se aplica às expectativas do fim do ciclo do aperto monetário.

A mediana das estimativas da pesquisa Focus, que mostra as expectativas de analistas ouvidos pelo Banco Central, é de uma Selic em 12,75% ao ano em 2022. No entanto, alguns já veem risco de a taxa avançar para 14%, enquanto outros, que não estão vinculados ao mercado financeiro consideram que o BC já foi até longe demais.

"A incerteza [do mercado] é com relação à comunicação do BC para junho, se ele vai, de fato, fechar a porta para alterações na Selic ou se vai continuar subindo a taxa de juros", diz Lucas Villela, economista do Credit Suisse no Brasil.

Em março, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, indicou a intenção de encerrar o ciclo de alta de juros com a Selic em 12,75% ao ano. Mais tarde, chegou a dizer que a autoridade monetária iria "anunciar" o fim do ciclo de alta de juros, mas não voltou a se pronunciar.

Com base na deterioração do cenário de inflação atual e prospectivo, Mauricio Oreng, superintendente de pesquisa macroeconômica do Santander, vê a possibilidade de o BC alterar seu plano de ve-

fazendo um ajuste residual de 0,50 ponto no reajuste de junho, além da alta desta semana. Com isso, a Selic iria a 12,75% ao ano ao fim do ciclo.

"A gente acredita que o Banco Central vai acabar revisando o plano com a projeção de inflação naquele cenário mais provável, com o petróleo a US\$ 100, isso particularmente em razão das expectativas, que subiram para 2022 e também para 2023", afirmou.

O risco de desencorajamento das expectativas, diante de uma inflação que pode se tornar inercial e de novas pressões, como os lockdowns na China, exige um esforço adicional do BC, na visão de Caio Megale, economista chefe da XP Investimentos.

Para ele, a autoridade monetária encerrará o ciclo do aperto monetário em junho, com duas altas consecutivas de um ponto percentual da taxa de juros, chegando a 12,75%.

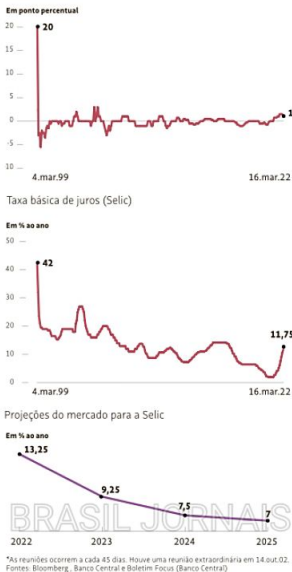
"A inflação está perto do seu pico, mas é um nível muito alto ainda. Se o BC não for cauteloso, como tem sido, corre o risco de que essa inflação mais alta fique consolidada por um pouco mais de tempo", afirmou.

"O fato de a inflação estar chegando a um platô não significa necessariamente que possa parar e deixar o ajuste já realizado surtir efeito. Me parece que não é o momento de baixar a guarda", acrescentou em referência ao impacto defasado da política monetária no cenário de inflação atual e prospectivo.

Com um prognóstico de inflação mais elevado (8,3% em 2022 e 4,6% em 2023), o Credit Suisse prevê a Selic a 14% ao fim do ciclo. Além da ele-

Mercado espera sinais do Copom sobre rumo dos juros

Variação da Selic por período*



vação de um ponto percentual em maio, adiciona também uma alta de 0,75 ponto em junho e um ajuste de 0,50 ponto em agosto.

Sobre os próximos passos, o banco suíço espera a indicação de uma nova elevação da Selic no encontro seguinte, em 14 e 15 de junho, sem explicitar sua magnitude.

"Em um momento de incerteza muito grande, o BC poderia prezar por menos clareza e ir avaliando os resultados ao longo das reuniões", disse.

Gustavo Arruda, chefe de pesquisa para América Latina do BNP Paribas, considera que o Copom deveria ser "um pouco menos assertivo" em relação aos próximos movimentos. "Se por um lado o Banco Central tem feito um bom trabalho em analisar o cenário, a comunicação é onde ele pode melhorar. Essa comunicação de coisas que a gente não tem muita certeza acaba atrapalhando a coordenação das expectativas", disse.

Nas projeções do banco francês, o BC vai efetuar novos aumentos na Selic nos próximos meses, dado que o processo de convergência da inflação para a meta de 3,5% não tem muita certeza de se manter mais do que o previsto para acontecer. A expectativa é de aumento de um ponto percentual tanto em maio quanto em junho, com a elevação de 0,5 ponto em agosto. Assim, a taxa de juros encerraria o ciclo em 14,25%.

Apesar da divergência no patamar da Selic ao fim do ciclo do aperto monetário, a necessidade de continuar subindo a taxa de juros é consensual entre analistas vinculados ao mercado financeiro. Mas, no

meio acadêmico, economistas têm a avaliação de que continuar aumentando a Selic não é a melhor estratégia para conter a inflação no atual cenário. Tanto Lauro Gonzalez, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), quanto José Luis Oreiro, da UnB (Universidade de Brasília), citaram a visão de Christine Lagarde, presidente do Banco Central Europeu, sobre a pouca influência do instrumento de política monetária para conter uma inflação importada.

"Esse aumento de juros não vai ter efeito sobre a inflação e vai transferir renda do resto da sociedade para os mais ricos", afirmou Oreiro.

Na avaliação do economista, para que a elevação da Selic surtisse o efeito esperado, seria preciso atingir uma taxa maior de 20%, o que produziria uma profunda recessão econômica.

"O nível de miséria, de desespero, de gente desmatando, você pode reduzir a inflação dessa maneira, mas vai destruir a economia brasileira nesse processo". Se o cenário se concretizar, o mecanismo que poderia ajudar no combate à inflação é uma grande valorização da taxa de câmbio. Em abril, o dólar desceu para 1,42, enquanto em maio, a menor cotação nos últimos dois anos. Mas a tendência durou pouco, e a moeda americana já voltou a operar acima de R\$ 5 — nesta terça (3), a moeda caiu 2,7% e fechou a R\$ 4,96.

Para Gonzalez, o BC deveria aguardar os efeitos da subida de juros, que passou de 2% a 12,75% em apenas nove altas consecutivas, e reavaliar a situação no decorrer do segundo semestre.

Em cenário em que a taxa de juros não é elevada, de renda deprimida, o mercado de trabalho muito aquecido, com desemprego elevado, até que ponto isso tudo não justificaria uma espera para verificar se os componentes de demanda da inflação estão tendo um papel que justifique um novo aumento de juros?, afirmou.

Fed virou um reality show, e investidor sente falta do passado

OPINIÃO

Gary Silverman
Editor de finanças dos
EUA no Financial Times

NOVA YORK FINANCIAL TIMES. Houve um tempo em que os banqueiros centrais dos EUA eram conhecidos por manter a boca fechada. Ao controlar a inflação na década de 1980, Paul Volcker, então presidente do Federal Reserve, assumiu uma pose pública tão inescrutável que o jornalista William Greider intitulou seu relato best-seller sobre o papel do banco central nesse período de "Segredos do Templo".

Volcker era "o tipo forte e silencioso", escreve Greider, conhecido por sua autoridade intelectual "assustadora" e modos "intimidantes" ao enfrentar comitês do Congresso e antagonistas, assim como a fumaça de charuto, Volcker balançava a cabeça cansado e descartava todas as acusações como simplistas. As perguntas eram desviadas com respostas desonestas e evasivas que não admitiam nada.

As salas cheias de fumaça desapareceram há muito tempo em Washington, assim como aquela velha estratégia de comunicação do Fed. A medida que os banqueiros centrais dos EUA enfrentam o aumento da inflação, o Fed não desce a época de Volcker, eles se tornaram incansavelmente falantes, aparecendo no palco e na tela para discutir os dados econômicos mais recentes e as implicações para o Comitê Federal do Mercado Aberto (Fomc na sigla em inglês).

O resultado é o equivalente de Wall Street a "Keeping Up with the Kardashians", um reality show imperdível



O presidente do Fed (Federal Reserve), Jerome Powell, durante audiência virtual em março; banco central dos EUA decide nesta quarta-feira (4) destino das taxas de juros, hoje num intervalo entre 0,25% e 0,5% ao ano
Liu - 17mar.22/Noticia

na TV. Para navegar nos mercados, os investidores precisam acompanhar as cabeças falantes do Fed.

Ainda assim, alguns claramente tem saudades do tempo em que seus empregados eram mais que analistas ou pronunciamentos do presidente Jay Powell e seu elenco de pessoas e personagens do banco central.

"O Fed balançou radicalmente o pêndulo, da opacidade dos velhos tempos para o excesso de transparência atual", disse David Rosenberg, economista da Merrill Lynch que hoje dirige uma firma de pesquisas que leva seu nome.

Tal como apontado na Bloomberg TV, CNBC, Fox Business News. Tudo o que fazemos

é falar sobre política."

Assim como no caso das Kardashians, há muitos banqueiros centrais nos EUA — como James Bullard, o presidente do Fed de St. Louis. Os investidores fizeram aumentar o rendimento dos títulos, acreditando que o jogo de palavras público indicava uma mudança no debate interno.

"Isso dá uma ideia melhor de onde está o contorno do comitê", disse Robert Tipp, estrategista chefe de investimentos e chefe de títulos globais na PGIM Fixed Income.

"Os observadores do Fed ficam obcecados com a narrativa de cada ordem, tentando descobrir não apenas a visão intermediária do comitê mas

— mais importante, neste ciclo — quem é o líder, quem está à frente da turma, quem está pulando o comitê, com quem rapidez e a que distância. A abordagem atual do Fed para se comunicar com os participantes do mercado é de uma maneira de lidar com o que pode ser chamado de problema de 1940. Em fevereiro daquele ano, o banco central dos EUA pegou investidores desprevenidos ao aumentar as taxas pela primeira vez em cinco anos — em 0,25 ponto percentual, para 1,5%.

Os preços dos títulos dos EUA caíram e o índice S&P 500 caiu 10% na sequência. Em meio à turbulência que se seguiu, o condado de Orange,

na Califórnia, que tinha usado o dinheiro público para fazer apostas complexas de que as taxas de juros permaneceriam baixas, pediu falência.

Nos anos que se seguiram, o banco central dos EUA se esforçou para evitar surpresas nos mercados, o que faz sentido. Deslocamentos do tipo de 1940 obviamente complicam a missão do Fed de promover a estabilidade de preços e o máximo de emprego sustentável.

Ian Lymgen, chefe de estratégia na BMO Capital Markets, disse acreditar que a crescente transparência do Fed é "uma das razões pelas quais os rendimentos totais são tão baixos". Ao dizer regularmente aos investidores o que pensam, as autoridades do Fed reduzem a incerteza sobre como reagirão a futuras mudanças na economia, explicou ele.

Rosenberg rebate que a sensibilidade do Fed aos sentimentos dos investidores aponta para um "triste estado de coisas", refletindo a enorme importância dos preços dos ativos para a saúde da economia. Os funcionários do Fed que aparecem nas redes financeiras "não estão falando com a Rua Principal", disse ele. "Eles estão falando com gestores de portfólios."

Toda essa conversa também tem custos de oportunidade, disse acreditar que a crescente transparência do Fed é habitualmente bombardeado por pedidos de clientes para explicar a última declaração de política. O Fed não poderia ser dito sobre alguma coisa. Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

mercado

PAINEL S.A.

Cardápio

Concorrentes do McDonald's e do Burger King pegaram carona na polêmica do McPicanha e do Whopper Costela para provocar as duas gigantes do fast food que foram questionadas por órgãos como Procon e Conar (Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária) nos últimos dias. Em uma campanha lançada nesta terça-feira (3) nas redes sociais, o KFC disse que seus sanduíches de frango são feitos com frango, diferentemente dos concorrentes.

RECETA "Após a polêmica do sanduíche de picanha que não tinha picanha e do lanche de costela que não tinha costela, o KFC deu um recado em suas redes sociais: 'Não comparamos sanduíches de frango são deliciosamente feitos de frango mesmo'", comunicou a empresa.

CHURRASCO Na semana passada, depois que o caso do McDonald's ganhou notoriedade, o Giraffas também entrou na onda. "Plantio Giraffas informa: Funcionários testados por excesso de picanha no cardápio", anunciou a empresa.

SABOR A repercussão negativa em torno dos nomes dos sanduíches começou com o caso do McDonald's, que foi questionado por órgãos de defesa do consumidor após denúncias de clientes. A companhia retirou o lanche do cardápio e anunciou que o hambúrguer voltaria com novo nome.

PAO O Burger King também decidiu mudar o nome de seu sanduíche Whopper Costela, que leva armaria de costela. O produto passará a se chamar Whopper Paleta Suína.

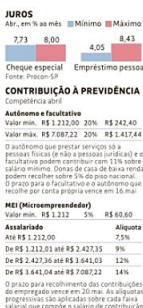
QUEIJO "Transparência sempre foi palavra fundamental no BK. Quando lançamos o Whopper Costela, anunciamos que é feito de carne de porco -paleta suína- e com sabor de costela, sem qualquer ingrediente artificial. Mas a reação das pessoas é um recado bem claro. Hora de ouvir, aceitar e agir", diz o Burger King em nota. A rede afirma que sente pelo ocorrido e que a receita permanece.

PRATELEIRA Depois dos caixas de autoatendimento nos supermercados, começa a rodar o carrinho que finaliza as compras no próprio veículo. A Rede Enxuto, do interior de São Paulo, lança um carrinho que identifica, soma e recebe o pagamento das compras, sem precisar passar no caixa.

ROBÔ Segundo a rede, o equipamento tem um leitor de código de barras e uma tela para o cliente acompanhar a compra a compra, além de câmeras e uma balança, que monitoram os pesos colocados nos tiradores. Os Smart Cart foi desenvolvido em parceria com a Nxtopen e a Arius Sistemas.

com Andressa Motter e Paulo Ricardo Martins

INDICADORES



Joana Cunha
joanac@grupofolha.com.br

Bolsonaro afirma que ha acordo para convocar 625 agentes para PF e PRF

Na véspera, presidente sinalizara que poderia abrir até mil vagas para cada carreira neste ano; Planalto está sob pressão do funcionalismo

Mateus Vargas e Mariana Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta terça-feira (3) que chegou a um acordo para convocar novos agentes da PF (Polícia Federal) e o mesmo número da PRF (Polícia Rodoviária Federal).

O número ficou abaixo da expectativa criada pelo próprio presidente no dia anterior, quando sinalizou que poderia abrir até mil vagas para cada carreira neste ano.

"Ontem [segunda, 2] foi acertado mais 625 vagas para cada carreira. Foi o que eu pedi para fazer com o PLN [projeto que abriu crédito para gastos com pessoal]", disse Bolsonaro a apoiadores nesta manhã.

"Os demais, vai ter outra oportunidade [para chamar] para o Bolsonaro não vai ter mais nada", afirmou ainda o presidente, em frente ao Palácio da Alvorada. A declaração foi divulgada por uma página no Bolsonaroista no Twitter.

Reiteradas promessas não cumpridas de Bolsonaro têm desagradado às entidades que representam os agentes da Polícia Federal. "Tudo que foi possível fazer eu fiz, inclusive vocês já são excelentes", disse ainda Bolsonaro.

O presidente também está sob pressão de diversos categorias do serviço público que cobram reajustes de salários.

Os servidores do Banco Central retomam a greve por tempo indeterminado a partir desta terça-feira (3).

A ideia de Bolsonaro era conceder reajustes apenas para agentes da PF, PRF e Deplan (Departamento Penitenciário Nacional), mas ele recuou e estuda um aumento linear de 5% a todos os servidores federais.

Esse percentual "desagrada a todo mundo", mas é o possível, reconheceu o próprio Bolsonaro na última semana.

Nas segunda-feira (2), Bolsonaro telefonou ao ministro da Justiça, Anderson Torres, em frente aos apoiadores, e pediu um "adição" para ampliar as vagas para a PF e PRF.

Bolsonaro havia dito, em mais de uma ocasião, que o governo conseguiria convocar 500 agentes de cada carreira neste ano. Ele sinalizou que esse número poderia dobrar durante a ligação.

"Você tem capacidade [de] passar para mil cada um? Acha que dá para resolver? Então faz um aditivo, pede mil vagas, já que você está no limite teu, para mil vagas para cada lado. Pode ser?", disse Bolsonaro ao ministro da Justiça por telefone.

Na chamada, o presidente também pediu para Torres conversar com a Economia sobre o aumento das vagas as polícias.

“ Ontem [segunda, 2] foi acertado mais 625 vagas para cada carreira [PF e PRF]. Foi o que eu pedi para fazer com o PLN [projeto que abriu crédito para gastos com pessoal]

Jair Bolsonaro presidente, apoiadores, sobre a abertura de vagas PF e na PRF

Pressionado, Bolsonaro tem se esquivado de críticas de servidores que cobram reajustes e reestruturação de carreiras. "Coloquei na mesa o problema. Vários lá, estou aguardando sugestões de vocês", afirmou o presidente em entrevista à Rádio Metrópole FM, de Curitiba (MT), no último dia 29.

Na mesma fala, Bolsonaro disse que estava ligando o teto das carreiras de policiais rodoviários federais e de agentes da Polícia Federal.

"Quero ajudar a todos os servidores no Brasil, sempre defendi o reajuste. Mas não temo o dar mais do que temos nesse momento [5%], custa R\$ 7 bilhões", declarou ainda, na semana passada.

Como antecipei a Folha, Bolsonaro decidiu, em reunião no dia 12 de abril, conceder um reajuste de 5% para todos os servidores públicos federais a partir de 1º de julho, mesmo sem espaço suficiente no Orçamento.

O Orçamento de 2022 está no reservado do valor de R\$ 17 bilhões para reajustes ou reestruturações de carreiras de servidores neste ano. A ideia de Bolsonaro era só privilegiar agentes da polícia.

O custo total do reajuste linear de 5% estimado em R\$ 7 bilhões em 2022, o que irá forçar cortes de verbas em outras áreas.

Prazo para pagar o Imposto de Renda no débito automático termina no dia 10

Cristiane Gerçina

SÃO PAULO O contribuinte que tem imposto a pagar deve entregar a declaração do Imposto de Renda 2022 até a próxima terça-feira (10) para conseguir quitar em débito automático todas as cotas únicas do tributo. É possível parcelar o IR em até oito vezes.

Se declarar o Imposto de Renda depois, poderá pagar a primeira cota ou cota única até o dia 31 de maio, data final de entrega da declaração, mas terá de ser por meio de Darf (Documento de Arrecadação das Receitas Federais). Segundo a Receita Federal, o contribuinte que declarar após o dia 10 ainda poderá colocar as cotas em débito automático, mas só a partir da segunda parcela.

"Quem desejar optar pelo débito automático da cota única ou da primeira cota em dia cliente deve entrar em uma declaração até 10/5/2022. Depois dessa data, a opção pelo débito automático somente alcançará da segunda cota em diante", informa o órgão federal. As cotas têm vencimento até o último dia de cada mês.

Segundo Marcos Hingst, especialista em Imposto de Renda da Kira Contabilidade, para conseguir colocar o tributo em débito automático, no entanto, o contribuinte precisa ser o titular da conta bancária. Além disso, o parcelamento das cotas tem valor mínimo. "O total do imposto devido deve ser superior a R\$ 100. Nenhuma cota pode ser inferior a R\$ 50", diz Hingst.

O especialista lembra ainda que quem não conseguiu fazer a entrega antes do dia 10 e for pagar o IR por meio

de Darf em 31 de maio precisa ficar atento ao expediente do banco, seja nas caixas eletrônicas, nas agências ou pela internet. Quem atrasa tem encargos. "É melhor chegar agendado ou verificar o horário limite do seu banco", diz. Segundo a Receita Federal, até as 15h de segunda-feira (2) haviam sido entregues R\$ 4 milhões de declarações do Imposto de Renda. Para este ano, são esperados 34,1 milhões de documentos.

Previdência paga pela empresa não pode ser deduzida

FOLHA EXPLICA O IR COM IOB

SÃO PAULO O valor pago pela empresa em um plano de previdência privada não pode ser usado pelo contribuinte para o abatimento de até 12% da renda tributável. Apenas a parte paga pelo próprio contribuinte é dedutível. Veja essa e outras dúvidas sobre a declaração do IR.

Em dezembro de 2021, o seguro saúde reembolso o pagamento do hospital onde fez uma cirurgia. Mas a cobrança do hospital só chegou em janeiro de 2022. Como declarar esse reembolso? (M.T.F.E.)

O reembolso deve ser informado na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PF pelo Titular já nesta declaração. O valor da despesa médica cobrada pelo hospital em janeiro deste ano será integralmente deduzido na declaração a ser apresentada em 2023, na ficha Pagamentos Efetuados.

COMO PÔR O IR EM DÉBITO AUTOMÁTICO

- Após o preenchimento da declaração do IR, vá em "Ficha", em "Resumo da Declaração" e "Cálculo do Imposto"
- Informe seus dados bancários (banco, agência e número da conta)
- Escolha o número de cotas e se será por débito automático
- Informe também se o parcelamento vai ser a partir da primeira cota ou cota única (para entrega até 10 de maio) ou se será a partir da segunda cota
- Envie o IR e salve o recibo

O valor pago pela empresa em um plano de previdência privada corporativo pode ser usado com o que pago para o abatimento de até 12% da renda tributável? (A.A.P.).

Não. Somente serão dedutíveis as contribuições para entidades de previdência privada cujo ônus tenha sido do contribuinte e em seu benefício ou de seus dependentes. Assim, a parte paga pela empresa não pode ser incluída nesse cálculo.

Tenho cotas poupança e corrente em conjunto com minha mãe, sendo ela a primeira titular. No meu informe de rendimentos, só aparece minhas cotas individuais. Devo colocar a conta conjunta na minha declaração? (K.K.).

Sim. Em regra geral, cada titular deve informar o valor conforme a declaração de rendimentos da titular. Se não for possível a identificação do valor atribuído a cada titular, ele deve ser proporcionalmente igualmente entre ambos.

Em 2021, recebi indenização referente a perdas da caderneta de poupança de cotas pertencentes ao espólio do meu pai. Como declarar? É necessária ou sobrepapelaria? (V.S.M.).

É importante contar o advogado que realizou o inventário e a partilha dos bens do seu pai para certificar se é necessária ou não a realização de sobrepapelaria. Os rendimentos obtidos em caderneta de poupança são isentos do IR. Assim, informe na ficha Rendimentos Isentos e Não Tributáveis, Código 12.

SAIBA MAIS SOBRE O IMPOSTO DE RENDA
folha.com/impostoderenda

Ministério do Turismo, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Riotur e Cidade das Artes apresentam:



FOI INCRÍVEL!

Durante 6 dias, o Rio2C promoveu informação, inspiração, aprendizado, relacionamento, negócios e entretenimento.

Conectamos as mentes mais criativas e brilhantes do Brasil e do mundo para celebrar a diversidade, o novo, o diferente.

Aqui fechamos negócios, ampliamos networking, compartilhamos ideias e reimaginamos o futuro em 15 palcos de conteúdo e experiências ímpares.

Nosso muito obrigado a você que fez do Rio2C, o maior encontro de criatividade da América Latina, ainda maior.

38mil
pessoas

+1000
palestrantes

15
palcos

15Teras
de dados navegados

1200
reuniões de
Rodadas
de Negócios

1100
empresas

75
países

2480
inscrições de
pitchings

Nos vemos em breve
SAVE THE DATE
25 A 30 DE ABRIL DE 2023

Keep connected

[f /rio2c](#) [@rio2c](#) [/rio2c](#) [/rio2c](#) [/rio2c](#) [rio2c.com](#)

PARCENHO



REALIZAÇÃO:

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



mercado

Governo publica plano para reduzir presença da Petrobras no gás

Objetivo é incentivar competição; estatal responde por 85% do volume comprado por distribuidoras do produto encanado

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO O governo publicou nesta terça-feira (3) resolução com diretrizes para a redução da presença da Petrobras no mercado de gás natural. O objetivo é tentar tirar o papel a prometida competição no setor, hoje fortemente dominado pela estatal.

As medidas são consideradas um passo fundamental rumo à implantação do novo mercado de gás, mas há dúvidas com relação à efetividade, já que a defesa da concorrência e estados têm decidido em sentido contrário à proposta.

Atualmente, a Petrobras responde por 85% do volume de gás natural comprado por distribuidoras de gás encanado no país. Desde o fim de 2021, a estatal tem sido questionada por aumento de 50% no preço do insumo em novos contratos de fornecimento.

No início de maio, os preços da estatal foram elevados novamente, em 19%, acompanhando a escalada das cotações internacionais após o início da guerra na Ucrânia. Os repasses ao consumidor já começaram nos estados que têm reajuste trimestral.

A resolução do CNPE (Con-

selho Nacional de Política Energética) dá 180 dias para que a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) conclua diagnóstico sobre as condições concorrenciais e elabore um programa para que a Petrobras abra mão de contratos de suprimento.

Por dificuldade de acesso a gasodutos, parceiros da estatal pré-sal vendem sua parcela na produção à própria Petrobras. A ideia é liberar esse gás e eliminar obstáculos para que as empresas privadas concorram pelo mercado.

O texto determina ainda que a Petrobras permita, em novos contratos, que o comprador reduza volumes contratados sem punições. A estatal terá também que realizar licitações de oferta do combustível e remover barreiras para que outras empresas acessem a infraestrutura de escoamento.

O gás natural é importante insumo para a indústria, principalmente segmentos como a fabricação de vidro e de produtos químicos, e usado também pelo comércio e residências nos estados com rede de distribuição mais desenvolvida.

É consumido também por taxistas e motoristas de aplicativo que optaram por trocar

gasolina e etanol pelo GNV.

A abertura do mercado foi uma das primeiras bandeiras do ministro da Economia, Paulo Guedes, que prometeu logo no início do governo um "choque de energia barata", com o aumento da competição. Mas a regulamentação das novas medidas atrasou, e a escalada das cotações internacionais provocou efeito contrário.

"A resolução veio muito boa porque endereça a transição da abertura do mercado, que não foi prevista na Lei do Gás", diz Adriano Lorenzon, diretor de Gás Natural da Abrace (Associação Brasileira dos Consumidores de Energia).

O mercado reclama que medidas recentes de estados e do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) vão na direção contrária do espírito da lei, principalmente em relação ao avanço da Compass, da Cosan, no setor.

O governo de São Paulo, por exemplo, autorizou sua controladora Comgás a construir um gasoduto ligando o litoral à região metropolitana, o que é questionado por grandes consumidores como um passo para a verticalização da atividade, proibida pela Lei do Gás.



ATIVISTAS INVADIM TERMINAL DE PETRÓLEO NA ESCÓCIA

Policiais conversam com membro da Just Stop Oil em cima de depósito de combustível em Glasgow; organização crítica política britânica para matriz energética

Andy Buchanan/AFP

Pacheco acusa governadores de driblar lei que visava baratear combustíveis

Renato Machado

BRASÍLIA O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), cobrou os estados por não adotarem as novas regras tributárias para os combustíveis, aprovadas pelo Congresso em março para tentar conter a escalada dos preços.

Pacheco encaminhou um ofício com a cobrança ao ministro Paulo Guedes (Economia), presidente do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária). O texto pede que os membros do conselho "reconsiderem a definição sobre a nova sistemática de tributação do ICMS sobre os combustíveis". Pacheco leu todo o ofício durante sessão

do plenário do Senado.

O Congresso concluiu em 11 de março a votação do projeto de lei que altera a cobrança de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre combustíveis e zera as alíquotas de PIS/Co-fins sobre diesel e gás até o fim de 2022, ano eleitoral.

Pelo texto, os estados deverão regulamentar alíquota única de ICMS sobre os combustíveis no âmbito do Confaz. A lei prevê ainda a mudança no modelo da alíquota, de um percentual sobre o valor (ad valorem) para um valor fixo sobre o litro (ad rem). No entanto, em 24 de março, o Confaz estabeleceu uma alíquota única do ICMS sobre

o diesel, mas cada estado poderá conceder uma espécie de benefício fiscal que vai resultar em uma cobrança menor a seus consumidores.

No ofício, Pacheco argumenta que as regras aprovadas no Congresso têm a vantagem de minimizar o impacto dos tributos na flutuação dos preços. Em seguida, questiona a não adoção das novas regras. "Causou nos estranhamento, portanto, quando o Confaz, em 24 de março, estabeleceu alíquota única para o diesel no patamar mais elevado vigente e permitiu que cada ente federado pudesse determinar, a seu critério, um fator de equalização de carga tributária", afirma.

BRASIL JORNAIS

FOLHA SOCIAL+

A NOVA PLATAFORMA DO EMPREENDEDOR SOCIAL NO SITE DA FOLHA

MAIS VISIBILIDADE E MAIS CONTEÚDO PARA QUEM QUER TRANSFORMAR A SOCIEDADE.

Social+ é a nova plataforma da **Folha** para ampliar a cobertura de temas e iniciativas socioambientais de impacto relevante na realidade brasileira. É mais visibilidade para o **S** da onda **ESG**. Tem interesse nessa agenda? Acesse. Quer conhecer quem já faz a diferença? Acesse também.

Um hub de notícias que vai além do Empreendedorismo Social

Mais temas como sustentabilidade, diversidade e responsabilidade social

Novas seções como Causas do Ano, Papo de Resposta, Dias Melhores, + Premiações, entre outras



FOLHA.COM.BR/FOLHA-SOCIAL-MAIS/

FOLHA
NÃO DO PRA NÃO LER

mercado

O novo aumento da Petrobras

Preços não sobem faz 53 dias, diesel subiu lá fora e imposto menor não adiantou

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Quando a Petrobras aumentou o preço dos combustíveis, em 1 de março, houve revolta quase geral, além de fanáticos e acalorados hipócritas na política. Pouco depois, seria aprovada uma lei para mudar a cobrança do ICMS e o governo federal reduziu a zero o PIS/Cofins sobre o diesel. No dia 28 de março, Jair Bolsonaro demitiu o general Silas e Luna da presidência. Depois do fiasco da nomeação de um substituto, João Mauro Coelho assumiu o comando da petrobrás, em 14 de abril.

Eram grandes a agitação,

e demagogia e a histeria.

O que aconteceu com o preço dos combustíveis? Nada. Quer dizer, não baixou. Bida. Ficaram mais altos. A medida nos impostos não deu em nada. A convulsão durou tanto quanto treta de redes sociais.

O que pode acontecer ainda? Em tese, dada a sua política, a Petrobras estaria para anunciar novo aumento. Talvez não o tenha feito ainda porque o preço do dólar tem variado de modo mais burra do que de costume. Talvez o novo presidente da petrobrás queira estar com a cadê-

ra mais quentinha antes de começar a levar paulada de Bolsonaro. Por outro lado, se não houver reajuste, terá ficado o claro que o governo tomou conta da empresa.

Os preços estão em níveis chocantes e, para piorar o clima, o aumento do diesel tende a ser bem maior que o da gasolina, outra vez.

Antes do reajuste de março, a Petrobras manteve seus preços por 53 dias. Desde aquela paulada, está sem anunciar aumentos há 53 dias. Desse então, o preço internacional de referência do diesel

aumentou quase 11% em dólares (da mesma encerrada em 7 de março até a semana encerrada em 2 de maio, segundo dados da Energy Information Agency dos EUA).

Em reais, a alta foi de uns 8,5% — no caso da gasolina, apenas de quase 1%. Trata-se apenas de uma aproximação baseada na taxa de câmbio do dólar comercial.

Nas contas de quem calcula a diferença do preço da Petrobras para sua referência internacional, avaria o preço aumentar o diesel em cerca de uns 22% o da gasolina

em uns 10%. Haverá revolta e mais inflação.

Da semana anterior à do aumento da Petrobras nas referências até a semana encerrada em 30 de abril, o preço do diesel (50¢) aumentou em média 19% nos postos brasileiros. O da gasolina, 10,7% (dados da Agência Nacional do Petróleo, a ANP).

Em termos relativos, o diesel ficou ainda mais caro do que a gasolina, considerando o reajuste a Petrobras em março, outro fiasco de Bolsonaro. O aumento do diesel foi equivalente a 76% do reajuste da Petrobras; o da gasolina, 57,2%. O governo acusa os estados de fixar uma alíquota única nacional muito alta para os combustíveis, de cerca de R\$ 1 por litro (mas os estados ainda estão perdendo dinheiro, dado o que cobravam antes). Pode ser. Mas não aumentou o diesel desde março? R\$ 1 por litro, para em média R\$ 6,74

(mas o preço máximo no país estava em R\$ 8, até o último levantamento).

Ou seja, a fim de evitar o aumento do diesel em apenas dois meses, os estados teriam de abrir mão da receita com o combustível. Não é possível. Qualquer corte viável de impostos mexeria muito pouco no preço de diesel e gasolina. Enfim, discutir se alguma política maior a fim de evitar ao menos a variação excessiva do preço? Não. Políticos da esquerda à extrema direita fizeram chacinha demagógica e incompetente com o assunto, o governo em particular, mas não há debate político sério sobre problema algum. O país está largado, à deriva, e as propagandas eleitorais são ainda mais idiotas do que sempre, considerado o desastre em que estamos metidos há quase uma década.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Varejo se adapta para tentar segurar preços no Dia das Mães

Redes mudam fornecedor, renegociam insumos e reduzem margem para impulsionar data

Daniele Madureira

SÃO PAULO O Dia das Mães já não é mais o mesmo. De segunda data mais importante para o varejo nacional, só depois do Natal e a ferriedade perdeu a vice-liderança nos últimos anos para a Black Friday, em novembro.

Isso não significa que os filhos, de maneira geral, estejam negligenciando a data, mas eles têm se mostrado menos animados a gastar muito. Alada a esse comportamento, está a atual inflação em dois dígitos: dado mais recente do IPCA-15 mostrou uma alta acumulada de 12,3% em 12 meses, a maior desde novembro de 2020.

Dai o "malabarismo" de alguns varejistas e indústrias para tentar manter na comemoração deste ano o mesmo "preço de entrada" do ano passado: as opções mais baratas de presentes começam no mesmo patamar.

São os casos das bijuterias e acessórios Morana (R\$ 39,90), da perfumaria L'Occitane (R\$ 39,90) e da varejista de moda C&A (jeans R\$ 89,90). Para isso, vale dizer, os varejistas entregam um preço menor no mesmo período inicial do ano passado, senão o consumidor nem entra na loja", diz Danilo Assumpção, diretor executivo do grupo Otáz, que controla as redes de acessórios Morana e Balonê.

"O item mais barato é importante para atrair o comprador, que muitas vezes, no caso do Dia das Mães, acaba levando um presente de maior valor agregado", afirma. Nesse caso, o item de R\$ 39,90 funciona como chamariz e pode compor o presente mais caro com outra peça, diz.

Todas as peças da rede recebem um banho de ródio, que inibe processos alérgicos e aumenta a durabilidade. "O preço da matéria-prima também subiu, e nossa alternativa foi diminuir a margem de lucro em algumas peças, ganhando em peças mais caras, de até R\$ 420, e também fazer composições diferentes com pedrarias, para garantir um preço final competitivo", afirma Assumpção.

A campanha é estrelada pela custo benefício — não necessariamente os mais baratos. "São peças versáteis, que podem combinar facilmente com outros itens do guarda-roupa, e também peças de afiliação, que são mais clássicas e, portanto, com maior vida útil", afirma. No caso das peças de afiliação, o tiquete médio (valor médio) fica acima dos R\$ 200.

Outra tendência observada pela varejista é a procura por cores — algo que não é comum quando se trata da atual coleção outono-inverno, que costuma apresentar tons mais sóbrios. "Nossas peças coloridas [azul, lilás, rosa, roxo] têm saído bem. Acho que é uma reação ao período de quarentena, as pessoas querem expressar alegria".

Na rede de bijuterias e acessórios Morana, com cerca de 280 lojas no país, registra também foi respeitar o momento de aperto do bolso do consumidor e manter o preço de entrada da campanha de Dia das Mães do ano passado: R\$ 39,90. São pulseiras, brincos e colares a partir desse valor.

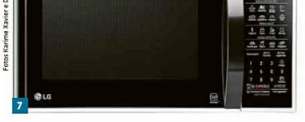
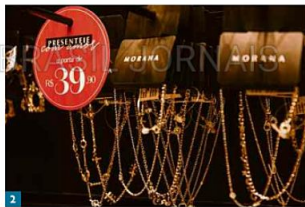
"Nos decidimos que era preciso entrar em campo com um preço menor no mesmo período inicial do ano passado, senão o consumidor nem entra na loja", diz Danilo Assumpção, diretor executivo do grupo Otáz, que controla as redes de acessórios Morana e Balonê.

"O item mais barato é importante para atrair o comprador, que muitas vezes, no caso do Dia das Mães, acaba levando um presente de maior valor agregado", afirma. Nesse caso, o item de R\$ 39,90 funciona como chamariz e pode compor o presente mais caro com outra peça, diz.

Todas as peças da rede recebem um banho de ródio, que inibe processos alérgicos e aumenta a durabilidade. "O preço da matéria-prima também subiu, e nossa alternativa foi diminuir a margem de lucro em algumas peças, ganhando em peças mais caras, de até R\$ 420, e também fazer composições diferentes com pedrarias, para garantir um preço final competitivo", afirma Assumpção.

A campanha é estrelada pela

Presentes de R\$ 11,90 a R\$ 699



Barra Chocorte
Cacau Show 40g
R\$ 11,90

Creme de mãos +
sabonete L'Occitane
au Brésil
R\$ 39,90

Pulseira Morana
R\$ 39,90

Carteira croco
Santa Lolla
R\$ 39,90

Bouquet de rosas
+ chocolate
Cacau Show
R\$ 42,90

Bouquet de margaridas
Giuliana Flores
R\$ 49,90

Kit loção corporal
e boticário
R\$ 54,90

Calça jeans C&A
R\$ 89,90

Perfume Luna
Natura
R\$ 95,90

Rasteira couro
Santa Lolla
R\$ 99,90

Aparador de pelos
faciais Panasonic
R\$ 129,00

Câmera Webcam
com Microfone
Integrado Logitech
Fast Shop
R\$ 169,00

Jaqueta de couro
falso C&A
R\$ 279,90

Liquidificador
Super Chef Oster
— Camicador
R\$ 299,99

Cafeteira
Expresso
Três Corações
Automática -
Fast Shop
R\$ 379,00

Micro-ondas LG
R\$ 699,00

apresentadora Ticiane Pinheiro e sua mãe, Helô Pinheiro.

Já na perfumaria L'Occitane au Brésil, com 202 pontos de venda, a escolha para manter presentes a preços baixos na campanha de Dia das Mães deste ano foi a renegociação com fornecedores, segundo André Abramo, diretor de comunicação da marca. A campanha é estrelada por Déa Lúcia, mãe do ator Paulo Gustavo, que morreu em 2021, de Covid.

"Tentamos montar composições para sermos competitivos assim como no ano passado, com kits de cremes de mão e sabonete, por exemplo, a R\$ 39,90", diz o executivo. Muitas vezes, segundo ele, essas lembranças são dedicadas a outras mães — sogras, professoras, amigas etc.

"Mas a própria mãe costuma ganhar presentes de tiquete médio maior", diz Abramo.

Que estiver disposto a oferecer um churrasco no Dia das Mães pode aproveitar a campanha da marca Bassi, do grupo Marfrig, que está oferecendo desconto de R\$ 40 a quem gastar pelo menos R\$ 300 no aplicativo nesta semana.

Na rede de lojas de eletroeletrônicos e eletrodomésticos Fast Shop, com 86 pontos de venda no país, a expectativa é de um tiquete médio de R\$ 2,205, alta de 22% ante 2021 (sem descontar a inflação).

"Apostamos no Pix, que oferece ainda mais descontos, mesmo em produtos com oferta, e acaba sendo vantajoso tanto para a loja quanto para os clientes", diz Eduardo Salen, diretor geral de operações da Fast Shop. No Pix, o desconto costuma superar 5%.

Entre os produtos com maior desconto, estão os itens de informática, como webcams, mochilas e notebooks.

Para este Dia das Mães, a LG lançou promoção para a loja online, que dá desconto de 5% na primeira compra, opção de parcelamento em até 12 vezes sem juros e frete grátis.

No site da Panasonic, os presentes também podem ser parcelados em até 12 vezes, com descontos de até 35%, como resultado da recente redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

"Esperamos um crescimento em torno de 35%", diz Caio Cavaleiro Madeira Marques, gerente-geral de produtos da Panasonic do Brasil.

Segundo ele, com a diminuição do poder de compra da população, é natural a busca por opções com melhor relação custo-benefício. "Não se trata apenas de buscar produtos mais baratos, mas de pensar em itens que vão gerar maior economia. Com a nossa linha de refrigeradores com a tecnologia Inverter, por exemplo, o consumidor pode economizar até R\$ 200 na conta de luz, em comparação a modelos mais antigos". No site da marca, os refrigeradores custam entre R\$ 2.800 e R\$ 6.200.

Senado pede explicação sobre lanche sem picanha e costela

Presença de McDonald's e Burger King em audiência não é obrigatória

Renato Machado e Ana Paula Branco

BRÁSIL E SÃO PAULO O Senado aprovou nesta terça-feira (3) requerimento que prevê a realização de uma audiência com representantes das redes de fast food McDonald's e Burger King para explicar as vendas de sanduíches com aroma de picanha e de costela.

A audiência deverá ser realizada no dia 12.

O requerimento foi aprovado de maneira simbólica pelos membros da Comissão de Transparência, Governança, Fiscalização e Controle e Defesa do Consumidor do Senado. Como não se trata de autoridades, como ministros de Estado, os requerimentos têm força de convite, por isso a presença não é obrigatória.

Na quinta-feira (28), o Ministério da Justiça notificou o McDonald's após a rede de fast food confirmar publicamente que os lanches de sua recém-lançada linha "Novos McPicanha" não são feitos com picanha. O sanduíche, na verdade, é feito com um molho aromatizado.

A informação gerou reclamações de consumidores nas redes sociais. A rede chegou a retirar o sanduíche do cardápio em todo o país, mas depois também anunciou que de seria reincorporado, mas com um novo nome. Em vídeo em sua página no Instagram, o gigante do fast food disse que "vacilou na escolha do nome do novo sanduíche".

Poucos dias depois, foi a vez de o Burger King ser envolvido em polêmica semelhante.

Na segunda (2), o Procon do Distrito Federal suspendeu a venda na capital federal do lanche Whopper Costela, que não contém costela.

O Procon SP, por sua vez, notificou na segunda a rede de disse que ela poderá ter

de pagar multa de até R\$ 11,6 milhões se ficar comprovado que houve indução do consumidor a erro na publicidade.

O Burger King diz que o hambúrguer é feito com paleta suína e tem "aroma natural de costela". A decisão do Procon do Distrito Federal é cautelar e pode render sanções ao Burger King se não houver "a correção total da publicidade".

O requerimento aprovado pelos senadores prevê uma audiência pública com a participação dos representantes das duas gigantes de redes de fast food, do Procon, do Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária), do Blog Comer com Olhos e da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Os senadores foram unânimes ao apoiar o requerimento de realização de audiência, de autoria de Nelsinho Trad (PSD-MS). "Estamos na época das fake news, e sanduíche fake, era só essa que faltava. Então, isso precisa ser esclarecido", afirmou Nelsinho Trad.

Sabor de picanha pode ser obtido de plantas; entenda

Isabela Lobato

BELO HORIZONTE Clientes de redes de fast food e entidades de defesa dos direitos do consumidor debatem desde a semana passada o sanduíche McPicanha, do McDonald's, que não é feito com picanha, e o Whopper Costela, do Burger King, que não tem costela como ingrediente.

Nos dois casos, o gosto e o cheiro de picanha ou costela são resultado da adição de aromas desenvolvidos por empresas especializadas, uma

Formas de produção do aroma natural de picanha

Esses aromas são chamados de naturais porque são obtidos por meio de processos que ocorrem na natureza

Fermentação

Micro-organismos selecionados e controlados que atuam sobre uma substância matriz, dando origem às notas típicas do sabor desejado

Ação de enzimas

As enzimas são substâncias que aceleram reações orgânicas. Podem ser naturais ou produzidas artificialmente, e são utilizadas não apenas na indústria de aromas, mas também em processos de produção de outros alimentos, como laticínios, alcoólicos, panificação

Reação de Maillard

É a técnica mais comum para a produção do aroma natural de picanha, que imita exatamente o que acontece na natureza

Na natureza



Na indústria



Fonte: Massipio Gráfico/Anexo, revista

Estamos na época das fake news, e sanduíche fake, era só essa que faltava

Nelsinho Trad (PSD-MS)

senador, autor do requerimento de audiência

prática comum e fortemente regulamentada na indústria de alimentos, dizem profissionais da área.

Cada técnica para a obtenção de aromas precisa passar por pesquisas de segurança e ser autorizada por agências reguladoras de saúde — no Brasil, os produtos seguem as normas da Anvisa.

Os aditivos são feitos por indústrias conhecidas como casas de aroma, e podem até ser sintéticos. Mas, no caso dos usados nos produtos hambúrgueres, são naturais, ou seja, obtidos de matéria-prima natural, por meio de processos que imitam o que acontece na cozinha.

Cada fabricante tem suas fórmulas, sobre as quais guardam sigilo. Os métodos usados para obter esses aromas podem variar e reações a partir de variações de temperatura, segundo o aromista Massao Alves, especialista no tema.

A matéria-prima básica pode ser vegetal, animal, uma combinação dos dois ou, em alguns casos, microbiológica, segundo informações técnicas da indústria. As bases vegetais costumam ter maior oferta e menor custo, mas a escolha depende de qual o produto final desejado.

"Uma matéria-prima muito utilizada para a obtenção desses aromas naturais é a soja, que é rica em grupos muito específicos de aminoácidos e proteínas. E esses aminoácidos, quando reagem, desenvolvem diferentes perfis de aromatizantes", explica Massao.

Os fabricantes não são obrigados a informar a formulação exata do seu aromizante, mas devem utilizar substâncias listadas no rol das agências sanitárias, que geralmente acompanham as pesquisas de segurança de entidades da indústria.

No caso do aroma natural de picanha, o processo industrial replica a reação de Maillard, que acontece quando a peça da carne crua, com sua lateral de gordura característica, é colocada sobre o fogo. Na churrasqueira, proteínas, açúcares, vitaminas e lipídios, que em estado natural são pobres em sabor e odor, reagem entre si e são trans-

formados pelo calor, produzindo tanto componentes voláteis (que chegam ao olfato) quanto estáveis (que agradam ao paladar).

No reator da indústria, os mesmos elementos da picanha (proteínas, açúcares, lipídios, vitaminas), obtidos de vegetais ou carne, são submetidos à alta temperatura para obter o mesmo efeito. Ou seja, todo o processo de produção do sabor é recriado industrialmente. Em geral, os compostos obtidos são mais estáveis, reforçando o sabor.

Essa reação de Maillard é responsável pelo característico gosto de grelhado ou assado das carnes, por exemplo. No processo industrial é possível produzir aromas não só de tipo de carne — de boi, porcos ou galinhas —, mas também de tipo de preparo: de carne assada, cozida ou grelhada, por exemplo.

Muitos produtos dos supermercados beneficiam-se de aromas industriais de carnes: salgadinhos, barras proteicas, congelados, sopas instantâneas e temperos prontos, por exemplo.

Além das carnes, há diversos outros setores da indústria que usam aromas: iogurtes, biscoitos, sucos, pães e bolos são alguns exemplos.

Massao explica que, ao sair da indústria, os aditivos podem ter diferentes formas de apresentação, entre pós, pastas, líquidos ou em solução, dependendo da tecnologia utilizada e da aplicação desejada.

A Folha perguntou ao McDonald's e ao Burger King se aditivos usados em lanches que causaram polêmica, se os hambúrgueres já vinham saborizados ou se recebiam o aditivo na loja ou se os lanches também usavam aromas naturais, mas não obteve resposta.

Além dos aromas naturais, a indústria usa aromas classificados como idênticos aos naturais e os artificiais.

Os idênticos aos naturais têm composição final igual à dos aromas naturais, mas são obtidos por meio de rotas sintéticas, usando recursos próprios da indústria química. Já o artificial é o que foi totalmente criado em laboratório e não pode ser encontrado na natureza.

Câmara autoriza agro a contratar fiscal privado para análise sanitária

Danielle Brant

BRÁSIL A CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara dos Deputados aprovou nesta terça (3) a redação final do projeto que autoriza empresas do agronegócio a contratar fiscais privados para fazer a análise sanitária de seus frigoríficos e estabelecimentos do tipo.

O texto mantém a obrigação de o laudo privado ser chancelado pela Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e pelo Departamento de Defesa Agropecuária da Anvisa.

Como tinha apreciação conclusiva nas comissões, segue para o Senado.

O projeto, de autoria do Executivo, foi apresentado em abril de 2021. Antes de ir à CCJ, foi aprovado na comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural e na comissão de Finanças e Tributação.

Na CCJ, a proposta foi relacionada pelo deputado Pedro Lupion (PP-PR), que afirmou que o objetivo é desafogar os fiscais do Ministério da Agricultura. Segundo Lupion, em muitos estados o Ministério da Agricultura precisa manter um frigorífico para abate de aves um veterinário para acompanhar se o lugar segue as exigências fitossanitárias.

O projeto propôs dentro de uma atividade agropecuária, como abate de animais,

ter fiscais terceirizados que são os grupos privados, veterinários que vão diretos está tudo certo ou não. Isso vai gerar um laudo. Esse laudo, essa vistoria diária e constante dos estabelecimentos tem que ser aprovada pelo órgão de defesa agropecuária do ministério", afirmou Lupion.

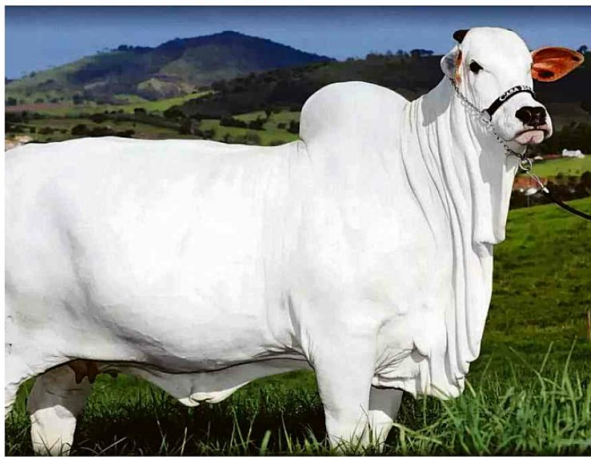
Segundo ele, o projeto não exclui o governo da participação na fiscalização dos locais. "Ele vai ter que obrigatoriamente fazer isso. Chancelar que foi feito pelo inspetor privado", ressaltou.

Com a contratação de fiscais privados, o ministério poderia direcionar veterinários para fiscalizações mais urgentes, como vacinação contra aftosa.

"E quem tem que fazer [essa atuação] é o departamento de fiscalização agropecuária do ministério, que não pode ser terceirizado". Já o deputado Patrus Ananias (PT-MG) criticou a medida por ver conflito de interesses na fiscalização a ser contratada pelo setor privado.

"Entendemos o espaço do setor privado para produzir carne, mas não podemos contribuir com o desenvolvimento nacional, mas o setor privado basicamente busca lucro, busca os seus ganhos. Fiscalizar não é o objetivo principal do bem comum do Estado", afirmou.

METADE DE UMA VACA É VENDIDA POR R\$ 3,99 MILHÕES EM LEILÃO EM UBERABA EM ANO DE RECORDES



Divulgação

Principal evento da pecuária do país, a Expozebu, em Uberaba (MG), historicamente comercializa animais por preços que superam R\$ 1 milhão, mas em 2022 um leilão vendeu metade de uma vaca leão por R\$ 3,99 milhões. A fêmea Vatina-19 (foto), da Casa Branca Agropastoril e do Nélson Múveis, teve metade de sua propriedade vendida para a Agropecuária Napemo, de Uberaba. Os outros 50% permaneceram com a Casa Branca. Vatina-19 nasceu em 17 de janeiro de 2019 e é filha do touro Landau da Di Gênio, que em 2018 teve metade de seus direitos vendidos por R\$ 1,26 milhão. O valor pôe o negócio só atrás da vaca Parla, negociada em leilão em 2021 por R\$

7,8 milhões (preço integral pelo animal, equivalente a R\$ 8,65 milhões hoje, corrigido pela inflação). Outros dois animais foram vendidos por preços milionários, o que já faz a ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), organizadora do evento, projetar a maior movimentação financeira da história neste ano, quando a feira retoma as atividades presenciais após dois anos devido à pandemia. O preço médio dos animais comercializados desde a última semana em 15 leilões foi de R\$ 70,26 mil, 85,5% acima dos R\$ 37,85 mil do ano passado. Embora a Expozebu não tenha sido realizada em 2020 e 2021, os leilões ocorreram de forma virtual.

Bandidos usam vítimas de sequestro como lancharias para ter dinheiro via Pix

Criminosos abrem contas em bancos digitais com nomes das vítimas e recebem de outros crimes

Alfredo Henrique

SÃO PAULO Criminosos estão utilizando dados das vítimas de sequestro com a finalidade de abrir contas em bancos digitais, que depois são usadas para receber via Pix o dinheiro de outras pessoas alvos do mesmo tipo de crime.

Com isso, a vítima acaba se tornando sem saber uma espécie de lancharia dos criminosos, alerta a Divisão Antissequestro da Polícia Civil de São Paulo.

As contas são criadas em nome das vítimas e são usadas para receber de algumas horas até alguns dias. Nesse período, primeiro os criminosos limpam as contas da pessoa, transferindo via Pix o dinheiro.

Depois, eles criam essas contas digitais no nome da vítima usando outros celulares e sem que ela saiba. Então são usadas para receber o dinheiro de outros sequestros. Além disso, os criminosos também pegam empréstimos na nova conta e depois transferem o dinheiro.

A tática é usada para dificultar a investigação da polícia, já que fica mais difícil rastrear os pagamentos, e acontece após uma alta deste tipo de crime na cidade.

Os sequestros-relâmpagos

—modalidade na qual a pessoa passa algumas horas na mão dos criminosos, em geral dentro de um veículo— teve crescimento de 40% em 2021, na comparação com 2019 (antes do início da pandemia). Em números absolutos, foram 42 casos no ano passado, contra 30 há três anos. Em 2022 até o momento foram registrados quatro casos.

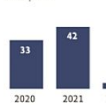
As extorsões mediante sequestros, termo que é usado quando a vítima passa ao menos um dia no cativeiro, subiram de 5 casos registrados em 2019 para 13 em 2021. No primeiro trimestre deste ano, foram mais três ocorrências. Todos os dados são da própria Divisão Antissequestro.

“Vários bancos digitais oferecem serviços no mercado atualmente. E existe uma facilidade muito grande para abrir uma conta desca. Isso é uma grande dificuldade para a gente. O criminoso corre menos riscos”, afirmou o delegado Eduardo Bernardo Pereira, da 1ª Delegacia Antissequestro da capital paulista.

Ele indicou que algumas

Sequestros aumentam na capital paulista

Sequestro-relâmpago na capital



Extorsão mediante sequestro na capital

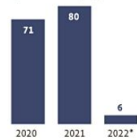


*Primeiro trimestre
Fonte: Departamento de Operações Policiais Estratégicas, Divisão Antissequestro

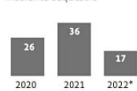
“Existe facilidade muito grande para abrir uma conta [digital]. Isso é uma grande dificuldade para a gente. O criminoso corre menos riscos”

Eduardo Bernardo Pereira
delegado da 1ª Delegacia Antissequestro da capital paulista.

Presos por sequestro-relâmpago



Presos por extorsão mediante sequestro



instituições bancárias digitais exigem, além de cópias de documentos, fotos dos futuros correntistas. Como os criminosos acabam fotografando vítimas em cativeiros, de afirmou que ligações em vídeo, com representantes dos bancos, garantiriam maior segurança nestes casos.

“Também é recomendado que as pessoas monitorem, junto ao Banco Central, se contas foram abertas em seus nomes, pois há quadras especializadas em captadores de correntistas. Isso ocorre mesmo sem sequestros e possibilita que contas sejam usadas como lancharias, sem que as pessoas saibam”, afirmou o Paranhos, que também diretor de operações da empresa de segurança digital Apura Cyber.

Procurado pela reportagem da Folha, o Banco Central afirmou que é de responsabilidade das instituições financeiras a abertura e o encerramento de contas digitais. O órgão informou também que, caso suspeite que alguma conta fraudulenta tenha sido aberta em seu nome, a vítima deve emitir um relatório por meio do site Regula.br.

A Febraban (Federação Brasileira de Bancos) afirmou que as instituições financeiras as-

sociadas já mantêm equipes exclusivas de combate a fraude documental.

De acordo com a entidade, medidas tomadas pelos bancos sobre o assunto incluem a análise do documento original e a conferência das assinaturas, além da avaliação da fotografia de quem quer se tornar correntista. Clientes podem ainda optar em substituir sempre por autenticação biométrica.

Em 2022, a Divisão Antissequestro prendeu 71 suspeitos de envolvimento em sequestros-relâmpagos na capital paulista. Em 2021, foram detidas 80 pessoas. Não foram informados, porém, os dados referentes a 2019.

A polícia acrescentou ainda que, mesmo com a criação de novas medidas, agora, com o Pix, algumas quadras ainda contam com o apoio de “lancharias tradicionais”. Ouseja, pessoas que oferecem consentimentos para que sejam usadas como contas de extorsão. Se não fosse por essas contas, alguns crimes não seriam viabilizados. Antigamente, pagava-se o resgate por pessoa sequestrada. Agora, com o Pix, existem as contas beneficiárias. Essa participação é de relevância, e o contêiner [lancharia] é indicado como co-fundador do sequestro”, explicou ainda o delegado Pereira.

Isso ocorre quando a polícia constata a intenção da pessoa em oferecer a conta bancária, que é usada para receber de vítimas tem os dados utilizados para os mesmos fins, mas sem a sua ciência.

Bombeiros localizam ossada três anos após tragédia na barragem da Vale em Brumadinho

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE A Polícia Civil de Minas Gerais identificou nesta terça-feira (3) o corpo de mais uma vítima do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG), em janeiro de 2019. O nome não foi divulgado, mas pelas redes sociais os policiais informaram que se tratava de um engenheiro de produção com 36 anos à época do rompimento.

A tragédia deixou 270 mortos. Uma das seis vítimas que ainda não foram localizadas era Luis Felipe Alves, 30, engenheiro de produção e funcionário da mineradora. Ele era de Juiz de Fora, no interior de São Paulo.

Com a identificação, restam agora cinco vítimas consideradas desaparecidas.

A identificação pela Polícia Civil, feita com exame de ar-



Bombeiros na área onde foi encontrada a ossada em Brumadinho. Divulgação Corpo de Bombeiros - 2 mai. 22

cadá dentária e foi possível a partir de ossada localizada nesta segunda-feira (2) pelo Corpo de Bombeiros.

A corporação informou inicialmente que não era possível confirmar que se tratava de uma vítima da tragédia, mas apontou que, “considerando a relevância e características do material”, haveria “boas possibilidades de eventual nova identificação”.

A última identificação de corpo de vítima da tragédia em Brumadinho havia sido anunciada pela Polícia Civil em 29 de dezembro do ano passado. O corpo era o de uma mulher de 49 anos que trabalhava como analista de operação na Vale.

A localização da ossada nesta segunda-feira ocorreu em área chamada “Esperança 1” a partir da descoberta de um segmento corpóreo. Após o achado, os bombeiros explicaram que foi feita busca especializada e, então, encontrada a nova ossada, que tem aproximadamente 40 segmentos.

Três anos e três meses de-

pois da tragédia, os bombeiros atuam na região atingida pela lama da mineradora no esquema chamado de híbrido, em que integrantes da corporação trabalham juntamente com maquinário utilizado para saneamento.

Em 2022, o Ministério Público de Minas Gerais apresentou uma denúncia contra o ex-presidente da Vale, Fabio Schwartsman, e outros três executivos e funcionários da mineradora e da empresa alemã de consultoria Tüv Süd.

Eles eram acusados de homicídio doloso duplamente qualificado e crimes ambientais. As vítimas eram funcionárias da Vale e trabalhadores terceirizados na barragem Mina Córrego do Itai.

A representação do Ministério Público foi aceita pela Justiça estadual. Mas, em outubro de 2021, uma decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça) anulou a denúncia, alegando que a competência para julgamento do rompimento da barragem é da Justiça Federal em Minas Gerais.

Sócios da liberdade

Não há como acreditar que as prisões brasileiras cumpram seu papel de recuperação e preparação para inserção social

Ilona Szabó de Carvalho

Empreendedora cívica, mestre em estudos internacionais na Universidade de Uppsala (Suécia). É autora de “Segurança Pública para Virar o Jogo”

Todos os anos centenas de milhares de pessoas saem das prisões brasileiras. Apesar das falhas nas estatísticas oficiais, sabe-se que apenas no primeiro semestre de 2021 foram emitidos 185.689 alvarás de soltura no Brasil.

Muito pouco se sabe sobre essas pessoas, sobre as motivações dos crimes violentos, ou sobre seu caminho após a prisão. Mas o perfil demográfico de quem está preso é conhecido: são homens (96%) negros (66,7%) e jovens (43% tem entre 18 e 29 anos). Sabe-se tam-

bém por que foram presos: cerca de 42% dos crimes são relacionados às drogas.

Mesmo em um cenário de extrema polarização política, não há como acreditar que, no estado degradante em que se encontram, as prisões brasileiras cumpram seu papel de recuperação e preparação para inserção social. Apenas 16,7% das pessoas presas trabalham, e 37,3% estudam.

Relatório publicado pelo Instituto Igarapé mostra que um dos fatores mais importantes

para a reincidência criminal é a revolta com as violências vividas dentro do sistema. Outros fatores preponderantes são a ausência de perspectiva de geração de renda, falta de acesso a serviços públicos (regularização de documentos, formação educacional ou profissional, saúde) e, talvez o mais noivo de todos — o estigma da passagem pelo sistema prisional. Em um país sem prisão perpétua, condenamos as pessoas egressas a uma vida de punições, mesmo em liberdade, e isso contribui para a reincidência.

Para quebrarmos os ciclos de reincidência precisamos responder aos desafios enfrentados pelos egressos. Em 2019 apenas 15 estados declararam ter serviços específicos para egressos. Já nos últimos anos, os Escritórios Sociais — projetados pelo Conselho Nacional de Justiça e geridos de forma compartilhada pelo executivo estadual e judiciário, têm começado a cobrir essa lacuna. Mas ainda há muito a ser feito. A realidade, contudo, é que organizações da sociedade civil seguem sendo os atores cen-

trais no atendimento de egressos. Um exemplo desta centralidade é a expansão das Redes de Atenção à Pessoa Egressa do Sistema Prisional (Raesp) pelo Brasil, um modelo iniciado no Rio de Janeiro em 2006.

Para mudar essa história, os papéis dos setores público e privado precisam ser redimensionados.

Por um lado, o setor público precisa assumir de vez a liderança que lhe cabe: o Estado, responsável pela tutela da população prisional, deve ser o principal a oferecer as condições adequadas para a inserção social. Sem políticas públicas direcionadas, robustas e multifacetadas é muito difícil que o trabalho desmembrado pela sociedade civil se reverta em mudanças estruturais.

Por outro, o setor privado pode e deve ter um papel central, contribuindo assim para a redução da violência no Bra-

sil. A companhia Sócios da Liberdade, do Instituto Igarapé, traz exemplos bem-sucedidos e informações para apoiar o setor privado nesta jornada. O fortalecimento da agenda ESG, associada às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização, é uma ótima oportunidade para que esta frente de atuação seja incorporada às possibilidades de impacto social que as empresas podem desempenhar.

Os grandes desafios sistêmicos que o Brasil enfrenta hoje são soluções que nascem a partir de parcerias entre todos os setores. Se o Estado passar a cumprir suas obrigações constitucionais, e o setor privado atuar como sócio da liberdade — oferecendo oportunidades para que pessoas egressas possam se reinserir —, finalmente daremos passos firmes em direção a uma sociedade mais justa e segura. Fazamos todos parte da solução.

Enfermeira inspira programa após tragédia da boate Kiss

Patrícia Bueno deu suporte emocional para os atingidos pela tragédia no RS



A enfermeira Patrícia Bueno (ao centro) com mães de vítimas da boate Kiss. *Renan Mattos/Folhapress*

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO A enfermeira Patrícia Bueno, 36, foi uma das primeiras profissionais da saúde a chegar à boate Kiss na madrugada do incêndio que acabou com a vida de 242 jovens, em Santa Maria (RS), em 2013. Mais de nove anos depois, ela mantém contato com boa parte dos familiares das vítimas e acompanhou, ao lado deles, todas as fases da ação judicial e do julgamento que culminou na condenação de quatro acusados em dezembro de 2021.

Ligações e mensagens trocadas no Natal e no Dia das Mães são hábito comum, mas principalmente no dia 27 de janeiro, data do episódio que Patrícia diz ter deixado marcas profundas em sua vida, apesar de não ter conhecido nenhuma vítima.

Mas não é só em datas específicas que a enfermeira fala com aqueles a quem chama de "meus xodós". "Criei laço de amizade mais profundo com ao menos dez famílias, de ir na casa deles falar da vida. Foi uma relação de carinho que surgiu de grande trauma".

Enfermeira concursada pela Secretaria de Município da Saúde de Santa Maria desde 2012, Patrícia tem especialização com ênfase em saúde mental. Atualmente, ela trabalha na estratégia da família de um posto da cidade.

Da madrugada do incêndio em diante, Patrícia passou a dedicar parte de sua vida a aqueles pais em desespero que

A profissional relata como foi a ajuda aos familiares concentrados no Centro Desportivo Municipal, o Farzeão, onde estavam os corpos. "Demos suporte psicológico e clínico, inclusive com eletrocardiograma. Estávamos ministrando medicação para eles viverem o momento de luto. Mas muitos pais surtaram, não aguentavam a dor", afirma.

Com o passar dos meses, o que menos Patrícia fez foi seu trabalho de enfermeira. "Passei a dar abraços, apoio e a escutá-los. Saía a enfermeira e entrava o ser humano para acolher", afirma.

Para a dona de casa Marise Dias de Oliveira, 58, Patrícia virou referência até para a vacinação contra a Covid-19. "Ela esteve 90% conosco. A presença dela foi marcante para mim e meu marido. Eu amo a Patrícia. Ela é maravilhosa", afirma Marise, que perdeu o único filho, Lucas Dias de

Oliveira, de 20 anos.

Como funcionária da prefeitura, Patrícia prestou atendimento aos familiares por seis meses. Depois desse período, ela voltou a trabalhar exclusivamente na saúde geral do município. Mas ela não conseguiu deixar de dar

Criei laço de amizade mais profundo com ao menos dez famílias, de ir na casa delas falar da vida. Foi uma relação de carinho que surgiu de grande trauma

Patrícia Bueno
enfermeira

apoio àqueles com quem convivia nos piores momentos de suas vidas.

Alguns parentes se uniram e formaram, ainda em 2013, a AVTSM (Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria) para exigir a apuração das causas que levaram ao evento trágico e a responsabilização dos envolvidos.

Manifestações passaram a ser rotina na cidade no dia 27 de maio para exigir justiça. Uns protestavam contra as autoridades, a quem muitos culpavam pelo incêndio. Patrícia, claro, estava lá nesses momentos também.

Mas a presença de uma funcionária da prefeitura despertou desconfiança, em especial do militar reformado Sérgio da Silva, 58, que perdeu o filho Augusto Sérgio Krauspenh da Silva, que tinha 20 anos e estudava direito.

"Não começo esse pessoal [da saúde] sofreu na mesma mão, porque estávamos revoltados, eu estava transformado. Entendíamos que a Patrícia, como funcionária da prefeitura, não era bem-vinda", afirma Sérgio.

Mas Silva relata a transformação no relacionamento. "Mesmo quando éramos arredios, ela se manteve ao nosso lado, assim como outros profissionais da equipe, que sempre nos trataram com muito carinho", diz o militar reformado, presidente da AVTSM entre 2015 e 2019.

Ele admite que demorou três anos para confiar em Patrícia. "Ela entendia nossa revolta e abriu mão de tudo para cuidar da gente. Quando a conhecemos melhor, relaxamos. Hoje, ela é minha camarada, minha amiga, é a Paty. Ela é para mim e para minha família", afirma Silva, que recentemente se mudou de Santa Maria para Santa Catarina.

Patrícia também acompanhou o processo judicial desde o início até os dez dias do julgamento. "Levávamos nosso suporte psicológico, mas também medidores de pressão e oxímetros, porque houve crises de ansiedade e muitas lágrimas".

Para o psicanalista Volnei Dassler, que está a ano passado no coordenador do programa Santa Maria Acolhe, de atendimento às vítimas da boate Kiss, o trabalho de Patrícia foi extraordinário.

"Ela é a figura emblemática no atendimento psicossocial. Trabalhou desde o início do Acolhe e fez o acompanhamento das famílias ao longo dos anos".

Um trabalho que começou de imediato diante da grande catástrofe no interior do Rio Grande do Sul passou a ser de acolhimento exclusivo aos familiares das vítimas e aos 60 sobreviventes. Após seis meses, tornou-se um serviço integrado ao SUS.

À nascia o programa Acolhe Santa Maria, que passou a atender pacientes com grandes traumas, não relacionados ao incêndio. "A Kiss foi um desastre de altas proporções. Santa Maria não estava estruturada para receber as consequências desse tipo de acontecimento. Foram criadas inúmeras ações", afirma Dassler.

O psicanalista explica que o atendimento com voluntários aconteceu nos dois meses com a supervisão da prefeitura. Mas a partir daí, quando ele, percebeu-se que houve um impacto na cidade e se chegou à conclusão de que o serviço deveria ser mantido. Ele notou movimento de pessoas que tinham seus dramas particulares não apenas pela rede de saúde. "Eles passavam por sofrimento agudo e seus casos não eram o perfil do CAPS. Falava esse tipo de assistência".

O psicanalista conta que foi feito contrato emergencial e criou-se o Acolhe Saúde, atual Santa Maria Acolhe. "Foi um programa construído entre o município e a associação dos pais e vítimas".

Depois, surgiu referência em outras tragédias, como o acidente de avião da Chapecoense, que matou 71 em 2016. "Ficamos cinco dias na cidade prestando apoio à equipe que atendia os familiares", conta Patrícia, que fez parte da equipe com Dassler.

O Acolhe também deu apoio, a distância, para profissionais que atenderam vítimas do rompimento da barragem em Maringá (MG), em 2015, que deixou 18 mortos e um desaparecido.

Em 2014, Patrícia, a equipe e alguns familiares da Kiss estiveram em Buenos Aires, Argentina, quando completaram os dez anos do incêndio na boate Refrigerator Cromagnon, que deixou 194 mortos, desastre que começou de forma similar ao de Santa Maria, com os parentes soltando fogos de artifício.

Limpeza nos túneis do metrô de SP é concluída após acidente

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Três meses depois do acidente em uma obra da linha 6-laranja do metrô que provocou a abertura de uma cratera na marginal Tietê, o governo do estado de São Paulo anunciou que a limpeza dos túneis está concluída. Com isso, o consórcio construtor da Linha Uni disse ter iniciado o conserto das tuneladoras.

No dia 1º de fevereiro, uma tubulação de esgoto se rompeu na altura da ponte da Freguesia do Ó durante a passagem do equipamento que perfurava os túneis do metrô, chamado de tatuzão. O acidente fez com que o canteiro de obras sentido rodovia Ayrton Senna. Ninguém ficou ferido.

Segundo a concessionária, estão sendo reparadas as tubulações, peças eletroeletrônicas, hidráulicas e metálicas do tatuzão.

A Linha Uni é a atual responsável pela PPP (Parceria Público-Privada) da construção e gerenciamento da linha. O contrato está orçado em R\$ 15 bilhões.

Em vista aérea é possível ver peças do tatuzão, como o cabeçote de corte do equipamento que atingiu a rede de esgoto, e túneis limpos. Não foi informado a quantidade de detritos retirados na limpeza.

A obra tem dois tatuzões que estão parados por cau-



Vista das obras da linha 6-laranja do metrô na marginal Tietê perto da ponte Freguesia do Ó. *EdUARDO KNAPO/FOLHAPRESS*

sa do acidente. O que atingiu a rede de esgoto tinha previsão de perfurar de 13 a 14 metros por dia, sentido Centro. O outro, que também precisou passar por reparos, tem previsão de percorrer entre 8 e 9 metros por dia em direção à

zona norte da cidade. Ao todo, o equipamento que se acidentou deverá escavar um trecho de dez quilômetros, possibilitando o acesso a uma dezena de estações. A previsão para a conclusão desta fase da obra era de 17 me-

ses, quando a tuneladora começou a operar às vésperas do Natal do ano passado.

Para fazer a escavação, é usado um tatuzão com cabeça de corte de 10,6 metros de diâmetro. Ao todo, o equipamento tem cerca de cem me-

tros de comprimento.

O tatuzão não é apenas uma máquina de escavação. Denro do equipamento tem 109 metros de comprimento, 16,6 metros de diâmetro e pesa 2.200 toneladas, há uma estrutura completa de apoio aos

operários, com refeitório, unidade de enfermagem, estufa para retirada do material escavado, cabine de comando, além de outros equipamentos.

"As operações de escavação serão retomadas assim que todas as operações de montagem e reparo do equipamento forem concluídas", afirmou a Linha Uni, acrescentando que o consórcio não tem a intenção de que não cite custos do conserto do equipamento.

Questionado se precisará fazer alterações no projeto por causa do acidente, o consórcio não respondeu.

O surgimento do buraco causou transtornos. As pistas local e central, no sentido rodovia Ayrton Senna, tiveram de interdições parciais e a prefeitura chegou a abrir um caminho alternativo em terrenos particulares. O trânsito foi totalmente liberado em 22 de março.

No dia do acidente, o secretário dos Transportes Metropolitanos, Paulo Gali, apontou o acidente na galeria de esgoto como o motivo do alargamento e da abertura da cratera.

Segundo o governo Rodrigo Garcia (SPB), como as obras das estações, que ocorrem simultaneamente, não param, continua a previsão de que a linha será entregue em quatro meses. O planejamento de quando os túneis voltarão a perfurar a terra.

saúde

É cedo para prever novo pico da pandemia, dizem especialistas

Brasil tem aumento de médias móveis de casos e de óbitos há cinco dias

Ana Bottolito

SÃO PAULO Passados pouco mais de dois anos desde que começou a pandemia, a sensação é que o pior da Covid já passou. A possibilidade de surgir uma nova onda, no entanto, ainda não pode ser sentida de modo certo.

Isso porque a situação de queda de casos e mortes pelo coronavírus no país foi quebrada na última semana, quando as médias móveis de mortes e de casos apresentaram um aumento em relação às 14 dias anteriores — de 26%, no caso das mortes, e de 4%, para casos.

O Brasil registrou 108 mortes por Covid e 218 casos da doença, nesta terça-feira (3). A média móvel de óbitos teve alta de 8% em relação ao dia de duas semanas atrás e agora é de 18 por dia. É o quinto dia de alta, de acordo com o consórcio de veículos de imprensa. Os dados do país, coletados até 23h, são fruto de coleta entre Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1. As informações são recolhidas com as Secretarias de Saúde estaduais.

Quem dados apontam para um possível repique, como o crescimento da taxa de positividade dos testes no último mês pelos principais laboratórios diagnósticos do país — de 4% para 12% — e o aumento de internações no estado de São Paulo.

Alexandre Naim, infectologista da Unesp de Botucatu, explica que, para saber se há uma tendência de aumento ou queda é preciso ver a série histórica. “Nos tivemos um aumento de cerca de 25% [da média móvel de óbitos] na última semana, mas essas variações semanais podem se tra-



Pedestres na avenida Paulista, em São Paulo. Eduardo Knap - 8 mar. 22 / Folhapress

duzir como o represamento de dados ou variações aleatórias. Por isso, é preciso ver uma tendência consolidada em pelo menos duas a três semanas para definir uma tomada de decisão”, afirma.

A mesma visão é compartilhada por Julio Croda, infectologista da Fiocruz. “Os dois feriados afetaram o registro de óbitos, e o aumento da média móvel de óbitos não foi acompanhado no mesmo nível pelo de casos. Por isso, acho que é preciso ter paciência para ver se é um aumento real ou artifício relacionado aos dois feriados”, diz.

Segundo dados do boletim Infopneiro do Observatório Covid-19 da Fiocruz divulgados na última sexta (29), no período de 10 a 23 de abril a média móvel de casos de 14 mil representou uma queda

de 36% em relação às duas semanas anteriores, enquanto a média móvel de óbitos, de cerca de cem por dia, é 43% menor do que os dados de 14 dias antes. Nenhum estado apresentou tendência de subida em nenhum dos indicadores (casos, óbitos ou internações por Srag).

Um desses riscos é o surgimento de novas variantes. A detecção de linhagens da doença em outros países, como as subvariantes BA.4 e BA.5, já tem causado preocupação. O virologista e pesquisador científico do Instituto Todos pela Saúde (ITPS), Anderson Brito, divulgou na última quinta (28) dados atualizados do sequenciamento de variantes no país que apontam para uma predominância da linhagem BA.2 da Omicron. Se até 1º de fevereiro essa subvariante

representava 7 em cada 10 (69,3%) amostras sequenciadas, no dia 23 de abril ela passou a ser 84,3% das amostras. Nas últimas três semanas houve um aumento na taxa de positividade dos exames analisados pelo laboratório Dasa, que servem como base para o ITPS, e como a rede pública possui um viés amostral devido à subnotificação, o aumento pode ser ainda maior.

“O que estamos vendo no Brasil com base em dados da rede privada de testagem é um aumento na média de testes positivos, e sabemos que isso vem acompanhado de um aumento de casos. Isso, somado ao cenário que já observamos em outros países que enfrentam uma onda da BA.2, leva a crer que podemos estar, sim, no começo de uma nova onda”, afirma.

para causar novos casos mais cedo e em mais gente ainda. E esse escape é de 3 a 5 vezes maior entre os não vacinados.

Se o país africano servir de exemplo do que nos espera, caso o país o caso no final de 2021, podemos esperar outra onda aguda de casos no Brasil pelos próximos meses. Com proporcionalmente menos hospitalizações, já que os brasileiros estão mais vacinados. Mas com muito prejuízo de qualquer forma, por conta de quem se ausenta do trabalho, dos idosos que são mais vulneráveis mesmo vacinados e de quem ainda não se vacinou — a quem os dados apontam que se tornam os mais vulneráveis, como já foram especialmente atingidos pela Omicron.

Estamos em uma ótima fase da pandemia. E podemos esperar momentos ainda melhores, com menos casos e por mais tempo do que agora. Mas que ainda devem ser pontuados por ondas de casos, especialmente se o governo federal continuar fazendo corpo mole na vacinação.



Em casa, bom mesmo é relaxar num sofá ou numa reclinável LAFER. 30% de desconto em 10x no cartão. F. do Lazer 61 3208.6722 • R. Tereza Sanjoana 1709 71 3812.5596 • Shopping DGO 71 3043.9259 www.lafer.com.br

equilíbrio

Presente em vários cosméticos, ácido hialurônico tem contraindicação

Mariana Versolato

SÃO PAULO Olhe com atenção em lojas de cosméticos e você perceberá um ingrediente dominando as prateleiras. Sim, o ácido hialurônico. Assim como o óleo de argemô, ele teve seu momento, os holo-fotes agora estão em cima da substância. Além de cremes faciais, ele é encontrado em xampus, água micelar (usada para limpar a pele), batons e gloss, todos eles com juras de hidratação. Para muitos, a promessa é cumprida e sentida na pele. Há dermatologistas, porém, que veem exageros.

Produzido naturalmente no nosso corpo, o ácido hialurônico tem a função de deixar a pele mais firme. “Uma das camadas da nossa pele, a derme, é composta de ácido hialurônico. É uma molécula com função de sustentação, como se fosse uma gelatina que deixa a pele firme, uma esponja que concentra a água naquele local

“Ele [o ácido hialurônico] atrai água para ele, então acaba ‘roubando’ água da derme. É um produto que fica mais interessante se for usado com outra substância occlusiva, ou seja, que não deixa a água evaporar”.

“O Grupo L’Oréal, que engloba a marca entre outros sendo Vichy, La Roche Posay, Skinceuticals, CeraVe e Garnier, investe em muitos produtos com ácido hialurônico e isso faz parte do seu portfólio.

“É uma substância com muitas possibilidades e que faz sentido tanto para cuidados com a pele quanto para cuidados com o cabelo. Como ele tem ativos de forte ação dermatológica, é e inclusive muito usado nos consultórios, o que gera uma expectativa resultando mesmo em uma rotina minimalista”, diz Nathaly Martos, coordenadora de valorização científica da Hair da L’Oréal.

Quando se trata de ácido hialurônico, o tamanho importa. O de alto peso molecular é o que nos temos de fábrica (e que começa a diminuir depois dos 25 anos), mas o problema é que, justamente por causa do tamanho, ele não penetra na pele.

“O que entra na pele é o ácido hialurônico de baixo peso molecular, mas não há estudos publicados mostrando que esse tipo de ácido que se passa em creme vai ficar na pele ou estimular a pele a produzir mais ácido hialurônico, porque ele é degradado em mais ou menos 24 horas. Mas como é um agente umectante, ele atrai água para ele, e por isso é interessante”, diz Ribeiro, que avalia estudos na área da dermatologia para a Rede Cochrane.

Ribeiro afirma, porém, que o ácido hialurônico tem contraindicações, como seu uso após procedimentos estéticos e em áreas muito ressecadas.

“Ele atrai água para ele, então acaba ‘roubando’ água da derme. É um produto que fica mais interessante se for usado com outra substância occlusiva, ou seja, que não deixa a água evaporar”, diz. Exemplos de agentes occlusivos são glicérol, lanolina, ceras vegetais e sintéticas, vaselina e silicones.

“Uma das camadas da nossa pele, a derme, é composta de ácido hialurônico. É uma molécula com função de sustentação, como se fosse uma gelatina que deixa a pele firme, uma esponja que concentra a água naquele local

“Ele [o ácido hialurônico] atrai água para ele, então acaba ‘roubando’ água da derme. É um produto que fica mais interessante se for usado com outra substância occlusiva, ou seja, que não deixa a água evaporar”.

Felipe Ribeiro dermatologista

Teremos outra onda de Covid nos próximos meses?

A estabilização da queda pode sinalizar queda da imunidade

Atila Iamarino

Doutor em Ciências pela USP fez pesquisa na Universidade Yale. É divulgador científico no YouTube pela sua canal pessoal e no Herdologia

Ainda estamos na lua de mel da imunidade. Nas últimas semanas, registramos o menor número de mortes por Covid desde dezembro de 2021 — a situação só foi melhor em março de 2022. Se essa tendência continuasse pelos próximos meses, poderíamos até pensar no fim da pandemia. Mas, na falta de medidas como máscaras, redução de aglomerações e mudanças na ventilação de ambientes fechados, a barreira contra a vírus que mantém essa estabilidade é só a nossa imunidade. E os dois fatores, nossa imunidade e o vírus, dão sinais de que a situação pode estar prestes a mudar.

Os números do Brasil começam a dar sinais importantes. Revertendo a tendência de março, a proporção de testes positivos começou a subir em laboratórios particulares e online, além de que mais pessoas que estão buscando testes estão com o coronavírus. E as internações por Covid começam a aumentar em hospitais de São Paulo.

Esse aumento pode ser uma reversão temporária, depois de feriados e de aglomerações. Mas o indicativo mais tardio da Covid, o número de óbitos, também começou a crescer. Essa estabilização da queda se transformando em aumento lento pode sinalizar uma queda da imunidade.

Simplificando bem, nosso corpo tem duas respostas importantes contra o vírus. A imunidade celular, que é a porção do nosso sistema imune que reconhece células infectadas e induz a sua destruição antes que façam mais vírus. Essa imunidade parece ser bastante duradoura contra o coronavírus e deve ser por conta dela que estamos vendo casos mais leves entre quem já foi imunizado. E a imunidade de anticorpos, que reconhecem o coronavírus diretamente e o bloqueiam, ao mesmo tempo que sinalizam para o nosso sistema imune.

Os anticorpos são úteis até para impedir uma nova infecção. Mas sua produção cai com

o tempo. Entre recuperados e vacinados, se estima que por volta de seis meses depois da imunização os anticorpos já diminuíram o suficiente para algumas pessoas serem infectadas de novo. E a Omicron induz uma resposta imune ainda mais fraca do que outras variantes, o que pode encurtar esse intervalo ainda mais. Pelo menos entre os infectados pela Omicron em dezembro do ano passado, os cinco meses que se passaram já podem ser o suficiente para estarem vulneráveis de novo. Só por esse fator já poderíamos estar um aumento gradual de casos.

Mas o vírus também não ficou parado. Na África do Sul, onde a Omicron foi detectada primeiro, já se vê uma nova onda de casos e hospitalizações. Dessa vez, causado por novas linhagens da Omicron chamadas BA.4 e BA.5, que continuam mudando. De acordo com os últimos estudos, elas podem escapar da imunidade contra a Omicron original o suficiente

Em casa, bom mesmo é relaxar num sofá ou numa reclinável LAFER



Em casa, bom mesmo é relaxar num sofá ou numa reclinável LAFER. 30% de desconto em 10x no cartão. F. do Lazer 61 3208.6722 • R. Tereza Sanjoana 1709 71 3812.5596 • Shopping DGO 71 3043.9259 www.lafer.com.br

ambiente



Aldeia Arado na Terra Indígena Arara, no Pará

Lailo de Almeida, 16. mar. 2022/Folhapress

Bolsonaro fiscalizou menos de 3% dos alertas de desmatamento

Nova ferramenta do MapBiomas analisa autorizações para desmatamento e operações de monitoramento

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Mais de 3% dos alertas de desmatamento emitidos no Brasil pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e por outras ferramentas de monitoramento, desde o início da gestão de Jair Bolsonaro (PL), foram fiscalizados ou ocorreram em áreas com autorização para supressão de vegetação.

Considerando os hectares sobre os quais os alertas indicam, e não o número total de alertas, quase 87% da área não sofreu fiscalização (em geral, com registro de multa ou não tinha au-

torização para supressão. Ou seja, somente cerca de 13% da área foi fiscalizada ou possuía permissão de desmatamento. Isso significa que, na ampla maioria dos casos, o governo federal não fiscaliza a destruição do meio ambiente.

O dado é proveniente do Monitor da Fiscalização do Desmatamento, uma nova ferramenta do MapBiomas, lançada nesta terça-feira (3). A plataforma analisou alertas de desmatamento emitidos pelo MapBiomas Alerta — que engloba dados do Deter (Inpe), do monitoramento do Imazon, Universidade de Maryland e da Geodatin/UEFS (Univer-

sidade Estadual de Feira de Santana) — de entre janeiro de 2019 e março de 2022.

Segundo o novo mecanismo, o governo federal só fiscalizou cerca de 2,17% dos alertas de desmatamento. Essas ações ocorreram em uma área que abrange somente 13% de todo o território desmatado no país nesse período.

A ferramenta é coordenada pelo ICV (Instituto Centro de Vida) e pelo Brasil IO e utiliza bases de dados públicas sobre fiscalizações e embargos ambientais. Além do governo federal, o monitor até o momento centraliza informações de cinco estados: Goi-

ás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e São Paulo.

Ana Paula Valdivieso, coordenadora do ICV e uma das responsáveis pela plataforma, afirma que a ferramenta surgiu porque os pesquisadores queriam compreender melhor os alertas de desmatamento sob o ponto de vista dos indicadores de legalidade.

Suely Araújo, especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima e ex-presidente do Ibama, destaca a importância da plataforma para o trabalho dos órgãos ambientais e para o monitoramento pela sociedade civil. Ela afirma que os resultados mostram a dificuldade da concretização da fiscalização no país, uma responsabilidade dividida entre municípios, estados e governo federal.

“É necessário entender, contudo, que nunca se conseguirá que as operações de campo correspondam a percentuais muito elevados dos alertas. Não é esse o caminho, na verdade”, afirma. “A fiscalização remota, com cruzamento dos alertas com variados tipos de dados públicos, é e deve ser bastante intensificada. A tecnologia disponível necessita ser usada em todo o seu potencial, para embargos e, se os dados possibilitarem, também para aplicação de multas”.

Segundo a especialista, as ações em campo devem privilegiar situações em que a fiscalização remota com emissão de multas e embargos é inviável, como em casos de ilícitos em terras indígenas, unidades de conservação ou áreas marcadas por conflitos e de finalidade fundiária.

A especialista conclui que o Ibama, especificamente, deve intensificar um tipo de operação: operações especiais de rastreamento de cadeias produtivas, apontando financiadores, compradores e quem lucra com desmatamentos ilegais no país.

A reportagem procurou o Ministério do Meio Ambiente, mas não se retornou até a conclusão desta edição.

Licença ambiental para mineração na Serra do Curral é aprovada

Isac Godinho

BELO HORIZONTE Um projeto mineração que pretende extrair 3 milhões de toneladas de minério de ferro ao longo de 13 anos em uma área de 130 hectares na Serra do Curral, em Minas Gerais, teve a licença ambiental aprovada na madrugada do último sábado (30) pelo governo estadual. O complexo Minério Serrado Taquari, da Taquari Mineração S.A. (Tamisa), foi localizado no município de Nova Lima, em uma área de 130 hectares na Serra do Curral, em Minas Gerais, teve a licença ambiental aprovada na madrugada do último sábado (30) pelo governo estadual.

A aprovação aconteceu por volta das 3h após uma reunião do Copam (Conselho Estadual de Política Ambiental), que durou cerca de 18 horas. Oito conselheiros votaram a favor do empreendimento e quatro foram contrários. A comissão é formada por representantes do poder público e de entidades da sociedade civil.

Liderados pelo movimento Tiro Pó da Minha Serra, ambientalistas e representantes da sociedade civil têm se manifestado nos últimos dias contra a liberação do projeto, com atos nas ruas e na internet, e a sensibilização dos conselheiros.

O Estudo de Impacto Ambiental (EIA) realizado pela Tamisa para o processo de licenciamento ambiental do empreendimento cruzará por duas vezes uma adutora da Copasa (Companhia Mineira de Água e Esgoto), responsável pelo abastecimento de Belo Horizonte e região metropolitana. Por isso, a prefeitura da capital entrou com ação na justiça contra o licenciamento desta edição (3).

O Ministério Público de Minas Gerais também monitora a regularidade do processo. Segundo o órgão, por ter um processo de tombamento em curso no Iepha (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), o bem estava protegido até a conclusão do processo.

Além disso, a Promotoria entrou com uma ação de suspensão da declaração de conformidade do empreendimento com a legislação municipal concedida pela prefeitura de Nova Lima. Segundo o órgão, o empreendimento seria instalado em uma área no plano Diretor do município autorizada apenas o “uso ambiental”, e não o “uso mineração”.

Segundo a prefeitura de Nova Lima, os planos de empresa estão de acordo com as regras municipais, e a prefeitura ainda que o processo de licenciamento ambiental e de responsabilidade do governo estadual. Ambientalistas criticam ainda a atuação do prefeito da cidade com o plano da mineração, já que João Marcelo Diegues Pereira (Cidadania) trabalhou na área.

A prefeitura de Nova Lima disse que a mineração é um dos pilares econômicos do município e que a relação com a mineração é estabelecida na cidade e estritamente institucional.

Em nota, o governo de Minas Gerais afirmou que “os conselhos estaduais de Meio Ambiente são formalizados com amplos estudos técnicos que servem de suporte para decisões dos conselheiros da Câmara de Atividades Minerárias do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam)”. A Tamisa foi procurada, mas não retornou até a conclusão desta edição.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS NEGÓCIOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGOS NEGÓCIOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGOS NEGÓCIOS

EMPREGADOS PROCURADOS

PROFISSIONAIS LIBERAS

PROFISSIONAIS LIBERAS

PROFISSIONAIS LIBERAS

PROFISSIONAIS LIBERAS

PROFISSIONAIS LIBERAS

PROFISSIONAIS LIBERAS

CLÍNICA MASSAGEM

CLÍNICA MASSAGEM

CLÍNICA MASSAGEM

CLÍNICA MASSAGEM

CLÍNICA MASSAGEM

CLÍNICA MASSAGEM

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

VENDE-SE IMÓVEL - MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO BERNARDO DO CAMPO, BRAGANÇA PAULISTA E ALVARES MACHADO

VENDE-SE IMÓVEL - MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO BERNARDO DO CAMPO, BRAGANÇA PAULISTA E ALVARES MACHADO

VENDE-SE IMÓVEL - MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO BERNARDO DO CAMPO, BRAGANÇA PAULISTA E ALVARES MACHADO

VENDE-SE IMÓVEL - MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO BERNARDO DO CAMPO, BRAGANÇA PAULISTA E ALVARES MACHADO

VENDE-SE IMÓVEL - MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SÃO BERNARDO DO CAMPO, BRAGANÇA PAULISTA E ALVARES MACHADO

ASSINE A FOLHA

ASSINE A FOLHA

ASSINE A FOLHA

ASSINE A FOLHA

ASSINE A FOLHA

ASSINE A FOLHA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALEAÇÃO FUNDIÁRIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

ADVOCACIA

GOV. DE SÃO PAULO

GOV. DE SÃO PAULO

GOV. DE SÃO PAULO

GOV. DE SÃO PAULO

GOV. DE SÃO PAULO

GOV. DE SÃO PAULO

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

seminários:folha

Clubes batem boca, mas ficam perto de criar liga de futebol

Divisão do dinheiro é entrave para anúncio, que pode ocorrer na próxima semana

Alex Sabinho

SÃO PAULO Embora não exista um acordo fechado que reúna os 42 clubes brasileiros das séries A e B, há a possibilidade de a nova liga do futebol nacional ser formalmente anunciada no próximo dia 12. As equipes ainda estão divididas em grupos divergentes.

A ideia é que a formalização ocorra na sede da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), com presença de todos os mandatários e de Ednaldo Rodrigues, presidente da entidade. O caminho tem percalços. Reunião de cartolas realizada nesta terça-feira (3) foi marcada por discordâncias, debates de diferentes pontos de vista, reclamações por causa de dinheiro, uma discussão acalorada entre o presidente do Atlético, Mário Celso Petraglia, e o advogado Flavio Zweiter.

Zweiter esteve no encontro como responsável pela redação do estatuto da nova liga, que será chamada de Libra. Sua presença descontentou Petraglia, que dizia ser o evento reservado a presidentes de clubes.

Três presidentes disseram à Folha que o cartola se irritou com uma declaração do advogado e respondeu que ninguém ensinaria como se faz uma liga. Zweiter ergueu o tom de voz, e os inimigos se escalaram. Zweiter depois pediu desculpas aos demais pelo bate-boca.

Petraglia é representante de uma união de clubes que se denomina "Futebol Forte" e é composta, além do Atlético, por Fluminense, Fortaleza, Coritiba, Internacional, Atlético-GO, Atlético-MG, Avaí, Ceará, Goiás e Juventude.

Dirigentes de outras equipes se aborreceram com o posicionamento dos representantes desse grupo, especialmente Petraglia. Um dos presidentes, que não estava na reunião, mas mandou representante, definiu que eles querem colocar algum empecilho toda vez que veem um avanço.

Outros cartolas, por sua vez, ficaram contrariados com o comportamento das equipes paulistas (Corinthians, Palmeiras, Santos, São Paulo e Bragantino) e do Flamengo. Todas essas agremiações assinaram a formação da nova

liga, juntamente com América-MG e Cruzeiro.

Os outros 37 engendram uma tentativa de forçar uma situação para que todos ensaiem imediatamente o novo formato do futebol nacional. Ao chegar à reunião, a manadaria do Palmeiras, Leila Pereira, anunciou estar lá para assinar a criação da nova liga e não sairia do encontro sem fazê-la. Ela depois anunciou, pelo Instagram, a assinatura.

A divisão dos grupos de clubes esbarra também em uma questão de como deve ser a liga. Os oito que assinaram o documento acreditam que o maior dos clubes é como se seria dividida a receita da liga. Outro grupo, entre eles o do Futebol Forte, quer resolver todas as pendências antes de assinar qualquer documento.

Uma das propostas é que a diferença de distribuição de receita seja de uma forma que o campeão receba 2,5 vezes mais que o último colocado, com os demais entre esses dois patamares.

É modelo que espelha La Liga, como é chamado o Campeonato Espanhol, e a Premier League, o Campeonato Inglês, considerado o maior exemplo de ligas de clubes nacionais. Na Inglaterra, a diferença entre o primeiro e o último na distribuição do dinheiro é na proporção de 1,5.

Há outra ideia, o "40-30-30", similar ao que já é empregado atualmente no contrato com o Grupo Globo. Nesse caso, 40% de tudo o que fosse arrecadado seria dividido de maneira igualitária, 30% de acordo com a classificação final e 30% dentro de uma equação que consideraria exposição de mídia, jogos transmitidos e outras variáveis. O Futebol Forte aceita esse princípio, mas quer que a repartição seja na proporção de 50-25-25.

Em todos esses casos, o valor a ser dividido incluiria o dinheiro do pay-per-view, o que não é contemplado no contrato atual de televisão, que expira em 2024.

"Não era aquilo que eu esperava, pois precisamos que o debate seja mais ampliado.

“

Não era o que eu esperava, pois precisamos que o debate seja ampliado. 80% dos clubes não assinaram. Precisamos de um conjunto de ideias que seja de inclusão para todos os clubes, não algo que pareça imposição

Marcelo Paz
presidente do Fortaleza

“

Não há motivos para acodamentos. [...] Entendemos que o próximo passo seja reunir os 40 principais clubes brasileiros na sede da CBF, no dia 12, para uma posição em consenso

Jorge Braga
CEO do Botafogo

Oferta por cento dos clubes não assinaram. Precisamos de um conjunto de ideias que seja de inclusão para todos os clubes, não algo que pareça imposição. Estamos falando de 42 clubes, e apenas oito assinaram. Isso está longe de representar a vontade da maioria, queixou-se o presidente do Fortaleza, Marcelo Paz. Entre os 40, Vasco e Botafogo adotaram a estratégia de não ficar totalmente favoráveis a nenhum dos lados e buscar um consenso.

"Não há motivos para acodamentos. O Botafogo tem ciência do seu valor, da capacidade da liga, e vai lutar pelo formato que seja o seu interesse e os dos clubes como um todo. Entendemos que o próximo passo seja reunir os 40 principais clubes do futebol brasileiro na sede da CBF, no dia 12, para uma posição em consenso. Até lá, todos terão tempo para avaliar os termos que estão na mesa", opinou o CEO do Botafogo, Jorge Braga.

Presidentes ouvindo pela reportagem se queixaram de que a pressão para assinar vai contra o espírito da associação esportiva.

O argumento apresentado por eles é que endossar a criação da liga significa decidir o futuro e os recursos da agremiação pelos anos seguintes. Para isso, seria necessária a aprovação pelo conselho deliberativo de cada instituição. Um dos cartolas reclamou que a pressão tinha um componente de validade dos clubes que querem se dizer fundadores da nova liga.



LIVERPOOL SE IMPÕE APÓS SUSTO CONTRA O VILLARREAL E VAI À FINAL DA LIGA DO CAMPEÕES

Depois de terminar o 1º tempo perdendo por 2 a 0, os Reds viraram a partida para 3 a 2 (gols de Fabinho, Luis Díaz e Mane) e avançaram à final, que será no dia 28, em Paris. Pablo Morán/Reuters

Pretensa sabedoria

A história de um jogo, às vezes, está muito além de nossa compreensão

Tostão

Crônica esportiva, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Hoje, o Manchester City, contra o Real Madrid, pelas semifinais da Liga dos Campeões, provavelmente terá o domínio da bola e do jogo e vai criar mais chances de gol, como fez nos dois jogos contra o PSG e na primeira partida contra o Real. Porém, não há favorito, porque o Real Madrid, como escreveu o colunista da Folha Sandro Macedo, possui sete vitórias: "Parceria eliminada contra o PSG e o Chelsea, mas se aguentou e se classificou. Na prancheta, as duas equipes parecem iguais, com qua-

tro defensores, três no meio-campo e três no ataque, mas no gramado, são bem diferentes. O City, dirigido por Guardiola, marca por pressão e joga a maior parte do tempo com a bola no campo adversário. Ataca com dois meios ofensivos, dois pontas e um jogador centralizado, além do apoio de volante Rodri e do lateral Cancelo, que fecha pelo meio para ser um organizador.

O Real Madrid, comandado por Carlo Ancelotti, é mais conservador, cauteloso, tradicional. Prioriza a marca-

ção mais atrás, para contra-atacar, com troca de passes e bolas esticadas para Vinícius Junior, ainda mais que o City atua com os defensores adiantados. Benzema é, ao mesmo tempo, o centroavante artilheiro e o meia construtor. É o camisa 9 e o camisa 10. Ele não joga dentro da área, ele chega à área.

O jovem Phil Foden está cada dia melhor. Ele, pela seleção inglesa, e Vinícius Junior, pelo Brasil, são candidatos a brilhar na Copa do Mundo. Existem outros jovens, como

Pedri, do Barcelona e da seleção espanhola.

No City, do meio para frente, o volante Rodri e o meia De Bruyne estão presentes em quase todas as partidas. Nas outras quatro posições (um meio-campista e três meios adiantados), existem sete jogadores que se revezam (Mahrez, Sterling, Foden, Gabriel Jesus, Bernardo Silva, Gündoğan e Grealish). Ninguém sabe quais são os titulares. Nem Guardiola.

No Brasil, por causa do péssimo calendário e da chegada

de vários treinadores estrangeiros, especialmente portugueses, existe também muito rodízio, no início e durante as partidas. Poupar é essencial, desde que não haja exageros e que os técnicos saibam escolher os melhores nos jogos mais decisivos.

Por outro lado, há muitos equívocos nessas avaliações. Muitas vezes, treinadores escalam certo, e dá errado, ou escalam errado, e dá certo, pois há dezenas de fatores envolvidos nas atuações e nos resultados.

O Corinthians enfrenta hoje o Deportivo Cali, pela Libertadores. Como será a equipe? Ninguém sabe. O time, no primeiro tempo contra o Fortaleza, era amplamente dominado. No intervalo, o técnico Vitor Pereira trocou um meio-campista (Renato Augusto) por um terceiro zagueiro. O segundo tempo mudou por vá-

rios motivos, como o gol contra, nos oito minutos, a favor do Corinthians, que alterou a história da partida. Além disso, o Fortaleza se cansou, pois pressionou durante todo o primeiro tempo.

Posso estar enganado, mas não vi nenhuma manobra coletiva do Corinthians, como muitos acharam. Além do mais, com frequência, o primeiro tempo de um jogo costuma ser bastante diferente do segundo, por inúmeras razões.

Outras vezes, uma equipe está perdendo, mas jogando bem e criando chances de gol. Já, aos 15 minutos do segundo tempo, é comum o habitual, o técnico substitui jogadores, o time muda e perde a oportunidade de empatar e de virar a partida.

A história de um jogo, às vezes, está muito além de nossa compreensão e de nossa pretensa sabedoria.

Voo mais longo do mundo vai ligar Sydney a Londres em 20 horas

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A companhia aérea australiana Qantas anunciou na segunda-feira (2) planos para operar o voo comercial mais longo do mundo a partir de 2025. A rota Sydney-Londres, de 17.750 km, será feita sem escalas em aproximadamente 20 horas.

Atualmente, o voo mais demorado do mundo liga Nova York a Singapura (15.343 km) em cerca de 18 horas. Já o trajeto mais longo em distância é feito pela Cathay Pacific entre Nova York e Hong Kong — que percorre 16.668 km em 17 horas.

Para conseguir percorrer o trajeto — que hoje demanda pelo menos uma escala em Singapura, Hong Kong, Doha ou Dubai — a companhia encomendou 12 aviões Airbus A350-1000.

As aeronaves serão especialmente configuradas para carregar mais querosene e comportar uma área de bem-estar, permitindo que os passageiros façam as atividades necessárias para suportar uma viagem tão longa.

Há alguns anos, a Qantas já havia organizado voos de teste para longas distâncias, mas com quantidade limitada de passageiros. Em 2019, o trajeto Londres-Sydney durou 19 horas e 19 minutos, enquanto o voo de teste Nova York-Sydney (16.222 km) durou pouco mais de 19 horas.

Com isso, a Qantas deve desembolsar mais de US\$ 2 bilhões (R\$ 10 bilhões).

De acordo com o catálogo de 2018, último ano em que a Air bus publicou os preços indicativos de seus aviões, o A350-1000 era vendido a US\$ 366,5 milhões (R\$ 1,8 bilhão).

O modelo encomendado é uma versão mais longa e espaçosa do A350-900, e será entregue à Qantas com 238 lugares, com a menos do que os normalmente instalados neste modelo.

Os passageiros poderão escolher entre quatro classes (primeira, executiva, econômica premium, econômica), sendo que mais de 40% da cabine é dedicada a assentos premium.

A companhia australiana também prometeu uma classe econômica mais espaçosa e com uma área projetada para movimentar, a longer e hidratar.

Os chamados "espaços de bem-estar" ficarão entre os assentos econômico e econômico premium.

De acordo com a companhia, a ideia é que os passageiros possam relaxar, fazer yoga, se hidratar e permitir que o corpo tenha uma melhor circulação sanguínea.

Com AFP e Aerial

Veja o trajeto do voo

Qantas vai ligar Sydney a Londres sem escalas a partir de 2025

— Nova rota mais longa (em tempo e distância)
17.750 km / Cerca de 20 horas / Qantas



Atual rota mais demorada

— Atual trajeto
15.343 km / Cerca de 18 horas / Singapore Airlines



Atual rota mais longa

— Atual trajeto
16.668 km / Cerca de 17 horas / Cathay Pacific



Universalizar a olimpíada de matemática

Versão mirim da competição instiga crianças em anos formativos

Marcelo Viana

Diretor geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D. du Institut de France

No momento em que escrevo este texto, estão abrindo as inscrições para a 1ª Olimpíada Mirim de Matemática, voltada para as crianças do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, a partir de 7 anos de idade. É a realização de uma ambição estratégica do Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada), formulada logo que as-

sumimos a direção do instituto, ao final de 2015.

A criação da Obmp (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) pelo Impa, em 2005, foi recebida com entusiasmo pela comunidade escolar. Com previsão de 5 milhões de inscritos, a primeira edição alcançou 10 milhões! Hoje, são 18 milhões

de estudantes, de 55 mil escolas em mais de 99,8% dos municípios brasileiros.

Houve que vencer oposição dos que, por desconhecimento ou ideologia, não podiam ou não queriam aceitar o notável poder da olimpíada para instigar a curiosidade e o aprendizado. Quase duas décadas depois, as credenciais da Ob-

mp como descobridora de talentos e catalizadora de uma relação profícua com a matemática estão amplamente comprovadas, por diversos estudos independentes (confira em www.obmp.org.br).

Mas a Obmp também apresenta(a) uma limitação séria: desenhada para estudantes a partir do 6º ano, ela deixa(va)

para o ciclo inicial da educação básica. Ora, é nos anos iniciais que se molda a relação da criança com a disciplina: estudos mostram que praticamente todas as crianças gostam de matemática quando entram na escola, mas ao final do 5º ano esse percentual já cai pela metade. Segundo Claudio Landim, coordenador nacional da Obmp e diretor-adjunto do Impa, "no país o gargalo do ensino da matemática se situa nos primeiros anos escolares, e é um desafio elaborar perguntas instigantes para alunos que ainda estão em alfabetização".

Esse desafio que nos sentimos agora capazes de enfrentar, encorajados pelo sucesso da parceria do Impa com a Prefeitura do Rio de Janeiro

no lançamento da Olimpíada Carioca de Matemática. Por meio de linguagem diferenciada, enfatizando o lúdico e as relações da matemática com a vivência infantil, a Olimpíada Mirim busca levar até as crianças menores os benefícios comprovados da olimpíada dos "crescidos".

Mas os estudantes não são o único alvo: a Mirim visa também apoiar os professores dos anos iniciais, muitos dos quais têm relação complicada com a matemática, abrindo novas janelas e oferecendo materiais para que se descubram sobre a matéria com um novo olhar.

As inscrições (inicialmente restritas às escolas públicas) são gratuitas. O que está esperando para convencer a escola dos seus filhos a participar?



EID AL-FITR

Feriado celebrado na terça (3) marca o fim do Ramadã, mês em que muçulmanos fazem jejum diariamente do nascer ao pôr do sol, ato considerado sagrado



Fãs fantasiados no metrô de Taipei, em 2017

VOCE VIU?

Fãs de Star Wars que estejam fantasiados como personagens da franquia terão embarque prioritário nesta quarta-feira (4) na companhia aérea Alaska Airlines, nos EUA.

A ação ocorre para celebrar a data, na qual comemora-se o Dia de Star Wars. Segundo o comunicado da empresa, feito na segunda (2), terão embarque preferencial pessoas trajadas como os personagens do universo da franquia, como os jedis, os siths, os integrantes das tropas de clones, da aliança rebelde, ou mesmo como os personagens Darth Vader e Han Solo, o piloto da Millennium Falcon interpretado pelo ator Harrison Ford no cinema.

Quem estiver com uma camiseta com personagens também terá direito ao benefício.

A origem da comemoração no dia 4 de maio vem de um trocadilho. Em inglês, a data (may the fourth) tem sonoridade parecida com o começo da famosa frase de Star Wars "may the force

be with you", cujo significado é "que a força esteja com você".

A frase é saudação de despedida dos Jedi nos filmes. No Brasil e no mundo, o dia é celebrado por fãs com maratonas dos filmes, encontros de cosplayers e festas temáticas.

As pessoas vestidas a rigor embarcarão após o grupo B, uma em referência a Bobba Fett.

O personagem é um mercenário de armadura apresentado aos espectadores em "O Império Contra-Ataca", de 1980, a primeira continuação de "Guerra nas Estrelas" original.

O grupo B é um dos primeiros a embarcar, após as prioridades por lei, famílias com crianças pequenas, militares da ativa, primeira classe e os níveis mais altos do programa de fidelidade da companhia aérea.

A ideia da ação é promover a cultura geek e de Star Wars na companhia, que tem parceria com a Disney, mas que nunca teve nenhum avião com as cores da franquia.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos
4.mai.1922

Governo quer inaugurar em maio estrada entre São Paulo e São Roque

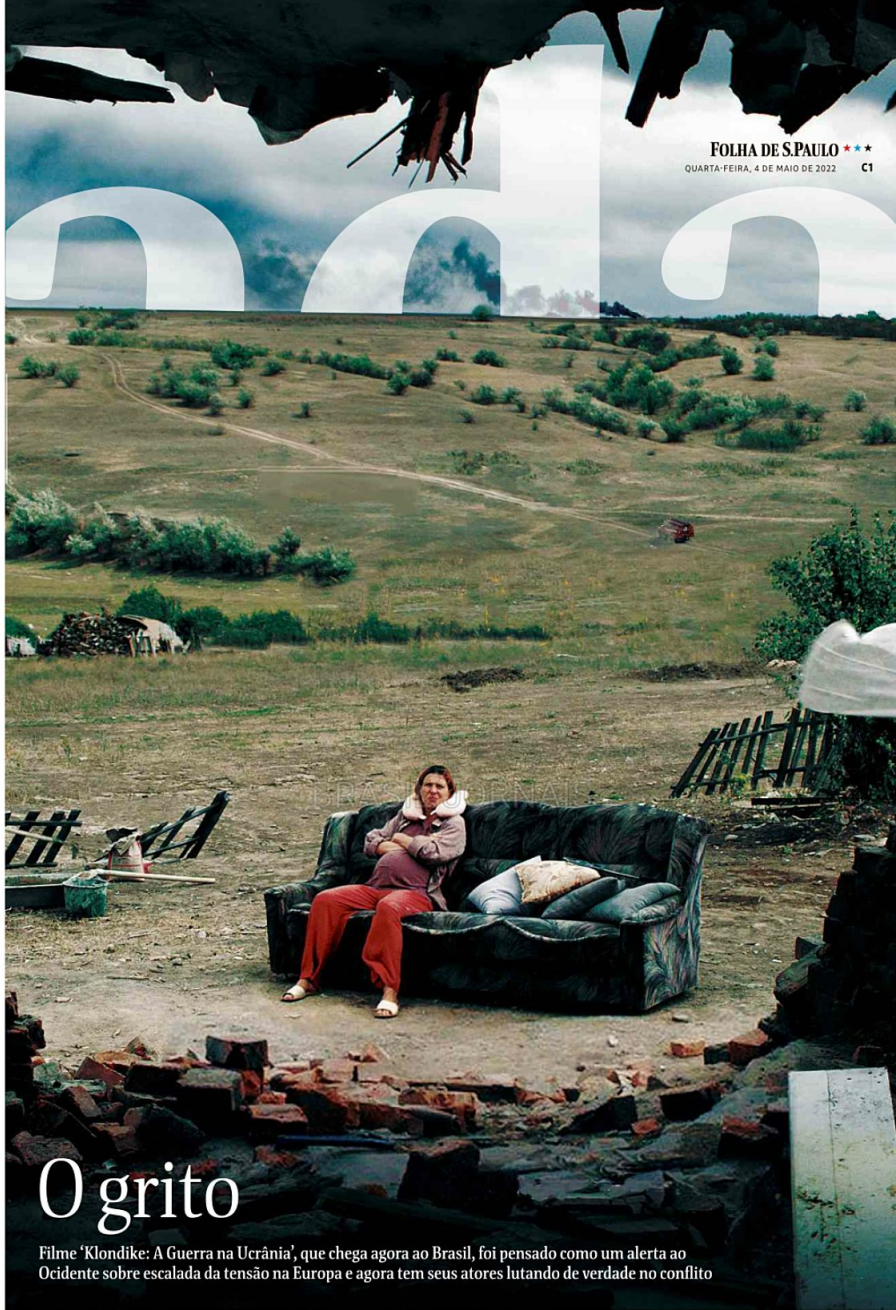
A Inspetoria das Estradas de Rodagem está trabalhando para que ainda neste mês, em dia que ainda não foi determinado, seja inaugurada a via que ligará São Paulo a prospera cidade de São Roque.

Essa estrada tem 51 quilômetros de extensão e está magnificamente construída. Materiais importados destinados ao serviço de rodagem chegaram ao porto de Santos e serão despachados.

Em São Roque, a municipalidade prepara festa recepção ao presidente do estado de São Paulo (governador), Washington Luis, para a inauguração. Haverá banquete nos salões da Câmara Municipal e grande baile.



LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br



O grito

Filme 'Klondike: A Guerra na Ucrânia', que chega agora ao Brasil, foi pensado como um alerta ao Ocidente sobre escalada da tensão na Europa e agora tem seus atores lutando de verdade no conflito

Cena do filme 'Klondike', longa-metragem ucraniano que agradou à crítica do Festival Sundance, nos Estados Unidos

Igor Gielow

SÃO PAULO Em janeiro deste ano, quando lançou "Klondike: A Guerra na Ucrânia" sob críticas favoráveis na mídia do cinema independente, o Festival Sundance, nos Estados Unidos, a cineasta ucraniana Marina Er Gorbach estava em busca de duas coisas. Primeiro, fazer um alerta ao mundo, em especial a Washington, sobre o conflito civil meio esquecido desde 2014 entre Kiev e os separatistas apoiados por Moscou no leste do país europeu.

Segundo, mostrar que a Ucrânia poderia criar um produto de qualidade sobre o assunto — que estreia nesta quinta-feira nos cinemas do Brasil. "Para mim, a guerra é sobre isso, criar e destruir", disse Er Gorbach numa conversa por Zoom. O que ela não esperava era que, a despeito de o filme ter sido o segundo colocado na mostra Panorama da Berlimale deste ano, seria o próprio Vladimir Putin a catapultar a relevância de sua obra um mês depois de seu lançamento em Sundance, quando invadiu a Ucrânia.

Com efeito, a criação é o centro da obra — Irka é uma jovem grávida casada com Tolik, um homem mais velho e algo embrutecido pelo ambiente. Eles vivem num vilarejo sob a sombra crescente da guerra civil em 2014, e a gestação em fase final serve de metáfora sobre o mundo insondável que está por vir. Enquanto Er Gorbach fala, russos e ucranianos se digladiavam no campo descrito na tela — o Donbass, o leste russofôno da Ucrânia que há oito anos virou palco da disputa entre os rebeldes e Kiev.

A partir de um cessar-fogo em 2015, o embate ficou congelado, ainda que somando vítimas à sua lista de 14 mil mortos até 21 de fevereiro. Naquele dia, Putin realizou o sonho de Saniia, o personagem que acredita que os russos o farão "viver como um nobre", ao reconhecer a independência das duas autoproclamadas repúblicas da região. Três dias depois, os canhões abririam fogo. "A guerra era mais ou menos conhecida na Europa, mas não nos Estados Unidos. Por isso trabalhamos no título", ela diz.

Klondike é o nome da região na fronteira do Canadá com o estado americano do Alasca que sediou a mais famosa corrida do ouro do século 19, e a cineasta quis estabelecer um paralelo com o Donbass, que, nas décadas em que tudo estava sob o domínio da União Soviética, era uma rica região industrial e carbonífera. Ela usa lencas para o espectador ocidental, a começar pelo fato que permeia a história — a derrubada presumivelmente por separatistas de um Boeing-777 da Malaysian Airlines com 298 a bordo.

"O dia 17 de junho, quando houve a derrubada, é meu aniversário. Algo me empurrou para contar isso", disse ela da Turquia, onde está com o marido, e coprodutor do filme, Mehmet Er. Ela filmou a ação numa região entre Odessa e a Moldóvia, no oeste ucraniano, representando os campos de Grabove, no Donbass ora ocupado. A dinâmica familiar cada vez mais tensa e estressante entre Irka e Tolik é violada com a entrada em cena de Iorik, o irmão da grávida. Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofoh.com.br

OLHOS ABERTOS

Senadores decidiram convidar o Parlamento Europeu para observar as eleições brasileiras neste ano. A decisão foi tomada depois que ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) se reuniram com um grupo de senadores e informaram que o governo de Jair Bolsonaro (PL) tinha vetado a presença de uma equipe da União Europeia (UE) no Brasil.

AÇÃO Segundo parlamentares, o relato foi feito pelos ministros Alexandre de Moraes, que integra o tribunal, e Luis Roberto Barroso, que presidiu a corte eleitoral até fevereiro. O TSE chegou a enviar uma carta para a UE em março, convidando o bloco para se somar a entidades que vão acompanhar o pleito brasileiro.

REAÇÃO A iniciativa causou contrariedade no Palácio do Planalto, segundo os magistrados relataram aos senadores. O Itamaraty emitiu até mesmo um comunicado dizendo que não era "da tradição do Brasil" ser avaliado por organização internacional da qual não faz parte. Como antecipou o *Nexo* jornal, a reação do governo levou o TSE a "desconvidar" os europeus para a missão.

ACENO O senador Renan Calheiros (MDB-AL) relatou à coluna que um grupo de senadores formado também por Tasso Jereissati (PSDB-CE), Randolfe Rodrigues (RE-AP), Simone Tebet (MDB-MS), Marcelo Castro (MDB-PI) e Eduardo Braga (MDB-AM) decidiu chamar os observadores de outros parlamentos das eleições.

ACENO 2 De acordo com Randolfe Rodrigues, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSB-MG), já deu um "proposta". "Já estou preparando o convite", afirma ele.

ALERTA O estado de São Paulo voltou a registrar aumento de casos, internações e mortes por Covid-19 na 17ª semana epidemiológica de 2022, entre 24 e 30 de abril. As notificações de pessoas infectadas tiveram crescimento de 4,3% e as internações, de 10,4%.

ALERTA 2 O aumento na média diária de registros de óbitos foi maior, de 45,8%. Foram 32 registros de mortes pela doença, em média, por dia, contra 22 da semana anterior. Os dados são considerados baixos quando comparados à média diária de 272 mortes registrada em meados de fevereiro. Mas o aumento está sendo acompanhado com atenção pelas autoridades.

REVIRAVOLTA O Tribunal de Justiça de São Paulo rejeitou uma ação apresentada pelo pré-candidato ao Governo de São Paulo Abraham Weintraub (PMB) contra o pré-candidato a deputado federal Guilherme Boulos (PSOL).

CASO Weintraub pedia uma indenização de R\$ 10 mil por danos morais por causa de duas publicações que foi chamado de "vagabundo" e "imbecil" por Boulos. A Justiça decidiu que o ex-ministro é que terá de pagar R\$ 10 mil a cada processo e honorários advocatícios ao líder do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto).

FERNANDA, PRESENTE



Foto: Denise Andrade/Divulgação



O comentarista Walter Casagrande Jr., prestigiado ator, prestou uma participação especial na obra de Fernanda Young, a peça tem direção de Mika Lins. A estilista Adriana Meira é o músico Tim Bernardes. Também estiveram lá

SET Longe das novelas desde "O Sétimo Guardião" (Globo, 2018), o ator Dan Stulbach vai retornar em "Pantanal". Ele fará uma participação como o deputado federal Ibraim. O personagem será pai de Érica, papel da atriz Marcela Petter, uma jornalista que viaja à região e se envolve com Zé Lucas de Nada (Irandhir Santos), motorista de caminhão que Zé Leônidas (Marcos Palmeira) vai descobrir ser seu filho.

TELINHA Ibraim vai ao Pantanal em busca da reparação da honra da filha. Stulbach gravará as cenas do personagem nas próximas semanas, mas a sua participação vai ao ar bem mais para frente, no segundo semestre do ano.

CAVALETE A Pinacoteca de São Paulo vai inaugurar, no próximo dia 14, uma exposição em celebração aos dez anos do Programa de Patrons. Serão expostas 34 obras que foram adquiridas pela iniciativa. Entre os trabalhos da mostra estará "Ligia", vídeo de Nuno Ramos. O artista plástico faz uma montagem com trechos do noticiário do Jornal Nacional (Globo) apresentados por William Bonner e Renata Vasconcellos.

CAVALETE 2 Desde a sua criação, o número de patrons mais do que dobrou: foi de 42 apoiadores, em 2012, para 110 em 2021. Nesse mesmo período, o programa adquiriu 109 trabalhos e arrecadou cerca de R\$ 9 milhões para o museu.

DE NOVO Mais de 130 artistas e intelectuais como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Fernanda Montenegro assinaram um manifesto pedindo a reeleição da deputada Landira Feghali (PC do B-RR) à Câmara. O texto diz que sua presença na Casa será imprescindível para a retomada econômica e cultural do país.

O grito

Continuação da pág. C1

"Eles disputam o amor da mulher, cada um de sua forma", diz. O que não tira o caráter feminista e feminino do filme, guiado pela percepção da protagonista, vivida pela ótima Oana Tcherkatchina, de um conformismo inútil quando sua sala de estar é explodida por um morteiro ou na angústia da cena final. Irka se filia à linha das estórias desafiadoras num gênero que usualmente reúne mulheres a papéis figurativos, emulando a estrutura da guerra em si.

"Klondike", é óbvio, tem falha. Ninguém suspeita que os russos e seus aliados possam ser os heróis naquela trama. Até irromperem na tela, os tons políticos e a guerra em si fazem parte de um grande diorama, ao mesmo tempo naturalista e distante. Cenas que seriam o ponto de venda de uma produção hollywoodiana, como a queda do avião, se desenrolam no horizonte.

São subtexto para o drama em primeiro plano —Tolik quer tirar sua mulher da vida para a proteger, de forma meio patética, e ela quer seguir com alguma normalidade.

O Buk Mu, a bateria russa de missões anti-terroristas que derrubou o Boeing, está lá, percorrendo os campos quase como um animal perdido. "Eu não quis promover a guerra", diz Mariana Er Gorbach. Não espere nenhum "O Resgate do Soldado Ryan", de 1998, aqui, mas talvez algo no diapasão dos filmes sobre a ex-Iugoslávia como "Antes da Chuva", de 1994.

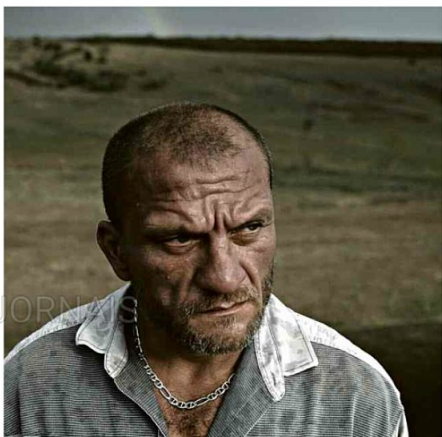
O roteiro não é senão de falhas, como na cena em que os pais de uma vítima do ataque são guiados pelo casal, ou ainda o desenvolvimento insuficiente de Sania e de Larik.

Er Gorbach, de 40 anos, demonstra um misto de orgulho e vergonha acerca do "tíming" de seu filme. Lembra as lágrimas a família que deixou em Kiev e o fato de que parte do elenco está na guerra.

Entre eles, Oleg Sevchuk, que fez Sania, Oleg Scherbina, que vive Irka, além do diretor de fotografia, Sviatoslav Bulakovski.

Ela era uma crítica do presidente Volodimir Zelenski, ele mesmo um ator de comédias que vivia um chefe de Estado accidental numa série de televisão. "Mudei minha opinião quando ele resolveu ficar em Kiev [após ter uma oferta americana para fugir]", afirma ele. "Depois que a guerra acabou, ali há muito a resolver".

Er Gorbach também aponta para o Ocidente. "Todos são responsáveis. As sanções duras deveriam ter começado em 2014. Deixaram Putin ocupar o Donbass, tomar a Crimeia, derrubar o avião", diz. Ela se uniu a outros seis diretores ucranianos e pediu o boicote à produção cultural atual da Rússia. "Não se trata de cancelamento da cultura russa", diz. "Podemos usar a guerra. Quando artistas russos dizem que não têm nada a ver com a guerra, isso é utopia."



O ator Serguei Chadrin interpreta Tolik em cena de "Klondike" Divulgação

Belo e duro, 'Klondike' pressentiu a guerra e se dedica às mulheres

Filme volta aos primórdios do conflito, quando o país foi atacado pela Rússia, em drama que observa uma família

CINEMA

Klondike: A Guerra na Ucrânia

★★★★★

Ucrânia, 2022. Dir.: Mariana Er Gorbach. Com: Oana Tcherkatchina, Serguei Chadrin e Oleg Scherbina. 16 anos. Estreia nos cinemas nesta qui. (S)

Incácio Araujo

"Klondike: Guerra na Ucrânia" padece de um subtítulo um tanto sensacionalista, mas nem por isso falso. É uma história de guerra, e na Ucrânia. Mas não a guerra que está acontecendo agora, e sim seus primórdios.

Se a guerra sempre foi um território fértil para a mentira, a diretora Mariana Er Gorbach o evita com o cuidado de quem evita minas enterradas no solo. Situa sua ação numa planície fazendo onde Irka, grávida, e seu marido, Tolik, esperam a chegada do filho. Vivem numa fazendinha, cercada por uma vasta paisagem vazia e uma estrada ao fundo. Existe algo de inquietante

em todo esse silêncio. Não dormo muito e vem o choque —uma bomba explode e arrebenta boa parte da casa. Tolik sai atrás do carro, esquecendo por um amigo. Não sabemos bem o que se passa, o que é encantador —estamos na mesma situação em que se encontram os personagens.

De repente, um ruído forte, fumaça —o que será aquilo? Um avião foi abatido, com turistas ucranianos. O que tem a ver com a história? É, sobre tudo, quem abateu o avião, ucranianos ou separatistas?

Estamos para os lados da conflituosa região de Donetsk, onde a maioria dos habitantes se expressa em língua russa e se acredita perseguida pelos nacionalistas ucranianos.

Um bando armado invade a fazendinha para se refestelar com o boi de Tolik. É isso ou ser saqueado e morto. O que não impedirá que outros bombardeios destruam parte da casa. O quadro idílico do início se desmonta.

O parto está cada vez mais próximo. Que fazer? O irmão de Irka, Iorik, aparece e piora a situação. É um antisseparatista fanático e acusa Tolik de ser pró-russo, uma meia-verdade. Antes de tudo, ainda que seja pró-russo, isso não parece uma opção, apenas uma conveniência. De todo modo, existe um novo conflito aí.

Assim segue Er Gorbach, explorando esse espaço cercado de perigos. Então o tempo intervém, pois, à medida que passa, nos familiarizamos sempre mais com o clima de discórdia armada.

Nisso tudo, quem tem razão? Do ponto de vista de Er Gorbach, a guerra parece aspectos do mal-estar na cultura humana. Aquela de que Freud falava, talvez, que nenhum comunismo erradicaria.

Pode ser. Mas a diretora, se evita tomar partido, vê nesse mal-estar algo do homem —masculino. Não por acaso esse belo e duro filme é dedicado às mulheres.

Paulo Gustavo não deixou sucessor no humor

Legado do comediante, que morreu há um ano devido à Covid, mostra que engraçado é rir do opressor, não do oprimido

ANÁLISE

Tony Goes

Foi uma das noites mais tristes de 2021. Um daqueles momentos em que todo mundo se lembra de que fazia quando ficou sabendo. Eu, por exemplo, dava uma última checada no Twitter, me preparando para cobrir a final do BBB 21. Al aconteceu o impensável. O último episódio da temporada do reality da Globo, que costuma ser uma festa, foi contaminado pelo luto. Tiago Leifert deu a notícia da morte de Paulo Gustavo aos finalistas, baixando a fervura da vitória da paraibana Juliette. Não era para menos. O ator era um dos humoristas mais proeminentes surgidos na década anterior, e certamente o campeão de bilheteria de um grupo que inclui luminares como Fábio Porchat, Marcelo Adnet e Tatá Werneck. A trilogia "Minha Mãe É uma Peça", em que ele interpreta um personagem baseado em sua própria mãe, levou cerca de 25 milhões de pessoas ao cinema. Uma façanha e tanto, ainda mais se considerarmos que Paulo Gustavo se tornou uma celebridade nacional sem precisar da TV aberta. Depois do sucesso de seu monólogo "Minha Mãe É uma Peça" no teatro, o comediante luminense foi chamado pelo canal pago Multishow, onde alcançou inédita visibilidade. Era o começo da década de 2020, e a TV paga estava em franca expansão no Brasil. An-

do colhendo os bons resultados econômicos do segundo governo Lula, gente da classe média para baixo começou a assinar pacotes do serviço, até então tido como artigo de luxo. Atento a esse novo público, o Multishow decidiu criar atrações para o segurar. Séries cômicas de grande apelo popular, mas com nomes nem tão famosos assim, para baratear os custos de produção. Nem todos os projetos deram certo, mas "220 Volts", exibida entre 2020 e 2021, deu. Aquela altura, Paulo Gustavo já havia participado de diversos filmes e programas da Globo, mas nunca com grande destaque. Ai, em 2021, quando já estava bem mais conhecido, foi convidado pelo Multishow para estrelar "Vai que Cola", uma sitcom gravada diante de uma plateia, nos moldes da antiga "Sai de Baixo". Um sucesso instantâneo. Nesse mesmo ano, o primeiro "Minha Mãe É uma Peça" estreou nos cinemas e se transformou num inesperado estouro de bilheteria. Foi só então que a mídia se deu conta de que havia um novo grande nome no humor brasileiro — o primeiro, desde a década de 1950, que não precisou da TV aberta para se firmar. Outros humoristas viriam a se destacar na internet, como Whindersson Nunes e o pessoal do Porta dos Fundos. Mas nenhum repetiu a trajetória de Paulo Gustavo, catapultado para a glória durante o curto período em que a TV paga cresceu de modo



O ator Paulo Gustavo em ensaio para a revista GQ Bob Wolfenson

considerável no Brasil. Sua morte, aos 41 anos, por sequelas da Covid-19, abriu uma lacuna. Agradava às plateias mais sofisticadas, como seus colegas Porchat e Adnet, como também falava diretamente com o povo, como o elenco do extinto "Zorra Total". É desse elenco que vem um nome que poderia ser apontado, se não como seu sucessor, como alguém que desenvolve um trabalho com pontos comuns, Rodrigo Sant'Anna. O criador da travesti Valéria, do bordão "ai, como eu tô bandida", agora encarna uma mãe dominadora na série "A Sogra que te Pariu", da Netflix. A terível dona Isadir vive às turras com a nora, e sua sensibilidade de suburbana remete de imediato a dona Hermínia, a criação imortal de Paulo Gustavo. Sant'Anna também passou pelo Multishow e fez filmes de sucesso, embora nada comparáveis a "Minha Mãe É uma Peça". Mas sua temperatura cênica é distinta, com um humor mais físico do que verbal. Se Paulo Gustavo não tem um sucessor óbvio, por outro lado, deixou um legado que promete ser duradouro. Graças a ele, que nunca se conduziu sua homossexualidade nem o seu relacionamento com o médico Thales Bretas, o humor brasileiro ficou um pouco mais inclusivo e menos homofóbico. Agora a graça é fazer piada com o opressor, não com o oprimido. Apesar de sofrer até ataques pessoais, nossa nova geração de comediantes segue firme nessa linha.

BRASIL JORNAIS

STAR WARS DAY MAY THE 4TH BE WITH YOU

STAR WARS

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA IN CONCERT

FILME COM ORQUESTRA SINFÔNICA AO VIVO

13 DE AGOSTO DE 2022

INTERPRETADA POR **ORQUESTRA SINFÔNICA VILLA LOBOS** MÚSICA DE **JOHN WILLIAMS** INGRESSOS EM **uhu.com**

MAESTRO: ADRIANO MACHADO

©2022 © TM LUCASFILM LTD. ALL RIGHTS RESERVED © DISNEY. PRESENTATION LICENSED BY DISNEY CONCERTS IN ASSOCIATION WITH 20TH CENTURY FOX, LUCASFILM LTD. AND WARNERCHAPPELL MUSIC.

RÁDIO OFICIAL: **613** APOIO CULTURAL: **WITOKAI** PRODUÇÃO: **OPUS** REALIZAÇÃO: **tacatinta**

A PRINCIPAL CASA DE SHOWS E EVENTOS DE SÃO PAULO ESTÁ DE VOLTA

VIBRA SÃO PAULO

Av. Nações Unidas 17955
Vila Almeida - São Paulo/SP
Estacionamento no local

ilustrada

‘Pantanal’ em alta mostra que público cansou de identitarismo e de lacração

Depois do fracasso de ‘Um Lugar ao Sol’, de viés progressista, novela procura o universal na ficção

OPINIÃO

Danilo Thomaz

Em sua chegada ao Pantanal, Jove, cheio de dedos, diz ao pai pelo que não come carne. Zé Leônico, que armou uma festa para receber o filho, afirma que a carne é de boi ‘pantaneiro’. O garoto, que é vegano, agradece, mas diz que não comer carne é ‘uma questão de princípios’. O pai fica desorientado. “Que princípio é esse?” Zé Leônico fica irritado, afinal, seus bois são muito bem tratados.

A cena, exibida recentemente no remake de ‘Pantanal’, não buscava estabelecer um marco entre o pai ‘atrasado’ e predador da natureza, vivido por Marcos Palmeira, e o filho ‘bonzinho’

e preocupado com o meio ambiente, interpretado por Jesuita Barbosa. Mas de explorar as nuances que podem existir a partir de um pai e um filho nascidos e criados em ambientes distintos e trazer o humano para a tela.

Num país onde a produção cultural se tornou um campo de batalha, dentro e fora da política institucional, chega a ser corajoso por parte do autor, Bruno Luperi, usar tal assunto para metaforizar o conflito entre pai e filho.

A audiência de ‘Pantanal’, em comparação com sua antecessora, ‘Um Lugar ao Sol’, tem reagido de maneira positiva. Enquanto a nova versão do trama de Benedito Ruy Barbosa já tem superado a marca de 30 pontos, sua antecessora terminou com uma

média de só 22 pontos de audiência, a pior do horário.

Considerada até pelo menos a sua metade como uma boa novela, ‘Um Lugar ao Sol’ tinha um claro viés progressista, que a conectava mais às massas urbanas ‘descoladas’ do que à maior parte da população. Isso tudo embora a novela evitasse discursos e buscasse matizar as suas personagens.

Seus temas iam do homem mais velho cancelado por transar com uma garota de 18 anos ao casamento entre duas mulheres, que substitui o tradicional casamento homem e mulher no final; da ‘gordofobia’ ao ‘etarismo’; da apropriação cultural à abordagem moral do racismo.

A maior parte dos temas da novela poderia estar en-

tre os assuntos mais comentados no Twitter num dia de ira ou gozo progressista. Mas não fala com a maior parte da população. Pelo menos não na forma como são abordados. Na realidade é na ficção.

‘Pantanal’, por sua vez, em vez da fragmentação, busca a universalidade. O péso, a prostituta, a madame, o playboy valem mais pelo que são como pessoas do que pelo que representam como tipos sociais.

Mas, afinal, não é disso que trata a ficção? Do humano? De explorar a complexidade de até o limite e nos fazer conhecer melhor a nós mesmos e o mundo em que vivemos?

Diz a tradição ocidental que sim. Mas recentemente, o Brasil, com algumas décadas de atraso, resolveu traduzir para o português o identitarismo.

Para não haver confusão, uma pequena digressão — o chamado identitarismo nasce dos movimentos de minorias políticas dos Estados Unidos nos anos 1960. Ali, se buscava, ao mesmo tempo, a conquista de direitos de negros, mulheres e LGBTQIA+ e a superação do capitalismo.

A partir da década de 1980, com a hegemonia do chamado neoliberalismo, surge o identitarismo que passa a marcar menos a inclusão e mais a representatividade. O “nós” é trocado pelo “eu”. Não por acaso, o cientista político Mark Lilla, autor de ‘O Progressista de Ontem e o do Amanhã’, o chama de “reaganismo para as esquerdas”, em referência ao presidente republicano que transformou os Estados Unidos a partir de 1980.

Começou com uma demanda justa das minorias, por mais espaço no campo cultural, que não viria se não fosse no grito. O espaço aumentou. Mas os gritos continuaram. Atacando a tudo e a todos que não seguissem uma espécie de manual dos modos e valores identitários. A produção cultural brasileira começou a ficar dominada pelo identitarismo enquanto ideologia. Com isso não quero dizer que se deva diminuir o espaço a mulheres, negros e LGBTQIA+ — os pobres ainda não chegaram lá. Mas será que todas, todos e, vá lá, “todos”, pensam a mesma coisa?

Por que há tantas obras de autoras negras americanas enquanto a de um autor da importância do geógrafo Milton Santos, reconhecido internacionalmente, segue esquecida? Por que se fala tanto do racismo do ponto de vista moral e tão pouco do ponto de vista econômico?

Será que a principal agenda do feminismo brasileiro é a “masculinidade tóxica”? Será que as ações afirmativas e focalizadas são a única saída? Será que o “artivismo” é assim tão politizado?

Continua na pág. C5



Os atores Jesuita Barbosa, que interpreta Jove, Alanis Guillen, que vive Juma, e José Loreto, que faz Tadeu, em ‘Pantanal’ João Miguel Junior/Olímpio/Direção

Folhetim ressuscita o novelão, mas esse pode ser o último da espécie

ANÁLISE

Tony Goes

Ainda não se passou um terço de 2022 e a Globo já emplacou um fenômeno que vai entrar para a história da TV brasileira — o remake de ‘Pantanal’. Anunciada há cerca de dois anos, a novela finalmente estreou no final de março e, até o momento, vem superando as expectativas da emissora.

Além do aplauso praticamente unânime da crítica,

‘Pantanal’ tem alcançado até 30 pontos de audiência na Grande São Paulo e 46% de participação entre os telespectadores ligados (o chamado ‘share’). No Rio de Janeiro, os números são ainda maiores, 33 pontos, com 51% de share. A última vez em que a Globo atingiu tais marcas foi com o último capítulo da ‘edição especial’ de ‘Império’, exibida em 2021. Mas era uma reprise. A mais recente novela inédita da nove, ‘Um Lugar ao Sol’, patinava em torno dos

20 pontos de audiência.

Tamanho sucesso tem feito com que alguns digam que ‘Pantanal’ representa, nada menos, do que a ressurreição do gênero novela. Tida como ferida de morte pelas séries e incapaz de suscitar o interesse das novas gerações, a novela parecia destinada a se tornar um produto de nicho, depois de mais de 60 anos como o carro-chefe da nossa TV. ‘Pantanal’, no entanto, não chega a ser uma renovação. Na verdade, em termos dra-

matúrgicos, é um retrocesso. Um novelão com mocinhos e vilões, e uma trama que (ainda que lentamente) anda em linha reta. Poderia, a versão original foi escrita por Benedito Ruy Barbosa em 1990, antes da chegada da TV paga ao Brasil. A nova versão está a cargo de seu neto Bruno Luperi, que vem atualizando a trama e eliminando as referências datadas. Agora há personagens gays, o que nunca interessou a Ruy Barbosa, e ninguém mais fala da

hiperinflação dos anos Collor. Mesmo assim, algumas coisas soam fora de época. Na primeira fase, por exemplo, o rude fazendeiro José Leônico, feito por Renato Góes, conhece a jovem Madeleine, papel de Bruna Linzmeyer, num restaurante no Rio de Janeiro. A atração mútua é irresistível e os dois passam a noite juntos. No dia seguinte, Leônico avisa os pais dela que eles vão se casar, para preservar a honra da família. Na versão atual, esta fase se passa no início dos

anos 1990, quando uma atitude dessas já estaria ultrapassada.

A nova ‘Pantanal’ também preserva o ritmo lento de sua antecessora. Era temido que isso aumentaria a garotada acostumada ao frenesi do streaming. Não é o que parece estar acontecendo, já que a audiência cresce a cada semana.

Essa mesma garotada também vem sendo apresentada a signos do Brasil profundo, assim como aos códigos do chamado novelão. De fato, há um sentimento épico nas novelas — especialmente nas de Benedito Ruy Barbosa — que as séries nem sonham em ter.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

Um grande exemplo de como o discurso ideológico do identitarismo passou a preponderar até sobre a questão da pluralidade se deu em 2021. O centenário da morte de João do Rio, o mais versátil escritor brasileiro do período da Primeira República, inspirou um único (re)lançamento.

Jornalista, dramaturgo, cronista, romancista, contista, João do Rio era negro, gay — e gordo. Subia morros, criticava elites, falava das religiões afro e da vida da homossexualidade. Mas era um provocador, e não um moralista. Os relatos de bastidores não são dos melhores. Já ouvi até casos de preparadores que apontam machismo mesmo em livro passado na ditadura brasileira e narrado por um homem. Aliás, toda visão de um homem hétero e branco é, em si, machista?

Alguns casos vieram a público. Como a escolha do cineasta José Padilha para a série sobre a vida da vereadora Marielle Franco, no Globoplay.

E, recentemente, a forma como o jornalista Audálio Dantas, já morto, foi exposto por causa de seus conflitos com a escritora Carolina Ma-

ria de Jesus e as correções gramaticais que fez em seus textos. É um motivo de celeuma, agora que Carolina é comparada com Guimarães Rosa.

Nascido no interior de Alagoas e autodidata, Audálio foi convertido em homem branco opressor por isso, e também pela edição — sim — dos diários de Carolina. Outro "crime" foi o de ter insistido para que ela sequestrasse no gênero diário.

Além de ter descoberto Carolina e ter sido responsável pela publicação de "Quarto de Despejo" (por anos e anos disponível só em sebos), Audálio foi uma figura fundamental nos protestos contra o assassinato do jornalista Vladimir Herzog pela ditadura militar e na organização do funeral ecumênico em sua homenagem. A cerimônia é um dos marcos da decadência do regime. Mas o que importa se Audálio não tem "lugar de fala"?

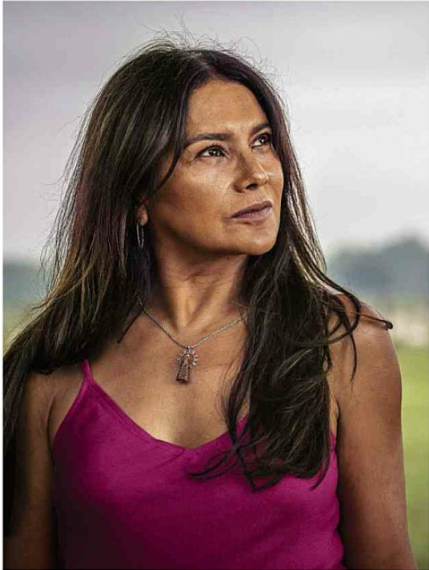
E já que o assunto é esse, eu me pergunto o quanto ignorante seriamos sobre as elites brasileiras se Machado de Assis tivesse se limitado a falar da situação do negro. É provável que o autor nem sequer tivesse se tornado um inovador da linguagem do romance sem esse exercício de alteridade.

Afinal, sua grande inovação na forma vem quando a "pena da galhofa" é molhada na "tinta da melancolia" do aristocrata Brás Cubas. Já disse Elze Ferrante que "escrever" — e não apenas ficção — é sempre uma apropriação indevida.

É mais uma vez me pergunto — será que o público quer sentar para apreciar uma obra e ser acusado de racista, machista, homofóbico? Cabe a quem ocupa um lugar de autoria esse "dilema imaginário" (pego aqui a imagem do cavaleiro Honoré de Balzac) de guardião da moral?

A audiência de "Pantanal" tem dado sua resposta. Assim como outros fenômenos recentes, como o romance "Tudo É Rio", da mineira Carla Madeira — livro que tem como eixo um triângulo amoroso em torno de uma prostituta e até perdão por violência doméstica. Não se trata de um elogio a isso. É a vida posta em suas contradições — e o leitor também. O livro, de um jeito bem mineiro, vendeu 40 mil exemplares só em 2021.

Ou mesmo a atriz trans Nany People, que encenou teatros onde quer que vá, e já declarou não ser uma "Maria vai com todos".



A atriz Dira Paes em 'Pantanal' João Miguel Jr./Globo

Não há humanidade no governo Bolsonaro, afirma a atriz Dira Paes

Interpretando a empregada Filó em 'Pantanal', ela alerta para o genocídio indígena e para 'ano da transformação'

Carolina Moraes e Marina Lourenço

SÃO PAULO Fernando Collor tinha confiscado o dinheiro da caderneta de poupança dos brasileiros há poucos dias quando uma das novelas mais marcantes da dramaturgia nacional chegou à TV Manchete, em março de 1992.

Numa imersão na identidade rural do país, "Pantanal" resgatava imagens de paisagens exuberantes. Conquistou o coração do brasileiro e virou um clássico das telas.

Agora, no ar com uma nova versão, "Pantanal" repete o sucesso de décadas atrás e já é considerada uma marca de audiência na TV Globo. A estreia do remake teve o maior público — da faixa horária nobre do canal — desde o fim de "Imperio", em 2014.

Em entrevista, a atriz Dira Paes, que na novela faz o papel da empregada Filó, comenta as atualizações de "Pantanal", a influência da novela na defesa desse bioma, o retrato de conflitos agrários no remake e como isso funciona diante do governo Bolsonaro.

"Pantanal" veio para mostrar a Brasil para o Brasil, e com uma narrativa que a gente conhece. O público estava se sentindo saudosos.

Hoje, coincidentemente, meu filho chegou da escola e me fez muito feliz. "Pantanal", meu amigo de infância, me fez muito feliz. Isso é raro, talvez isso não se repita. O início tem 12 anos, de vez em quando pelas novelas só de ouvir falar. Agora, "Pantanal" suscitou tudo isso. Como na época, também tem uma mensagem de você parar um pouco.

Em 1992, "Pantanal" teve a

revelação de atores como Angelo Antônio, Marcos Winter, Marcos Palmeira, Almir Sater. É uma novela muito especial.

Há algum tempo está havendo no mercado brasileiro uma simbiose entre o cinema e a televisão. Como se a TV quisesse descobrir melhor o cinema e o cinema quisesse descobrir melhor a TV. "Pantanal" é um exemplo, uma superprodução da Globo. A gente vê isso nas imagens, nas dinâmicas das tomadas. Há uma tentativa de dar um trabalho de melhor qualidade ao público, que responde a isso. "Pantanal" convida a gente a ser cidadão, porque ele fala sobre as frequências e diferenças.

Quando uma pessoa urbana vai para o campo é como se o tempo durasse mais do que 24 horas. A gente sente isso. Diálogo de fazer as coisas. Então, o que nos ocupa de fato? Eu não sei. Mas acho que a novela dialoga com uma necessidade imediata de muitas pessoas.

Infelizmente, a gente não tem eco no governo Bolsonaro. É um governo que criminaliza ações ambientalistas, humanistas e artísticas. Tenta trazer o holofote para uma degradação da própria imagem.

Economicamente, [o governo Bolsonaro] não é humano, ideologicamente, não, artisticamente, não. É uma fragilidade de ego, de inteligência e de sensibilidade. É lamentável o que a gente tem presenciado nos últimos tempos, temos suportado abaixo dos nossos narizes. Este é o ano da transformação. Acredito que o povo brasi-

leiro quer se encontrar com um tempo de paz, no qual a gente não tenha que defender as necessidades básicas. Vejo muitas propagandas de Bolsonaro que falam da família. Só que isso tem um recado que é muito triste, porque ele esquece os indivíduos, que tem muita gente sozinha, que não tem ninguém, órfãos. E família não é um pai, uma mãe e duas crianças. Isso demonstra essa fragilidade que eles [do governo] têm de verbalizar as coisas.

Há comportamentos de ditadura neste governo que se mostram cada vez mais, a cada dia. E essas coisas podem sofrer muito com esse tipo de coisa, que está relacionada ao indulto de Bolsonaro a Daniel Silveira.

O genocídio indígena é uma questão que tem que ser discutida urgentemente no Brasil. Os nossos indígenas são guardiões da floresta e precisam ter segurança e espaços para a sobrevivência. O mundo está olhando para a Ucrânia, mas a Ucrânia é aqui, em Altamira.

Essa campanha [para jovens tirarem o título de eleitor] é linda. Tenho certeza que a Anita [que também participou] não está ali, falando nada, só está dizendo "poxa, eu acordei, vamos juntos". É bonito demais.

Ah, se eu soubesse fazer TikTok! Vocês não iam me aguentar! É difícil a gente ficar falando coloquialmente sobre leis. As vezes, isso distancia as pessoas. Então, quando vem alguém que traz isso numa imagem, dança, ou música, é bom. A arte salva. É a nossa redenção.



Continuação da pág. C4

Já faz algum tempo que o desempenho de um folhetim não é medido só pelo boxeador, mas também pela repercussão nas redes. Também neste quesito, "Pantanal" vem fazendo bonito. Em dois assuntos mais comentados enquanto está no ar, e esses comentários são para lá de positivos.

É, em resumo, a novela de maior impacto desde "Avenida Brasil", de uma década atrás. Uma trama clássica, sólida, contada sem firulas nem maiores pretensões, mas com um apuro técnico que transforma algumas tomadas aéreas em obras de arte.

Também é um início auspicioso para a gestão de Ricardo Waddington como diretor de entretenimento da Globo.

Por outro lado, pode ser o ponto do cínico das novelas. Pelo menos, das novelas tais como as conhecemos na TV aberta, com mais de uma centena de capítulos, elenco numeroso e diversas subtramas.

Isso porque esta nova versão traz elementos que dificilmente seriam reunidos de novo. Um roteiro tradicional, muito bem urdido, mas sem inovações, uma locação espetacular, que serve de cenário para os olhos; e um orçamento astronômico, que dificilmente a Globo estará disposta a gastar em outras produções.

A emissora está consciente disso, tanto que não pôs todos os seus olhos na mesma cesta. A próxima novela de João Emanuel Carneiro, "Olho por Olho", antes prevista para o canal aberto, agora terá apenas 70 capítulos e estreará primeiro no Globoplay.

Também há o projeto de se dar carta branca a alguns autores, para que eles se arriquem por tramas inusitadas sem o compromisso com a audiência num primeiro momento. Agora, se essas tramas ainda serão consideradas novelas, só o tempo dirá.

ilustrada

Baile do Met atíça paladar do sommelier do sofá

Vista de casa, com blusa furada e calça suja de maionese, festinha do Metropolitan de Nova York vira cardápio indigesto

OPINIÃO

Flávia Boggio

A expectativa era grande. Depois de ser cancelado em 2020 e adiado em 2021, o baile do Museu Metropolitano de Arte de Nova York, conhecido como Met Gala, finalmente retornou à primeira segunda-feira de maio, como manda a tradição.

Criada para arrecadar fundos para o instituto de figurino do museu, a festa se tornou um altar da elite nova iorquina e de celebridades, que disputam os convites a unhas, dentes e milhares de dólares, já que um deles chega a custar US\$ 35 mil.

A cada ano, o baile tem como tema a exposição de moda anual do museu, que funciona como um "dress code"

para os seus convidados, que saem numa corrida para conseguir o figurino com o maior poder de atrair os flashes no tapete vermelho.

O tema da festa foi uma homenagem à história da moda americana — "Na América, Uma Antologia da Moda". O foco, segundo especialistas, era o "glamour dourado" de uma Nova York do século 19, com vestidos opulentos e espartilhos apertados.

Porém, tão tradicionais quanto o baile são os convidados, que não entendem o "dress code" e vão com figurinos fora do tema — gafe, segundo fashionistas, maior do que ir a um chá de bebê fantasiado de Halloween.

Outra tradição são os comentaristas das redes sociais, ou "sommeliers do Met". Do alto do pedestal dos so-

fás bolorentos de suas cascas, eles acreditam ter autoridade para espalhar os milonários figurinos do baile e acusar quem saiu do tema, enquanto usam camiseta com buraco de traça e calça de moleton suja de maionese. Pelo menos é assim que estou vestida em alguns desses textos.

Então, vamos à análise dos figurinos do Met Gala de 2022. Emma Stone, que brilhou na pele da estilista Cruella De Vil, mostrou que não aprendeu nada com a personagem. A atriz foi uma das primeiras a chegar ao baile trajando uma camiseta de gola de lingerie de bairro com meia-calça branca.

A jornalista ela disse ter reaproveitado seu vestido de noiva, provando que sustentabilismo nem sempre é uma coisa boa. Robertinho de Recife nunca cantaria "baby doll

de nylon combina você" para esse figurino de Emma Stone.

Camila Cabello preferia trocar o tema do baile por referências gastronômicas. Seu vestido, com fitas transparentes, deixou seu dorso parecido com uma peça de mortadela pendurada no Mercado. A parte de baixo completou a refeição com a sobremesa, lembrando um bolo de festa infantil com recheio de M&Ms.

Já a modelo e socialite Gigi Hadid dispensou o tema para mostrar que a moda paulistana é referência, usando um imenso casaco "Faria Limer".

Imã mais nova de Kim Kardashian, Kylie Jenner foi eleita pela revista Forbes uma das jovens mais ricas do mundo. No Met, provou que bilhões de dólares na conta não são suficientes para produzir bom gosto ao combinar um vesti-

do branco com um boné esportivo. Até champagne e Doritos harmonizariam melhor. Ficou mais próxima de uma versão noiva de Duda Little, a antiga mascote de Xuxa, do que do tema do baile.

Na mesma linha "festa de casamento do Buffet Torres", sua mãe, Kris Jenner, apostou no look mãe de noiva da loja Darcy Madrinha. Qualquer estilista da rua São Caetano, no bairro paulistano da Luz, faria melhor. Só faltou o cabelo em cascata para combinar.

Muitos homens aproveitaram o Met Gala para sair do monótono smoking e ousar no figurino. Mas isso não é garantia de acerto. Foi o caso do ator Kodi Smith-McPhee, de "Ata que dos Cães". Vestindo calça jeans, camisa branca e luvas vermelhas, o indicado ao Oscar parecia um serial killer sa-

ído da cena do crime. Alguns convidados o teriam confundido com um acageiro e pedido um quilo de patinho.

O baile também trouxe figurinos deslumbrantes. Blake Lively usou um belo vestido em homenagem à estátua da Liberdade, com direito à troca de cor de cobre para azul. Anitta deu orgulho ao Brasil ao acertar o tema com seu Moschino roxo cheio de pérolas, lembrando uma sedutora dama antiga. Billie Eilish se divertiu com um rendado vestido de Gucci, exibindo seu corset apertado, tendência do ano.

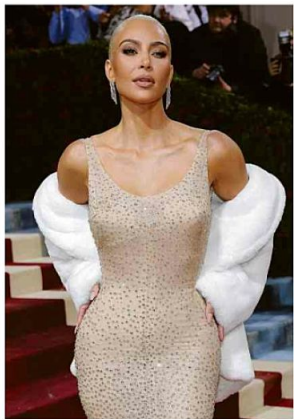
Enquanto isso, nós aplaudimos e fingimos que jogamos tomates enquanto suamos nossas camisetas com molho de tomate. Sem perceber que também somos seduzidos pela magia de uma das mais atuais formas de arte, a moda.



A cantora Camila Cabello veste look branco sustentável e a modelo Gigi Hadid mostra um imenso casaco ao estilo "Faria Limer"



Fotos Anglia Weiss/AFP



A socialite Kim Kardashian usa look imortalizado por Marilyn Monroe, enquanto Anitta e Carol Trentini acertam com seus Moschino e Danielle Frankel



Fotos Anglia Weiss/AFP e Brendan McDermid/Reuters

Como o vestido de Marilyn foi parar no derrière de Kim Kardashian

OPINIÃO

Teté Ribeiro

Kim Kardashian se escondeu dos paparazzi atrás de um pano bege gigante que umas dez pessoas seguravam cobrindo desde a saída do carro em que ela estava até o começo do tapete vermelho, na segunda-feira à noite, no Met Gala.

Ela tinha planejado tudo. Fez um post no seu Instagram, em que tem 307 milhões de seguidores, e programou para que fosse liberado no exa-

to momento em que saiu de baixo da cobertura improvisada e apareceu na porta do museu Metropolitano, em Nova York, onde desde 1995 a revista Vogue americana organiza um baile para arrecadar fundos para a ala do museu dedicada à moda.

Kardashian estava loira, pela primeira vez na vida. Uma homenagem a Marilyn Monroe, um dos maiores ícones americanos, que morreu aos 36 anos, em 1962, por razões ainda hoje não totalmente esclarecidas. Marilyn foi uma

grande atriz cômica, mais conhecida por ser linda e célebre do que por sua obra, motivo que a fazia estudar muito e se angustiar ainda mais.

Marilyn cantou um "Happy Birthday" no aniversário de 45 anos do presidente John Kennedy, de quem foi amante, com um vestido bege longo colado no corpo, com 6.000 cristais costurados a ele, em performance inesquecível, filmada e exibida ao vivo na TV. Dizem que o vestido era tão mal tão justo que teve de ser finalizado no corpo da atriz

pelo designer Jean Louis, que se baseou em um desenho de Bob Mackie. Marilyn pagou US\$ 4.442 por ele e morreu três semanas depois.

O vestido foi vendido num leilão da Christie's, em 1999, por mais de US\$ 1 milhão. Em 2016, foi vendido mais uma vez, agora para o museu Ripley's Believe It or Not, por quase US\$ 5 milhões, se tornando o mais caro de todos os tempos. E, na segunda à noite, lá estava ele, no corpo de Kim Kardashian, embaixo de um casaco de pele bran-

co. O mesmo vestido, sem alterações, marcava as curvas notórias e exibidas o máximo possível pela estrela de reality show, empresária, influenciadora, ex-mulher de Kanye West, entada de Caitlyn Jenner. Faltava alguma coisa?

Honestamente, não sei dizer. Em relação à descrição de quem é Kim Kardashian, essa é toda a informação que eu tenho. Também sei que ela não entrou no vestido da primeira vez que o experimentou, então fez dieta durante três semanas.

Ai, só faltava mandar buscar o vestido, o que ela fez com um avião particular e muitos seguranças. E só subiu as escadas do Met Gala com ele, já que o acordo era que o vestido por poucos minutos, então mandou fazer quatro réplicas.

Ah, faltou um detalhe. Kim Kardashian é a sócia e garota propaganda da marca de roupas Skims, avaliada em US\$ 3,2 bilhões, segundo a revista Forbes. O carro-chefe é uma cinta dessas que espremem bastante o abdômen, possibilitando que mulheres com silhuetas normais vivam uma noite de estrela de vez em quando.

Como Kim Kardashian na segunda-feira à noite.



Política sem pivetes de tornazeleira

'Borgen', seriado dinamarquês na Netflix, mostra dilemas éticos sem bandidagem

Marcelo Coelho

Autor dos romances 'Tantando com Melvin' e 'Noturno', é mestre em sociologia pela USP

Não sou dos que fazem maratonas de seriado. Prefiro ver o meu sagrado episódiozinho de cada dia, no horário certo, pontuando a rotina com aquele tempo de absorção total. Nos últimos tempos, fiquei preso a "Borgen", série dinamarquesa disponível na Netflix. O assunto é política — com os inevitáveis, e no caso até bem vindos, complementos de romance e drama familiar. Política: isso existe ainda?

As duas primeiras temporadas se passaram em 2015, e a Dinamarca é uma monarquia parlamentar. Não há Twitter nem Instagram; jornais e, principalmente, o noticiário da TV ainda constituem o palco das disputas de poder. É lá que Katrine, a jovem repórter e âncora do noticiário, briga com seu chefe, articula e se rivaliza com outros profissionais, pressiona (ou não) seus entrevistados.

Outra mulher, a primeira ministra Birgitte Nyborg, alterna com o jornalista as torcidas e identificações do público. Não era algo que eu esperasse da Dinamarca de dez anos atrás, mas o machismo ainda se manifesta de forma bem explícita. Não com Philip, o marido-modelo da primeira ministra, mas com quase todos os políticos que não resistem a infantilizar a belta jornalista, e com o "irresisti-

vel" assessor de imprensa do governo, que tropeça em palavras e raiava a cada episódio. Fora essas atitudes pessoais, há o "patricialismo estrutural" de uma situação em que a protagonista se divide entre dois filhos e um trabalho que ocupa todos os seus tempos. "Borgen" faz um retrato bastante plausível de como funciona a política nua democracia. Ou melhor, de como funcionava.

O efeito da série é quase terapêutico, sem ser escapist. Vamos alguém bastante decente no governo de um país. Serve-nos para descansar um pouco dos palhaços, dos milicianos, dos incendiários e imbecis que tomaram conta do Brasil. Birgitte Nyborg age dentro de limites éticos muito aceitáveis; o seriado faz com que a admiramos de forma um pouco irrealista, mas ainda assim não idealiza demais. Mesmo nesse ambiente controlado, certamente a política não é uma coisa bonita de se ver. A cada episódio, a primeira ministra vê um aliado ou um ministro agindo de forma pouco confiável. Cada personagem tem algo a esconder, e se prepara para o momento em que poderá derrubar a do governo. O parlamentarismo tem essa característica: mudanças governamentais podem ser feitas sem novas eleições e sem impeachment. Ao mesmo tempo, não difere muito do presidencialismo em um aspecto, o de que é preciso manter satisfeitos os partidos de sua base. Pelas circunstâncias da história, a protagonista pertence a um partido que não tem maioria absoluta no parlamento; a linha entre partidos de oposição e partidos que a apoiam não é das mais nítidas, e Birgitte tem de negociar o tempo todo. Aí é que as diferenças com o Brasil se tornam mais claras. As negociações dinamarquesas são duríssimas, às vezes frustrantes, e nem sempre bonitas. Não se fala, entretanto, em barras de ouro, dólares na

cueva, diretorias de estatísticas. De um lado, há a negociação puramente programática: para aceitar uma política mais tolerante com refugiados, o partido mais à direita da coalizão exige que controles sobre fabricas poluentes sejam adiados por cinco anos. O partido dos ecologistas reclama: a primeira ministra tem de falar manso, ou falar forte, conforme o caso. A ética, nesse ponto, lá sofre um pouco; o partido ecologista vai ter de abandonar parte de suas exigências se quiser se manter no poder, e seu líder é obrigado a explicar para os eleitores as concessões que fez. Mais um passo duvidoso: é sempre possível votar para a imprensa aliado de errado que os seus aliados andaram fazendo. Ou prometer segredo sobre o fato. Num plano mais geral, podemos perguntar se não é também corrupção, em alto nível, fazer alguma coisa grossa aos abusos de um sequeiro do poder ou do ditador africano que traz milhões de dólares ao seu país, comprando armas que certamente irá usar em algum massacre. E, enquanto você se debate sobre esses dilemas éticos de alto nível, os tabloides os jornalistas de escândalo e os trogloditas do populismo de direita exploram o preconceito e a ignorância do eleitorado. Não é coisa para escoteiros; a política nunca é. Mas parece um parafuso em comparação com o que temos aqui. Tava-se de um jogo entre adultos. Não entre pivetes armados ou condenados de tornazeleira.

[seg. Luiz Felipe Pondé] [ter. João Pereira Coutinho] [qua. Marcelo Coelho] [qui. Orazio Varella, Fernanda Torres] [sex. Djamilia Ribeiro] [sáb. Mário Sergio Conti]

Rússia retoma exibição pirata da era soviética

Após boicote de Hollywood, filmes como o novo 'Batman' e a animação 'Red' chegam ao público baixados da internet

Valéria Safronova

THE NEW YORK TIMES Desde a invasão da Ucrânia, os maiores estúdios de Hollywood pararam de lançar filmes na Rússia, e a Netflix interrompeu a sua operação no território. Mas algumas dessas distribuidoras voltaram a ter filmes exibidos nos cinemas russos — de forma ilegal. As exhibições são remanescentes da era soviética, quando o único modo de assistir à maior parte da produção cinematográfica ocidental era por meio de versões pirateadas. Mas, enquanto aqueles filmes chegavam à Rússia em fitas VHS contrabandeadas, hoje os cinemas do país têm um método mais simples e rápido — a internet. Diversos sites oferecem cópias piratas de filmes que duram minutos para serem baixadas. Alguns cinemas da Rússia estão exibindo abertamente obras pirateadas; outros, mais cuidadosos, permitem que indivíduos aluguem seus espaços para exibir filmes, de graça ou pagando taxa. Um grupo de pessoas alugou, por exemplo, várias salas de cinema em Ecaterimburgo e usou as redes sociais para vender ingressos do novo "Batman". Espectadores também podem assistir ao "Batman" em Ivanoovo, cidade a cerca de cinco horas de carro de Moscou, em um antigo cinema. Em Malhas, capital da região de Magúnia, no Cáucaso, um cinema exibe "Não Olhe para Cima", e em Chita, cidade de próxima da fronteira com a Mongólia, pais podem levar os filhos para assistir à animação "Red: Crescer É uma Festa". Essas exhibições por baixo dos panos são a última tentativa dos cinemas russos de sobreviver depois que estúdios como Disney, Warner e Pa-

ramount saíram do país, em protesto contra a invasão da Ucrânia. Antes da guerra, filmes produzidos pelos Estados Unidos respondiam por cerca de 20% do mercado cinematográfico russo, segundo informações da mídia estatal. Mas, a despeito da tentativa de atrair o público, os russos já que não estão mais frequentando os cinemas. Eles viram a sua venda de ingressos cair pela metade em março, se comparado ao mesmo período do ano passado, segundo a Associação de Proprietários de Cinema russa. Artem Komoliatov, de 31 anos, um produtor de videogame de Moscou, percebeu essa mudança quando ele e a mulher foram ao cinema numa noite de sexta, algumas semanas atrás. Com o clima político que reina no país, os dois chegaram num tempinho em um ambiente tranquilo, com outras pessoas, disse Komoliatov, "assistindo a algo juntos, talvez rindo e chorando". Eles escolheram "Everything Everywhere All at Once", tudo em todo lugar de uma vez, longa do estúdio independente americano A24, que parou de lançar filmes na Rússia em meados de abril. A cena com que se separaram ao chegar ao cinema foi bizarra, conta Komoliatov. "Além de nós, só havia outras três pessoas. Fomos às oito da noite num fim de semana. Em geral, o cinema está lotado". Dada a escassez de espectadores e de filmes, a Associação de Proprietários de Cinema prevê que ao menos metade dos cinemas da Rússia irão fechar nos próximos dois meses. Mesmo se esse prognóstico for verdadeiro, a história comprova que os filmes ocidentais chegaram ao público com ou sem os meios legais para isso. Décadas atrás,

os cidadãos soviéticos se reuniam em escritórios vazios, salas de estar e centros culturais para assistir a cópias piratas de clássicos como "Rota", "O Exterminador do Futuro" e "Nove e Meia Semanas de Amor", que tinham furado a Cortina de Ferro. Nos tumultuados anos que seguiram o desmonte da União Soviética, a pirataria continuou a ser um ponto de acesso a Hollywood à Rússia. Fitas VHS vendidas em mercados locais levavam com frequência longas claremente gravados com câmeras portáteis nos cinemas. Continuando a tradição soviética, os filmes eram dublados em russo, e várias vezes um só homem fazia todos os papéis masculinos da trama, e uma só mulher, os femininos. A abertura do primeiro cinema de estilo ocidental, em 1996, em Moscou, representou o começo do fim da distribuição ilegal de filmes na Rússia, segundo uma pesquisa do Conselho de Pesquisa de Ciências Sociais, instituto sem fins lucrativos de Nova York. No início dos anos 2000, os russos lotaram os cinemas para assistir a blockbusters globais como "Avatar" e "Piratas do Caribe: No Fim do Mundo". E a Rússia logo se tornou o maior mercado nacional em termos de box office, segundo a Associação Cinematográfica Americana. Agora, o futuro dos filmes de Hollywood na Rússia é realmente obscuro. Na semana passada, em torno de 250 pessoas foram assistir a "a primeira" de "Batman" em Moscou, conta Habbilen Halichev, de 25 anos, diretor teatral e artista que organizou o evento, que o descreve como uma performance artística. Em um aceno às exhibições ilícitas da era soviética, Ha-

lichev disse que "tentou mimetizar a atmosfera underground", pondo um projetor no meio do espaço, entre fileiras de cadeiras descaídas. Mas há diferenças cruciais em relação ao passado. Uma delas é o fato de que, se os

blockbusters ocidentais não estão mais disponíveis legalmente, e por opção dos estúdios de Hollywood, não devido à censura do Kremlin. E as exhibições ilegais não representam perigo para os espectadores, além de pouco risco para

os organizadores — até agora. "Há dois meses, isso seria impossível", afirma Halichev. "Agora você pode baixar um filme vendendo entradas, e o que vai acontecer? Não vai haver consequências". Tradução Clara Balbi

TOKIO MARINE HALL

PARA QUE VOCÊ DESFRUTE A MÚSICA TELEIVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

Evento	Data
FAGNER Turnê Aonde Deus Possa me Ouvir	07 DE MAIO
BEATLES PARA CRIANÇAS A HISTÓRIA DA MÚSICA	08 DE MAIO
BETO GUBES e 14 BIS	14 DE MAIO
CHICO CESAR	21 DE MAIO
Beatles para Crianças	13 DE MAIO
Luís Miguel Turnê 45 Anos	20 DE MAIO
Violão e Voz	27 DE MAIO

Participando também as apresentações internacionais de música e dança. Informações: 011 3080 0000 (São Paulo) e 011 3080 0001 (Rio de Janeiro).

Os ingressos são vendidos exclusivamente no site www.tokiomarinehall.com.br. Os ingressos são vendidos exclusivamente no site www.tokiomarinehall.com.br. Os ingressos são vendidos exclusivamente no site www.tokiomarinehall.com.br.

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



**Tenha acesso as principais
revistas do Brasil.**

Distribuição gratuita, venda proibida!